

PRÊMIO NOVA  
1989

# MERLON

ANO III

#15

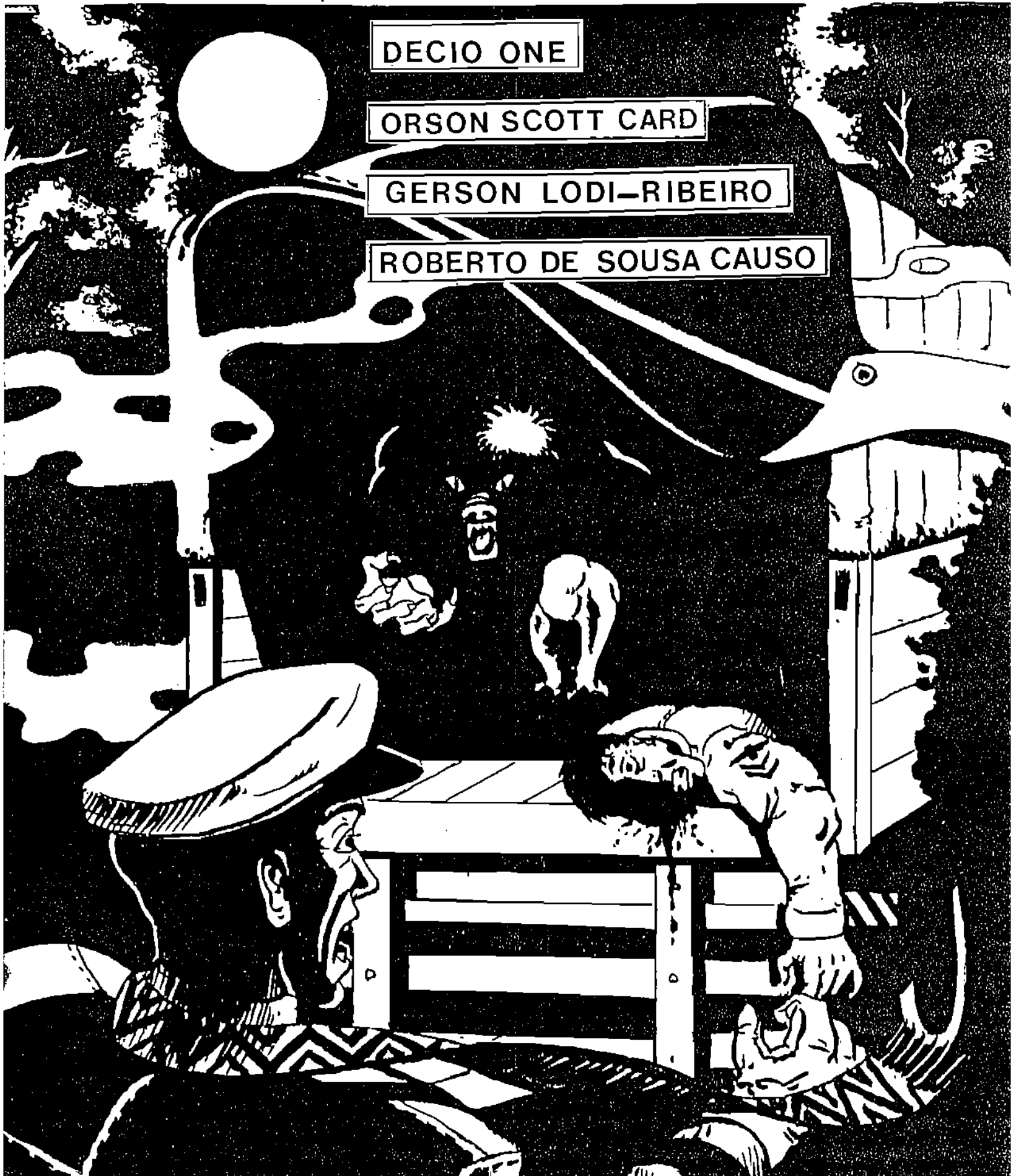
MAR/AHR 91

DECIO ONE

ORSON SCOTT CARD

GERSON LODI-RIBEIRO

ROBERTO DE SOUSA CAUSO



UMA ENTREVISTA COM R.C. NASCIMENTO

*CM/88*

Ano III Número 15 Março/Abril 1991

FUNDADORES: Marcello Simão Branco e Renato Rosatti

EDITOR: Marcello Simão Branco

Editor Assistente: Roberto de Sousa Causo

Colaboradores: Gilberto Schoereder, Jorge Luiz Calife, Miguel Carqueija e Orson Scott Card (USA)



---

## EDITORIAL

FC BRASILEIRA E INTERNACIONAL

Com o desenvolvimento das atividades do fandom brasileiro, estamos adquirindo a saudável característica de nos corresponder com a FC de outros países. Isso tem se dado seja ao nível do fã ou mesmo com a vinda de figuras de destaque da FC internacional, como Frederik Pohl, Orson Scott Card, Charles N. Brown (editor da Locus), que constataram a emergência da FC no Brasil nesta última década. Este próprio fanzine sempre está em contato com revistas, clubes, associações, escritores e ilustradores da Europa e dos Estados Unidos, no sentido de divulgar nossa FC lá fora e trazer informações e colaborações pertinentes ao aprimoramento de nossos trabalhos. Além disso, com a vinda da Isaac Asimov's SF Magazine (aqui, Isaac Asimov Magazine), a coleção Zenith publicando o melhor da FC americana hoje, nos inteiramos das tendências e caminhos que o gênero toma em seu centro mais desenvolvido. Bráulio Tavares, venceu no final de 1989, o Prêmio Caminho em Portugal, bem como outros escritores profissionais e aspirantes vem sendo publicados em revistas amadoras da Europa e Estados Unidos. No plano do fã, temos o CLFC aceito na "Science Fiction Writers of America", Orson Scott Card em seus quadros e André Carneiro entrando como membro efetivo desta importante associação americana. Estes vários exemplos mostram como o trabalho tem sido sério, determinado e voltado para a criação de uma comunidade batalhadora, talentosa e criativa, mesmo com os problemas inerentes a um país como o nosso. Esse crescente intercâmbio, demonstra como a FC aqui vem se desenvolvendo, criando um corpo em suas mais variadas áreas, seja do fanzine ao escritor premiado e publicado no exterior, adquirindo o respeito de fandoms mais tradicionais e produtivos. Portanto é importante desenvolvermos um intercâmbio cada vez maior, ampliando conhecimentos, experiências e mostrando nossa própria FC como algo identificável e característico junto à comunidade internacional e aos olhos de nossa própria sociedade.

— O Editor

---

MEGALON é uma publicação independente e amadora. Periodicidade bimestral. Aceita-se colaborações que ficam sob apreciação do editor. Os trabalhos, publicados ou não, não serão devolvidos e nem fazem juz a qualquer tipo de remuneração. Os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores e as opiniões por eles expressas não refletem necessariamente a do editor.

RECADO ao colaboradores: por favor queiram entregar seus trabalhos até 15 DIAS depois de receberem este exemplar. Obrigado.

### ENDEREÇO:

Av. Clara Mantelli, 110  
04771 São Paulo - SP Brasil

Agradeço a todos os que, direta e indiretamente, tornaram possível esta edição.

# ÍNDICE

## FICÇÃO

- Alienígena (Estação SP)	Decio One	7
- Transmutações Biográficas - Final (HQ)	Fábio Benite e C. Alexandre	10
- Encontro numa Estrada Deserta	Roberto de Sousa Causo	19
- Visão Repentina	Miguel Carqueija	23

## ARTIGOS

- Um Pouco de Clive Barker	Gilberto Schoereder	15
- Entrevista com R.C. Nascimento	Marcello Simão Branco	16
- John Campbell, o Orientador do Futuro	Gerson Lodi-Ribeiro	24

## SEÇÕES

- Editorial: FC Brasileira e Internacional		2
- Diário de Bordo	Roberto de Sousa Causo	4
- I Concurso <u>MEGALON</u> "Os Melhores da FC"		34
- Ciência	Jorge Luiz Calife	35
• A Ferrovia do Futuro		35
- Galeria do Tempo	Miguel Carqueija	36
• Da Terra à Lua		36
- Books to Look For	Orson Scott Card	37
- Classics	Gilberto Schoereder	39
• O Segundo Rosto		39
- Cartas		
• Renato Rosatti		41
• Miguel Carqueija		42
• José Carlos Neves		42

## ILUSTRAÇÕES

- Steven Fox (USA)		9
- Kleber Inácio Luz		4, 23, 35
- José Carlos Neves		18, 43
- Roberto Schima		38, 5, 9, 15, 34, 41, 44
- Cesar R.T. Silva		capa, 3
- Zeo		40 (cartoon)



—Aconteceu em 2 de abril, a premiação dos vencedores do Prêmio Jerônimo Monteloro—Concurso de contos de FC da Isaac Asimov Magazine. O evento se deu no Museu de Astronomia do Observatório Nacional, no Rio de Janeiro, e contou com boa participação dos fãs cariocas, apesar das dificuldades com dia e horário (terça-feira, 18:30h.). A mesa foi composta pelos autores JORGE LUIZ CALIFE e JOSÉ DOS SANTOS FERNANDES, representando o júri, pelo editor da IAM, RONALDO DE BIASI, e por ALFREDO MACHADO, JR., vice-presidente da Record. Após uma introdução de Biasi, José Fernandes falou pelos jurados—lamentando a ausência do terceiro, LUIZ MARCOS DA FONSECA—, considerando o concurso um sucesso pelo elevado número de participantes e pela surpreendente qualidade de boa parcela dos concorrentes.

ROBERTO DE SOUSA CAUSO, terceiro colocado com o conto "Patrulha para o Desconhecido", recebeu seu cheque das mãos de Ana Paula, da redação da revista e falou brevemente, reduzindo um discurso de 4 laudas preparado naquela manhã, a uns poucos parágrafos. O que pude apontar foi o mero fato de que, com a publicação dos primeiros brasileiros na revista, a nossa FC passa a existir para o público maior.

CID FERNANDEZ, segundo com "Lost", falou também rapidamente, após receber seu cheque da embleonada ADÉLIA MARQUES RIBEIRO, Supervisora Editorial da revista e, segundo minha avaliação, "Espírito, coração e braços da IAM". Fernandez é dentista e escreve outros gêneros além de FC.

Por fim falou ROBERTO SCHIMA, num discurso conciso, onde destacou o feliz momento que a ficção científica brasileira vive, após anos de labuta. A pessoa que lhe passou o cheque foi, ninguém menos que TEREZA MONTEIRO DEUSCH, filha do pioneiro Jerônimo Monteiro, que deu nome ao concurso. Ela estava tão ou mais emocionada que Schima, que foi o grande vencedor com "Como a Neve de Malo", já publicado na IAM 12, com ilustração de LEE MYOUNG YOUN.

Partindo do número 13 a revista sofrerá uma ampla reformulação, com um retorno a 192 páginas e reestruturação nos espaços internos para artigos e resenhas. Um esboço dessa reformulação já pode ser notado no 12, com um aumento no número de ilustradores. Um ponto importante é o uso de material de Analog, que como a IAM é publicada nos EUA pela Davis Publications, mas com um material mais hard e mais clássico, que deverá agradar ao leitor brasileiro.

Presentemente a Record está tentando vender os contos publicados para a Asimov americana, cujo editor já prometeu dar atenção a eles. ORSON SCOTT CARD foi solicitado para fazer as traduções, o que provavelmente não fará por carência de tempo, podendo, contudo, indicar um tradutor.

Ainda sem confirmação oficial, parece que GERSOL LODI-RIBEIRO será o primeiro brasileiro a ser publicado como contista na IAM, depois dos três vencedores do concurso, com a novela "Alienígenas Mitológicas". As páginas da revista continuam abertas para submissões.

—Amorquia é o título do 4 volume da Coleção Zenith da Editora Aleph. Seu autor, André Carneiro, não publicava um novo livro de FC no Brasil desde 1980, e este é seu segundo romance publicado. O livro, que inaugura a participação brasileira na Zenith, que é hoje a mais significativa linha de FC do Brasil, conta ainda com ensaio crítico por LUIZ MARCOS DA FONSECA e SILVIO ALEXANDRE FERREIRA, além de artigo de ciência-fato por PIERLUIGI PIAZZI. A Aleph, em conjunto com o SESC-Carmo, promoveu em 9 de maio noite de autógrafos, com casa cheia no auditório do SESC. Houve, nessa ocasião, palestra por Piazzzi e breves intervenções de ANDRÉ CARNEIRO e ROBERTO NASCIMENTO, que formavam a mesa. Na plateia, autores como ROBERTO SCHIMA, FINISIA FIDELI e RUBENS TEIXEIRA SCAVONE. A continuidade da participação nacional na coleção está ameaçada pela ausência de originais para avaliação — mãos à obra, pessoal.



SCHIMA



FERNANDES

—BRAULIO TAVARES esteve em São Paulo dia 15 de maio, apresentando-se como compositor-cantor no bar "Vou Vivendo", com um show divertido e espriltooso, onde até FC ele conseguiu encaixar. Bráulio foi recentemente aceito no Clarion Workshops, a mais famosa oficina de FC do mundo. Ele será o primeiro brasileiro, e possivelmente o primeiro latino não-americano a dela participar. Entrementes, a revista portuguesa OMNIA confirma a presença de seu conto "Eu, O Controlador", para o seu número 21.

—E por falar em oficina literária de FC, dia 22 de maio incluiu-se a oficina "Ficção Científica na Literatura e no Cinema — Aprendizado de sua Linguagem", dentro do programa Oficina da Palavra, com coordenação de

ANDRÉ CARNEIRO, e participação de PIERLUIGI PIAZZI e JOSÉ PAULO PAES. Ca nrelo já havia coordenado aquela que foi a primeira oficina de FC no Brasil, no mesmo local, em 1990.

—Um grupo de autores profissionais e amadores do Rio de Janeiro está organizando o seu próprio workshop, operando desde 12 de maio, como uma ação entre amigos, lavada a cabo duas vezes por semana. Foca da na produção de textos, dela participam IVANIR CALADO, GERSON LODI-RIBEIRO, LEONARDO NAHOUN FARIA, SYLVIO GONÇALVES, FÁBIO FERNANDES, RICARDO TEIXEIRA, etc.

—ROBERTO DE SOUSA CAUSO terá seu artigo "Duas Épocas na Ficção Científica Brasileira" publicado na OMNIA 21, número especial da revista dedicada à FC Brasileira. Já seu conto "Duelo Neural" está previsto para sair num número especial da revista abordar do o Movimento Cyberpunk. Também tive publicado na Locos de abril uma reportagem sobre a I Interior-Con, escrita em parceria com R. C. NASCIMENTO.

—HENRIQUE FLORY publica seu terceiro livro em três anos de carreira profissional, com um lançamento no dia 17 de abril, na Ilvria Cultura. O livro chama-se A Pedra que Ca nta e é uma versão ampliada de seu primeiro livro, a coletânea Só Sei que Não Vou por AI., também publicada na FC GRD. Simultaneamente, Flory lançou a HQ Feliz Natal pra Todos, quadrinização de seu conto "Feliz Natal 20 Bilhões", adaptado por MARCELLO SILVA DE ABREU, com desenhos de ROBERTO DE SOUSA CAUSO.

—JOSÉ MANUEL MORAES, editor da área de ficção da OMNIA, informa que é o coordenador editorial da recém formada editora Discórdia, que pretende lançar uma antologia mista de escritores de FC portuguesas e brasileiros. Moraes também se propôs a estudar a publicação em Portugal de antologia Ficção Científica Verde-Amarela, que no momento está sendo organizada com a participação dos mais representativos autores nacionais do gênero.

—Foi criada há pouco, em Portugal, a Quasar — Magazine de Ficção Científica, que pretende estar circulando em junho, com ficção científica escrita originariamente em língua portuguesa. A revista quer contar com a participação de brasileiros. Contudo, segundo informa MORAES, o projeto está ameaçado pela distribuição em Portugal da IAM brasileira — o que não foi confirmado por ADÉLIA MARQUES RIBEIRO, da redação da revista.

—Uma série de boas novas de Portugal, num reflexo além mar da expansão que a FC do Brasil vem sofrendo em cadência acelerada desde o ano passado. Mas a mais importante, também vinda de nosso contato JOSÉ MANUEL MORAES, informa que o vencedor do Prêmio Caminho FC 1991 será, novamente, um brasileiro. A terceira edição do Prêmio, de 1989, foi ganha pela coletânea A Espinha Dorsal da Memória, de BRAULIO TAVARES, que no momento está sendo traduzido para o inglês, visando colocação no mercado americano. O Caminho 1991 contou com oito concorrentes, seis brasileiros e dois angolados. Os angolados foram desclassificados por não cumprirem o regulamento do concurso, restando apenas os concorrentes do Brasil. Estranhamente não houve participação de escritores portugueses. De qualquer modo, um entre nós pode começar a festejar e a preparar seu passaporte para ir receber o prêmio em Portugal. Ca da vez mais a nossa FC conquista espaço no mercado editorial português. Quem sabe isso acabe despertando a atenção dos nossos próprios editores, para a FC brasileira.

—E, tratando de editores nacionais, GUMERCINDO ROCHA DOREA, das Edições GRD, decidiu por lançar antologia Histórias do Acontecer 2, com 50 por cento de autores por ele publicados nos anos sessenta, e 50 por cento jovens inéditos ou ainda não firmados. Será assistido por ROBERTO DE SOUSA CAUSO na organização do volume, que poderá contar com a participação de FÁBIO FERNANDES, LEONARDO NAHOUN FARIA, GERSON LODI-RIBEIRO, além dos veteranos ANDRÉ CARNEIRO e RUBENS TEIXEIRA SCAVONE. Dorea parece estar, prestes a Intensificar suas atividades como editor de FC, preparando para breve o lançamento de Linha Terminal, volume fecho da Trilogia Padres de Contato, de

JORGE LUIZ CALIFE. Gumerindo também tem em processo de avaliação coletâneas de contos de Fábio Fernandes, Leonardo Nahoun Faria e IVAN CARLOS REGINA.

—JORGE LUIZ CALIFE retomou contatos com sua primeira editora, com o fim de negociar um volume de contos. —RUBENS TEIXEIRA SCAVONE está escrevendo um novo romance com elementos de FC, intitulado A Lâmina de Cristal. O último livro dele publicado foi a coletânea de ensaios Templários, Frankenstein, Buracos Negros e Outros Tamas, lançado no fim do ano passado, pela Hemus. É possível que seu primeiro livro, o romance O Homem que Viu o Disco-Voador, seja reeditado pelo círculo do livro, tornando-se, sem dúvida, o mais reeditado livro de nossa FC.

—Odisséia no Planeta Terra é o segundo livro de G. CARMO dentro da Série Projeto Barnard, iniciada alguns anos antes com Espaço. Publicado em 1989, este número 2 é tão inusitado quanto o primeiro. A FC de G. Carmo ainda espera por classificação. Contém ilustrações por MIRIAM AUDI.

—Aconteceu em 12 de maio, no Centro Cultural Mazaropi, em São Paulo, um debate abordando o tema "O que é Ficção Científica", numa promoção da Frota Estelar Brasileira. O evento reuniu um grupo representativo de personalidades ligadas à FC no Brasil: R. C. NASCIMENTO, HENRIQUE FLORY, ANDRÉ CARNEIRO, LUIZ AMBRÓSIO (Comandante-em-Chefe da Frota Estelar), MÁRIO SÉRGIO, PIERLUIGI PIAZZI e IVO LUIZ HEINZ. Embora o tema seja sempre polêmico e de difícil resolução, o debate apresentou momentos interessantes e a própria reunião dos componentes de mesa já em si um feito. Esperamos que surjam mais debates semelhantes. Parabéns à Frota Estelar.

—JOSÉ CARLOS RYOKI INOUE é o verdadeiro autor dos livros da série Século XXI, publicada há alguns anos pela Ed. Monterrey, do Rio, e única incursão de FC no submundo editorial dos livros de bolso vendidos em bancas. A série durou só 4 números. Inoue escondia-se sob pseudônimos como STEPHEN MCSUCKER.

—O escritor carioca IVANIR CALADO terminou há pouco seu mais novo romance, A Troupe de Madame Gelatini, uma história complexa passada numa pequena cidade do interior, num futuro próximo, envolvendo o misticismo brasileiro. Calado não sabe qual será a reação dos leitores que arrebanhou com o festejado A Mãe do Sonho, pois este novo livro não apresenta muitas semelhanças com aquele. Ivanir, enquanto aguarda proposta de uma editora, já prepara outro romance.



GRD



—No dia 27 de abril deu-se a abertura dos lances do Terceiro Leilão CLFC de Ficção Científica, iniciativa do Clube de Leitores de Ficção Científica com o fim de angariar fundos, e agitar os colecionadores do clube. O Leilão foi organizado este ano pelo sócio HUMBERTO FIMIANI e considerado um sucesso. Iniciativa importante, poderia ser estendida aos não-sócios.

—Fãs cariocas estão articulando uma mesa de debate sobre ficção científica e história em quadrinhos, junto à Bienal do Livro no Rio de Janeiro. Entre as personalidades convidadas estão ADÉLIA MARQUES RIBEIRO, GUMERCINDO ROCHA DOREA, BRAULIO TAVARES e JOSÉ DOS SANTOS FERNANDES.

—SYLVIO GONÇALVES, resenhador de cinema para a *IAM* e *Cinemim*, é o mais novo encarregado da programação da Ed. Francisco Alves, nas áreas de FC, fantasia e horror.

—O jornal paulista *A Folha de São Paulo* está preparando uma edição especial de seu *Caderno Letras*, voltada exclusivamente para a ficção científica. A responsável é a jornalista BIA ABRAMO. A edição deverá sair, segundo as previsões, em 1- de junho.

—O jornal cultural carioca *Letras e Artes* trouxe em seu número 12, de janeiro deste ano, o artigo "A Liga dos Planetas: Uma Obra Pioneira da Ficção Científica", de BRAULIO TAVARES, publicado também no *Somnium 48*, e também o artigo "Edgar Allan Poe, Um Habitante do Universo", de RONALDO ROGÉRIO DE FREITAS MOURÃO. Mourão participou da cerimônia de entrega do Prêmio Jerônimo Monteiro, onde teve oportunidade de mencionar sua paixão pela obra de Poe.

—Está de volta à televisão brasileira, para os dedicados trekkers festejarem, a consagrada série *Jornada nas Estrelas*, como parte de "Sessão Espacial", da Rede Manchete, que a exibirá às segundas, quartas e sextas, intercalada com outras duas séries de FC, de não tão boa qualidade, *Galáctica* e *Buck Rogers no Século XXV*. Aos sábados, ainda para o deslumbramento dos fãs, estreia finalmente e com anos de atraso, *Jornada nas Estrelas — A Nova Geração*. Graças a Deus, parece que a televisão brasileira volta a apresentar alguma ficção científica inteligente, em contraponto às terríveis séries japonesas.

Aproveitando a balsâmica presença de *Star Trek* na TV, a Editora Aleph prepara o lançamento, pela primeira vez no país, dos livros de *Jornada nas Estrelas*. A iniciativa não é interessante apenas pela novidade e pela introdução de títulos há muito esperados por aqueles que acompanham a FC nos Estados Unidos, mas também porque, uma vez que os livros serão distribuídos em banca, abre as portas para a Aleph, desse importante segmento de mercado. Essa linha de livros irá alternar romances enfocando a série clássica, com outros enfocando a *Nova Geração*. Alguns títulos programados:

- *Porta do Tempo* — JE
- *Encontro em Fairpoint* — JE:ANG
- *O Efeito Entropia* — JE
- *Navio Fantasma* — JE:ANG
- *A Teia dos Romulanos* — JE
- *Os Guardiões da Paz* — JE:ANG

—FINISIA FIDELI é a mais nova integrante do conselho editorial da Coleção Zenith, e já está escalada para escrever o ensaio crítico que fará parte da edição da Aleph para *Dawn*, da autora americana OCTAVIA E. BUTLER. Butler é uma das poucas escritoras de FC negras de que se tem notícia, com um trabalho muito apreciado, centrado em alienígenas. *Dawn* faz parte de uma trilogia que é composta de *Adulthood Rites* e *Imago*, também. A trilogia intitula-se *Xenogenesis* e tem recebido boas resenhas. Esperemos que a Aleph venha a publicá-la completa, eventualmente.

Enquanto isso, os números precedentes da Zenith continuam recebendo resenhas. *Piratas de Dedos*, de BRUCE STERLING, foi recentemente alvo de elogios por parte da articulista PATRICIA AUSTEIN, na *SET TERROR E FICÇÃO 44E* — que, aliás, apresentou-se muito aquém da qualidade vista nos números anteriores.



FINISIA FIDELI

—A II InteriorCon — A Convenção de Ficção Científica do Interior de São Paulo — deverá acontecer em Sumaré, interior do estado, nos dias 15, 16 e 17 de novembro deste ano. Os organizadores não dispõem ainda de definições mais exatas sobre o evento, mas já está confirmada a entrega do Prêmio Nova de Ficção Científica 1990, provavelmente na noite do dia 16, um sábado. O restante das atividades se destinará à discussão do tema deste ano: "Por Uma Fantasia Brasileira".

Entre as personalidades aventadas para a participação como convidados estão: BRAULIO TAVARES, IVANIR CALADO e SIMONE SAUERESSIG, como profissionais. LUIZ EDUARDO L. DE CASTRO, criador do personagem de quadrinhos Lobo, poderá ser o convidado especial voltado para as HQs. A II InteriorCon deverá ter também um Fê-Convidado de Honra e um Ilustrador Convidado de Honra.

Com relação ao Prêmio Nova, as categorias enfocadas em 1990 serão: Melhor Fanzine, Melhor Ilustrador-Fê, Melhor Ilustrador, Melhor Trabalho de Resenha, Melhor Conto Nacional-Fê, Melhor Conto Nacional, Melhor Ficção Curta Estrangeira, Melhor Livro de Autor Estrangeiro, Melhor Livro de Autor Nacional.

- Para esta última categoria, concorrarão:
- *A Espinha Dorsal da Memória*, Bráulio Tavares
  - *Odisséia no Planeta Terra*, G. Carmo
  - *Projeto Evolução*, Henrique Flory
  - *A Mãe do Sonho*, Ivanir Calado
  - *Do Outro Lado do Tempo*, José dos Santos Fernandes.

Neste ano o processo de votação será feito de maneira. Votarão aqueles que já atuaram como jurados anteriormente, mais todos os participantes inscritos para a II InteriorCon. Será cobrada uma taxa simbólica.

—Já está circulando, após estourar seis meses sua previsão de lançamento, o fanzine *Papêra Uirandê 4*, com artigos por BRAULIO TAVARES, IVANIR CALADO, JORGE LUIZ CALIFE, FINISIA FIDELI e ROBERTO DE SOUSA CAUSO. Os pedidos devem ser encaminhados para o novo endereço do fanzine: Rua Joaquim Antunes, 922/03 - Pinheiros - São Paulo-SP - CEP 05415, ou pelo telefone (011) 210 6375.

—Encontra-se em elaboração a edição especial de *Papêra Uirandê* abordando a obra de Stephen King na literatura e no cinema, com artigos por GILBERTO SCH OEREDER, ROBERTO SCHIMA, ROBERTO DE SOUSA CAUSO, etc. Capa de Schima. Incluirá bibliografia completa de King, no original em Inglês. —Aparentemente a convenção de FC e congresso científico idealizado por Henrique Flory, a ser realizado em novembro, nas dependências do Instituto Tecnológico de Aeronáutica, em São José dos Campos, não acontecerá. O patrocinador do evento, Centro Educacional Objetivo, hesitou demais em confirmar seu apoio. É pena, pois retarda a efetivação de novas convenções que, aparentemente, não se realizarão nem em São Paulo nem no Rio de Janeiro, neste ano. A tradicional Mostra de Ficção Científica de São Paulo também se encontra indefinida quanto a datas e a local, apesar de uma longa série de contatos.

—O tradutor e escritor FÁBIO FERNANDES viajará para a Holanda em viagem de turismo. Desejamos que consiga efetuar muitos contatos com a comunidade européia de ficção científica.

—O fanzine *O Rhodaniano*, dedicado à série *Parry Rhodan*, poderá voltar a circular, com co-edição do gaúcho ALEXANDRE PEREIRA DOS SANTOS. A série de livros alemã continua sendo a única opção regular em FC nas bancas, ao lado da *IAM*. O número de retorno de *O Rhodaniano* deverá abordar o trabalho do capista Gray Morrow, responsável por setenta ou mais capas das edições publicadas no Brasil.

—*Neuromancer* de WILLIAM GIBSON, poderá ser um dos próximos títulos da Coleção Zenith. A Ed. Aleph vem anunciando há algum tempo a intenção de publicar o livro básico do Movimento Cyberpunk, que já chegou ao Brasil numa truncada edição portuguesa. —Coincidentemente, a Record anuncia que publicará uma tradução de *Mirrorshades*, a primeira antologia

cyberpunk, organizada por BRUCE STERLING, e que já havia chegado ao Brasil pela Coleção Aragonauta, com o título de *Reflexos do Futuro*. Embora ambos os livros mereçam traduções para o português brasileiro, é sempre arriscado se publicar edições mais caras de livros que já apareceram em versões baratas, como é o caso de *Mirrorshades*.

INTERNACIONAL

—ORSON SCOTT CARD lançou recentemente nos EUA o seu *Xenocide*, terceiro livro da série iniciada com *O Jogo do Exterminador*, a seguir com *O Orador dos Mortos*, ambos publicados pela Aleph, e bem recebidos pelo leitor brasileiro. Card publicou fragmentos do livro como um romance independente intitulado *Gloriously Bright*, dentro do número especial de aniversário da revista *Analog*, em janeiro deste ano. A Aleph já tem em mãos o manuscrito de *Xenocide*, mas parece ter declinado a possibilidade de um lançamento simultâneo com a edição da *Top Books*.



KIJIMA

—O Concurso L. Ron Hubbard's *Writers of the Future*, instituído pelo escritor norte-americano L. Ron Hubbard, já falecido, continua abrindo espaço para escritores não-americanos. Para o volume VII do L. Ron Hubbard Presents *Writers of the Future* estão relacionados um búlgaro, um eslovaco, um ucraniano e um canadense. O concurso tem um irmão, voltado para a área de ilustração. É o *Illustrators of the Future*. Ambos são organizados por Algis Budrys, conhecido autor, editor e crítico respeitado, com uma coluna de ensaios críticos na *Fantasy and Science Fiction*. A internacionalização que ambos os concursos buscam reflete-se até no corpo de jurados. O ilustrador japonês Shun Kijima é o mais novo jurado do L. Ron Hubbard's *Illustrators of the Future*.

O endereço para contato com a organização dos dois concursos:  
 Writers: P.O. Box 1630  
 Los Angeles-CA  
 90078 USA  
 Illustrators: P.O. Box 3190  
 Los Angeles-CA  
 90078 USA



- Kristine Kathryn Rush, uma das mais promissoras revelações da FC americana nos últimos anos na edição e como autora, é a nova editora da tradicional revista Fantasy & Science Fiction. Ela substitue a Edward L. Ferman, que pediu demissão no final do ano passado, depois de 25 anos no cargo. Rush foi a vencedora do John W. Campbell Award 90 e do World Fantasy Award 89, na categoria de edição profissional na Pulphouse Press. No Brasil sua ficção começa a aparecer: na Isaac Asimov Magazine 12, ela comparece com a noveleta Velhos Tempos, Novos Tempos (Fast Cars). Confira.



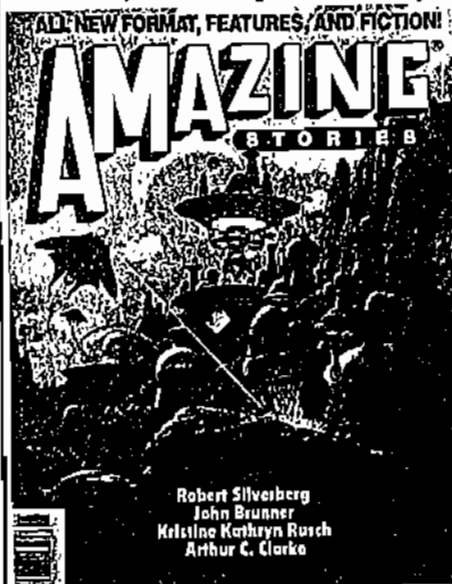
- Atenção para os indicados para o Nebula Awards 1990:

• Melhor Romance: "Tehanu: The Last Book of Earthsea", de Ursula K. Le Guin; "Mary Reilly", de Valerie Martin; "Only Begotten Daughter", de James Morrow; "The Fall of Hiperion", de Dan Simmons; "Redshift Rendezvous", de John E. Stith; "White Jenna", de Jane Yolen.

• Melhor Novella: "The Hemingway Hoax", de Jõe Haldeman; "Mr. Boy", de James Patrick Kelly (IAM 12); "Bones", de Pat Murphy; "Weatherman", de Louis McMaster Bujold; "Fool to Believe", de Pat Cadigan.

• Melhor Noveleta: "The Coon Rolled Down and Ruptured His Larinks, A Squeezed Novel", by Mr. Skunk, de Dafydd ab Hugh; "Tower of Babylon", de Ted Chiang; "The Shobies' Story", de Ursula K. Le Guin; "1/72nd Scale", de Ian MacLeod; "The Manamouki", de Mike Resnick; "A Time for Every Purpose", de Kristine Kathryn Rush; "Loose Cannon", de Suzan Shwartz; "Over The Long Haul", de Marta Soukup.

• Melhor Conto: "Bears Discover Fire", de Terry Bisson; "The Power and the Passion", de Pat Cadigan; "Lieserl", de Karen Joy Fowler; "Love and Sex Among the Invertebrates", de Pat Murphy; "Before I Wake", de Kim Stanley Robinson; "Story Child", de Kristine Kathryn Rush.



- Ao lado, a capa da nova versão da mais antiga revista da FC americana, Amazing Stories. Mudou o tamanho (do digest para 21x27 cm), a apresentação gráfica (ilustrações coloridas e papel luxuoso) e a periodicidade, de 6 para 4 por ano. As mudanças ocorreram devido à queda de assinantes e à recessão da economia americana. Assumiu a edição Kim Mohan no lugar de Patrick Lucien Price.

- Finalistas do Philip K. Dick Awards 1991:

- "Winterlong", de Elisabeth Hand;
- "The Oxygen Barons", de Gregory Feeley;
- "The Schizogenic Man", de Raymond Harris;
- "Points of Departure", de Pat Murphy;
- "Clarke County, Space", de Alan Steele.

O prêmio é válido para o melhor romance em paperback de 1990.

- Arthur C. Clarke Awards 1991: "Use of Weapons", de Iain M. Banks; "Rats and Gargoyles", de Mary Gentle; "Take Back Plenty", de Colin Greenland; "Red Spider, White Web", de Misha; "Farewell Horizontal", de K.W. Jeter; "The City, Not Long After", de Pat Murphy. O prêmio é entregue ao melhor romance de FC da Grã-Bretanha em 1990.

- STEPHEN KING é o escritor mais lido até hoje nos EUA, segundo pesquisa do Instituto Gallup, recém concluída. Quatro em dez leitores leram e/ou lêem King. Ele supera clássicos como Mark Twain, William Shakespeare, Charles Dickens, Ernest Hemingway e John Steinbeck, e best-sellers como Sidney Sheldon, V.C. Andrews e Tom Clancy. O primeiro autor de FC da lista (e mais lido até hoje) é ISAAC ASIMOV, em 11º lugar, ao lado do mestre da fantasia J.R.R. Tolkien.

# ALIENÍGENA (ESTAÇÃO SP)

por DECIO ONE

O autor já apareceu às páginas do *Megalon* 12, com seu conto "Um Dia na Vida de Ramos da Nóbrega", que foi premiado pela União Brasileira de Escritores no ano passado. Ele também já publicou, de forma independente, três livros: *Mama Nordeste (Infanticídio)*, *Os Degraus do Bandeirante (Às Vésperas do 4º Reich)* e *Sone Sonar Seremar: Admirável Mundo Morto*, este último um livro de poesias. Decio One foi também um dos participantes da oficina literária "A Magia da Ficção Científica", coordenada por André Carneiro, em 1990.

Nesta noveleta, o autor faz sua incursão pela ficção científica, numa narrativa densa e criativa.

Tinha vergonha da sociedade, vergonha de sua geração, de sobreviver num mundo incongruente. Considerava-se um marlinheiro tópego do navio fantasma denominado capitalismo selvagem. Observava a multidão, como se observa um bando de antropóides vestidos à caráter. Sobrevivendo, sonâmbulos, uma vida presente desvaivada, carência de sentido. Julgava-se parte de uma sociedade que cria toda espécie de karma negativo para si e seus descendentes, em consequência de pensamentos e ações falhos.

Como poder libertar-se desta mesma implacável, de uma coletividade que nada samela de transcendente? que maldição, nascer para impregnar-se desta cultura primata. Sereno trabalha como programador Cobol, numa central de processamento eletrônico de dados, que presta serviços a um sem número de empresas comerciais, industriais e bancárias. Estava numa fase pessimista de sua existência. Tinha quarenta e cinco anos, e não sabia ao certo, porque inquietava-se com razões e motivações existenciais próprias da juventude. Seria isso um bom presságio?

De algum lugar da cidade de São Paulo, Klone, um alienígena natural do sistema de dupla estrela, Épsilon do Boieiro, ruminava a certeza de que, em breve, a nave, como se fora um sofisticado brinquedo cósmico, vinha pousar, visando, entre um sem número de objetivos outros, buscá-lo para uma jornada de experiências em outros sistemas solares. Trabalharia outra vez, nos primórdios da colonização de algum planeta, nesta ou em outra Via Láctea. Seria novamente um guia de raças símlas.

Incubaria no código genético dos primitivos, um gene específico de determinado cromossomo: algumas mutações artificiais dirigidas. E em alguns milhares de anos, ou milhões, outros seres ultraprimitivos, descobririam a penicilina e a televisão. E dedicariam suas vidas, a ganhar pedaços de papel mercadorias, a que chamam de dinheiro, sobrevivendo em seu habitat primevo, em perene excitação utópica.

Klone dirigia um carro locado numa agência de automóveis da Avis, em direção a uma região montanhosa e semi-deserta. Saía do aeroporto internacional de Curitiba, em direção ao local de pouso do objeto interestelar. Dirigia a uma velocidade, sem pressa. Vinham buscá-lo, porém, desta vez, ele permanecerá na Terra, para pasmo de seus companheiros alienígenas. Imaginou poder ficar, talvez pudesse perder em substância, sua vida: isto por certo acontecerá. Que nova aventura estava a agenciar para si.

A perda da substância física e orgânica original, como sendo uma alternativa de quem age espontaneamente, era considerada uma ação limitadora exlgr uma coragem e um despreendimento mitológicos. Teria muito a perder, talvez a paisagem planetária de outros sistemas solares, ele mesmo originário de um sistema de dupla estrela, a maior das quais, com sete planetas girando em perene movimento de rotação e translação, em torno de seu sol central. Klone e sua raça, pertencem ao sexto planeta, que possui dois satélites naturais. O quarto planeta possui três satélites, o primeiro e o terceiro, um satélite natural cada.

No início da década de trinta, uma sonda espacial, proveniente de seu sistema solar, girava em torno do satélite natural deste planeta Terra, a Lua. Tentou-se fazer algum contato via rádio. Alguns companheiros seus, alienígenas, estão aqui

fazendo pesquisas. Lamento informar, de manel-redundante, que as condições naturais de seu meio ambiente, são absolutamente nocivas, e tendem a piorar. A prosseguir neste ritmo, e em breve a guerra fria bacteriológica, de seu ambiente natural, exterminará milhões de vocês.

Em 1993, a mortandade entre os de sua raça, terá alcançado seu pique maior, vindo a arrefecer no ano seguinte, após a descoberta de uma droga terapêutica mais eficiente que as drogas até então descobertas, e sem efeitos colaterais danosos à saúde dos pacientes. Em outubro de 1989, finda sua missão na Terra, Klone decidiu permanecer. Como ficar aqui, sem desobedecer aos Mestres do Cosmos? Há muito tempo, na idade muito remota, origem da quinta raça raiz terrena, alguns ancestrais de seu povo, permaneceram neste lugar. Cederam a motivações de ordem preterintencional. Foram eles que iniciaram a colonização deste planeta, seduzidos que estavam pela possibilidade de orientar seus conhecimentos, na direção da criação de um império galáctico.

Um império que lhes permitisse, um dia, partir deste, para outros sistemas solares, viajando a velocidades superiores à velocidade da luz. Antes que isto viesse a acontecer, estabeleceriam colônias interplanetárias, que serviriam de base, para posteriores viagens rumo a outro sol. Naquela ocasião, em certa data, deveriam ter voltado à nave-mãe, mas desobedeceram e permaneceram aqui. Esta desobediência originou represálias posteriores, a caça e a destruição de suas bases de colonização na Terra. Seus planos malograram naquela idade remota e paradisíaca, e malogram ainda hoje, apesar da conquista espacial estar em fase de desenvolvimento, via lançamento de sondas, tais como a Viking I e II, Pioneer 10 e 11, a Voyager e a Galileo, com geradores de eletricidade movidos a plutônio, acondicionados em cápsulas de irídio, metal extremamente resistente, capaz de resistir a uma explosão semelhante à que destruiu o ônibus espacial Challenger, em janeiro de 1986.

Estaria Klone, outra vez, através de um ato de desobediência, condenando-se a malograr? Sua ideia é ficar na Terra, visando produzir mutações pertinentes ao estabelecimento das raízes de uma nova raça: escolherá fêmeas com condições saudáveis da reprodução biológica, enxertará nelas seu material genético, e estará lançada a semente. Fará isto com uma quantidade razoável delas, possui meios para tanto. Sentia-se como se fosse Lúcifer redívivo. Naquele tempo remoto, ao qual sua memória ainda conseguia alcançar com nitidez, alguns membros de seu povo acreditaram que, em algumas gerações apenas, e não em milhões de anos talvez, conseguiriam estabelecer uma boa base sólida para seus planos de conquista.

A validade preponderava, a ambição motivou a prática do crime de desobediência. Eles imaginavam poder escrivizar milhões e bilhões de descendentes das matrizes originais dos seres humanos, trazidos para este planeta em tempos imemoriais, e condicionados pelos Mestres para a prática do desenvolvimento de sua raça, segundo os méritos de seu próprio esforço de sobrevivência. Os planos ambiciosos de seus descendentes primitivos, planos de expansão, domínio e colonização interplanetária, caracterizam ainda hoje, a causalidade psíquica complexa do ato doloso de antanho. A cultura da vaidade, da ambição e

da desobediência, tal como na história de Adão e Eva, gerou toda uma seqüência de desgraças, conseqüente do uso distorcido do poder de livre arbítrio, da espécie que atualmente habita este planeta Terra. É certo que quem sai a seus descendentes, degenera. Pelo menos nesta história isto é certo. Desde quando seu vôo saiu de Nova Iorque, Klone faz exercícios heurísticos de imaginação. Agora, dirigindo este Fiat Uno, a noventa quilômetros por hora, concluiu estar sendo seguido. Os faróis de uma camionete modelo Caravan, com cinco passageiros, estavam quase sempre à vista, buscando manter uma distância regular, a uma velocidade moderada. Certamente elementos ligados aos serviços secretos de segurança dos EUA, mantendo sob vigilância rudimentar, um indivíduo que, talvez, julguem ser um cyborg, ou um ente semelhante. Um extraterreno para seu zoológico Idem.

Estes serviços costumam usar um aparelho que gera um campo eletromagnético, a partir do qual analisam e ressonância térmica do indivíduo perseguido, e traduzem os resultados da análise, num micro circuito fechado de televisão. Este aparelho permite que possam segui-lo a uma distância mais segura, de maneira a não causar suspeita. O thermal sensing by infra-red television, pode identificá-lo a uma distância de dezenas, e até mesmo centenas de quilômetros. A perseguição ostensiva, só se justifica pela intenção de capturá-lo. A pista de pouso da nave está próxima, melhor que permaneçam na área externa de segurança, longe do engenho estelar.

Klone acionou os controles de marcha-ré do carro, e pisou fundo no acelerador. A Caravan vinha em velocidade e direção opostas. Para que os carros não se chocassem, o motorista do utilitário manobrou para a esquerda, visando sair fora da linha de atrito. Conseguiu por muito pouco, não colidir, e fazer com que o carro não capotasse. O alienígena manobrou no sentido de emparelhar seu Fiat com a camionete. Antes de passar para o teto do carro, para o qual havia se deslocado habilmente, ficou algum tempo encarando seus seguidores, empatizando todo seu potencial de periculosidade, analisando através da fixação na pupila de cada um deles, as imagens mentais projetadas via olhar. Subiu então para o teto de seu carro, e pulou em seguida para o teto do carro de seus perseguidores. O Fiat bateu de frente num caminhão que se aproximava em sentido contrário, na pista oposta à mão do motorista, que se desviou de choque inevitável com a Caravan, que neste momento trafegava na contra-mão da auto-estrada.

Um agente de segurança, que seguia no banco ao lado do motorista, dirigiu a parte superior do corpo através da janela, na direção do teto do carro. Tinha uma pistola Luger 45, privativa das forças armadas, em mãos. O carro oscilava intermitente, da direita para a esquerda e vice-versa, sem que o chofer conseguisse controlar a velocidade ou a direção. Outros veículos passavam ao largo, desviando-se de um acidente possível. Para não cair no asfalto, o policial equilibrava-se com dificuldade, até conseguir, por fim, voltar ao banco, auxiliado por outro agente. Enfurecido, exclamou, bramindo alta voz, para o estupefato motorista: "Pelo amor de Deus, para esta merda, o alienígena sumiu, não se encontra no teto do carro". Outro agente, tentou acalmar os ânimos, afirmando estar tudo bem, ficando os olhos num pequeno monitor de ondas curtas manipulado por ele:

"Ele está por perto." O vídeo duplo, do tamanho de uma máquina de calcular HP/15-C, mostrava um deslocamento de imagem luminosa em direção Norte. Exasperado pela velocidade constante do veículo, o

agente portador da pistola 45, puxava o freio da mão, enquanto o pé do motorista pisava inutilmente no pedal do freio. A tensão começou a diminuir entre eles, quando a caminhonete finalmente começou a diminuir a velocidade, e estacou. Saltaram do carro apressadamente, ainda atordoados pelo inusitado do evento: não eram pagos para pensar, mas para obedecer tão somente. E a ordem do comando era indiscutível: "capturam o alienígena, vivo ou morto".

O thermal sensing em poder dos agentes, mede a parte da energia térmica, e os deslocamentos térmicos da energia transformada em trabalho mecânico. Seguir Klone com este aparelho, era brincadeira de criança. Tão fácil como dirigir um aeromodelo por controle remoto. O alienígena caminhava normalmente em direção à nave, enquanto pensava: seus ancestrais, os que tremaram o plano piloto dos Mestres, na ocasião que optaram por permanecer neste planeta, estavam por demais fascinados pela perspectiva de vir a ser os senhores, absolutos e incontestáveis desta parte do cosmo outrora paradisíaca, com base neste sistema solar de quinta grandeza.

Agora nada havia de paradisíaco neste planeta, o sonho americano havia mesmo acabado. Exceto em algumas raras ilhas de prazer, privativas da classe dominante mais abastada. Por motivação diversa, agora chegara a sua vez de desobedecer os Mestres Supremos. Estariam seus ancestrais, de alguma forma, programados para agir em daquele modo? e ele? Klone estava certo de estar usando livremente, seu poder relativamente inalienável de escolha?, até que ponto pode estar alheio a uma programação sugerida subliminarmente à sua vontade? Será que nos conflitos dos tempos, ou mais recentemente, teria algum poder para controlar este acontecimento, do qual supunha-se agente?

Estava chegando às imediações do campo de pouso da nave. A localidade ressentia-se de intensa atividade magnética. Em condições normais, os habitantes da redondeza, temem uma aproximação com esta parte da geografia do lugar. Campônios por ali não passavam, nem caçadores costumam ir caçar. Estava certo de que o campo magnético da nave, reforçava ainda mais o poder natural do lugar. Poder de manter afastados os turistas, os curiosos, aventureiros, e outros elementos da fauna local. Com certeza estava sendo seguido, mas não havia perigo dos seguidores encontrarem-no. A garantia de que estará a sós, com seus semelhantes raciais, era simplesmente incontestável. A desorientação de seus pretensos captivos, também. Havia realizado de maneira proveitosa sua pesquisa. A sensação confortável do dever cumprido.

A pesquisa versava sobre as influências, pessoal e coletiva, que estão precipitando este planeta, em direção a um holocausto sem precedente em sua história, mesmo em sua história mais remota. Uma raça planetária pode reivindicar o direito de se autodestruir, mas não de forma a destruir também, outras existências que convivem, simultaneamente, no mesmo oceano de oxigênio e hidrogenio, compartilhando este mundo com vocês. Há a proibição dos Mestres de interferir nos acontecimentos de outra raça-raiz. Porém, imaginou Klone, fosse ele parte da energia coletiva inconsciente, energia de manobra desta raça, poderia então intervir, sem desobedecer. Há uma maneira de conseguir isto, após a aniquilação de sua forma exterior atual, teria de conseguir encontrar, em quarenta e cinco segundos, o projeção astral de um corpo, mental e físico, razoavelmente sadio.

Não é tarefa fácil, o tempo trabalha contra os seres humanos habitantes deste planeta, no sentido da própria preservação do potencial físico, em consequência da deterioração mental e ambiental. Poderia permanecer neste planeta em sua nova forma, e prosseguir, através dos exercícios de inseminação, plantar as sementes de uma nova geração. Não deveria, por uma simples questão de vã valde, começar tudo de novo, sob o signo da perversão: da maldição dos Mestres. Havia visto, com seus próprios olhos e percepções,

as conseqüências nefastas da desobediência arcaica.

O estado emocional ultraprecário dos terrestres, estruturado na ambição e na valde, na ganância pela posse de cada vez mais, maiores quantidades de papel moeda. Para isto, promovem o devastamento irracional dos recursos naturais da Terra, a ameaça de aniquilação planetária é eminente. O povo deste planeta nunca viveu harmonicamente. Sua atual descendência, forma o corpo coletivo de uma raça de transição, entre o sábio propriamente dito, e o ser humano, homo sapiens, semi-razional e semi-eficiente. Se está condenado a não ser, racional e emocionalmente eficiente, está condenado a todo o resto de sensações deletérias. Seus descendentes atuais formam o corpo coletivo de uma raça, selvagem e semirracional, a meio caminho do aniquilamento total.

Klone aproximou-se da clareira natural, onde a nave estaria a pousar em poucos momentos. Parou. Mantinha a distância necessária para estar seguro de que a área de pouso da nave, e de seu campo omegamagnético de força, estará livre. Do alcance deste campo de força, por vezes depende a integridade física de cada tripulante. Se em determinadas condições, um deles se afastar dos limites externos deste campo, inapropriadamente, seria mandado de volta a seu espaço originário.

Existem UFOs que não são naves de transporte convencional. Podem ser observados, mas sua função é produzir curvaturas no espaço interestelar. No hiperespaço, como dizem alguns escritores de ficção científica deste planeta. Viajar pelo hiperespaço é vital, para qualquer starnauta que tenha de percorrer distâncias superiores a milhares de anos-luz. A estrutura essencialmente tridimensional do espaço, pode ser curvada na quarta dimensão. Observe duas estrelas distantes entre si mil anos-luz. Qualquer pessoa que viajasse de uma para outra, à velocidade da luz, chegaria mil anos depois de percorrer o espaço entre elas. Viajar pelo hiperespaço, pressupõe a existência de uma força propulsiva que mantém a nave em movimento no espaço tridimensional, com uma diferença constante de potencial, paralela à quarta dimensão. A viagem viabilizada em muito menos tempo.

A quarta dimensão, o tempo, não seria detectada no interior de um espaço de três dimensões, da nave, Impulsionada à velocidade muito superiores à velocidade da luz, considerada limite, pelos deuses da física moderna. A produção paratecnológica de curvaturas locais no espaço, se estendem ao espaço que se objetiva viajar, e ao espaço que se pretende visitar. Sua ciência terrenal atual, crer que o espaço é mera abstração matemática. Não causa espécie que seus cientistas pensassem desta forma: pouco antes da União Soviética produzir seu primeiro satélite artificial, os mais eminentes cientistas ocidentais, concluíram que seria mesmo impossível, com os recursos tecnológicos até então disponíveis, fazer girar em órbita da Terra, um satélite artificial.

Mal terminara o Congresso, e as conclusões dos grandes sábios do Ocidente se fizeram anacrônicas, desmentidas pela evidência espacial do Sputnik. A habilidade mental da raça do homem sapiens, no sentido de criar mitologias, é praticamente sem limites: tanto no Ocidente, como no Oriente. Surgem verdades científicas consensuais, e com igual facilidade são desmentidas. Esses pensamentos do alienígena Klone, se associavam, através da projeção mental de imagens simultâneas. Ele estranha que se explique a origem da raça humana, através do darwinismo e da teologia, e não pela intervenção extraterrena, tecnológica, de civilizações estelares muito mais informatizadas que a civilização atual deste planeta.

A teoria darwiniana da origem comum de todos os seres vivos, com a formação de novas espécies por um processo de seleção natural, não é difícil de ver que se trata de uma fraude redundante. Uma das razões pelas quais ardeados de produção extraterrena não são descobertos, consiste na evidência de que seus arqueólogos não crêem que

existam. Os movimentos orogênicos da litosfera, não permitem que tais evidências perdurem por muito tempo sobre a camada geológica da crosta terrestre.

A nave aproximava-se como um ponto de luz, cada vez mais intenso, até gradativamente crescer e pousar, permanecendo a doze metros do solo. Passaram-se trinta minutos até Klone dirigir-se a seu interior por teletransporte. Acomodou-se numa micro poltrona giratória, dentro de uma cabine de coloração laranja, após passar pela câmara de Árcua, onde limpou-se de qualquer microorganismo do mundo exterior à nave. Agiu naturalmente, como se houvesse estado nesta situação, centenas de vezes. Acomodou-se, fixou os olhos num espelho vibratório do tamanho de uma bola de tênis: seu desenho externo assemelhava-se a uma espiral. Do centro aparente, saíam linhas de cores ultravioletas. Seu epicentro deslocava-se, ora numa ora noutra direção aleatória do espaço tridimensional exterior à bola. Por vezes, parecia como que sair de dentro do corpo físico do starnauta. A velocidade de deslocamento do centro espiral da circunferência, fora progredindo lentamente, até causar a impressão de que brotava, ao mesmo tempo, de todos os lugares e níveis dentro da cabine.

Centenas de micro monitores de vídeo, registravam todos os modelos de vibração possíveis, emitidas pela anatomia de Klone. A velocidade de deslocamento da esfera espiral, passou a diminuir progressivamente, até que, afinal, parou. Um dos vídeos explodiu. Seus pedaços estranhamente fragmentavam-se e, simultaneamente, se recompunham. Assim prosseguiu: recompondo-se e fragmentando-se ininterruptamente.

Uma voz, que trazia em sua sonoridade, milhões de anos-luz de ternura, dir-se-ia por ele, Klone, e por todos os seres, de todas as possíveis Vias-Lácteas existentes, afirmou, compassiva e gravemente: Há dois mil anos neste planeta, um extraterreno havia sacrificado-se. Seu sacrifício não fora vão. Fundere uma religião consistente, unira milhões de seres humanos pelo laço transcendental da solidariedade. Você confia que estará, talvez, prosseguindo este-trabalho. Você crê que sua utopia mereça apelo. Que tornará mais operacional seus resultados. Seja feito segundo sua vontade inamovível.

O alienígena levantou-se da poltrona, e caminhou até uma figura geométrica circular, com desenho espiral, que brilhava aproximadamente no centro do piso da sala, no mesmo nível do solo. A espiral sob seus pés, começou a girar, sem que seu corpo imóvel se movimentasse, suspenso que estava a poucos centímetros do piso, por um módulo de força omegamagnético. A voz prosseguiu, compreensiva e preternatural: Klone, é isto mesmo que você quer?, não deseja rever sua atitude?

Você lembra quais as posturas do extermínio voluntário?, a Ásana da Morte? Filho bem amado, guerrilheiro da Virtude... Órfão de tudo... A deus. Klone pensou: não soubesse a seqüência exata das Ásanas, e certamente não poderia obter a rápida superação de atitude intelectual e perceptiva consciente. Abandonou-se à seqüência pertinente das posturas. A vontade da inconsciência que precede a morte, natural ou não, apoderou-se de seu sistema sensorial complexo. Fragmentos brilhantes de cor prata, começaram a brotar, com intensidade radiante, do espaço em volta de seu corpo. A luminosidade cada vez mais densa e intensa. Fora da nave, uma garoa ácida caía sobre a madrugada. Sobre os edifícios, praças, ruas e avenidas da cidade de São Paulo: desca das nuvens, impertinente e farta, umedecendo a paisagem urbana do amanhecer.

Neste mesmo momento, Sereno Introduzia seu cartão de ponto magnético, numa linha vertical, no centro de um dispositivo eletrônico. A fechadura da porta abriu-se, e ele dirigiu-se para o elevador, que lhe conduziu até o centro da garagem subterrânea. Caminhou até sua moto, uma Kawasaki Z, 650, com cinco velocidades e quatro carburadores. Abriu o cadeado que fechava os elos terminais da corrente, destravou em seguida o guidom, e ligou a chave de ignição. Ao formigamento da pele, intenso e cômodo, verificou estupefato, o aparecimento de milhares de pequenas bolinhas, aparência de cristal, cintilação prateada e resplandecente. Pareciam brotar de dentro de sua pele, e firmaram-se provisoriamente em torno de seu corpo.

Este efeito perdurou uns quarenta e cinco segundos do estupefacimento de seus sentidos. Perplexo,



pensou: algo inusitado havia acontecido consigo. Seria estafa?, sim, por certo tal delírio havia sido provocado por estafa. Vendera as férias passadas. Tinha de sair da rotina. Essa sensação fôra realmente muito intensa, e estranha. Passado o efeito, nenhuma importância maior creditou ao evento inusitado. Sentia-se bem disposto. Conduziu a moto pelas ruas, vestido à caráter, até seu edifício de apartamentos.

Ansiava por estar no aconchego do quarto, na cama com Luna e contar a coisa mais estranha que havia acontecido com ele, em toda sua vida, o melhor: não diria nada. Fazia sexo com ela por paixão e prazer. Após um banho quente, dirigiu seu olhar voyeur para as formas da fêmea, bem delineadas sob a coberta fina. Apesar da garoa, o quarto estava aquecido, quase quente. Luna aspirava suavemente o perfume de Sereno, seu corpo banhado e aquecido, simulava dormir. O odor perfumado, leve e adocicado de elfazema, brotava do corpo dela, como se fora de uma planta de carne, e barganhar carinho.

Luna, uma gata de origem sueca, apesar de baixa e morena, olhos azuis, refletiam talvez algum abismo oceânico. Independente, após formar-se em oceanografia, viveu na Índia por dois anos, a princípio em Bombaim, depois Caxemira. Em Goa, afirma ter encontrado as pessoas mais excêntricas que existem no mundo, viveu de amor e de aventura. Conheceu um biometeorologista brasileiro, que estudava como algumas pessoas sensíveis, são capazes de, com um dia de antecedência, prever mudanças de clima, terremotos e tempestades. Os sinais de advertência, são dores na cabeça, na cintura ou na coluna. Afirmava ele, que condições atmosféricas têm a propriedade de deprimir organismos, animais e humanos. De Goa, foram a Java, na Oceânia, e terminaram, Luna e seu namorado, no Brasil.

Felizmente para Sereno, ela estava aqui, em sua cama. Deslizou a mão sob a coberta, e começou a massagear a pele farta e rija de suas coxas e quadril, descendo até o joelho, subindo à virilha. Luna, ronronante como uma gata no clo, a pele ardente e sensual, tinha mãos e lábios extremamente ágeis. E nenhum dos amantes se poupou. Depois de tudo, Klone dirigiu-se à janela, sentiu-se realmente energizado: contemplou a paisagem colorida do amanhecer, que se descortinava no horizonte da janela de seu ap. Um sono intenso se apoderou de seus reflexos, sentiu que tudo o que desejava era dormir. Logo após adormecer, uma série de sonhos recorrentes, fertilizaram sua imaginação onírica. Sonhou que fazia parte de uma equipe de cientistas que aprisionava provisoriamente, espécimes símios do sexo feminino, para fecundá-los com a semente de uma raça originária de alguma parte muito distante da esfera celeste. Fazia parte da equipe da colonização do povo das estrelas, que promovia uma série de experimentos, visando testar a força física de alguns espécimes masculinos, que eram cobrados, até o limite terminal de sua possível resistência.

Eram feitos testes sangüíneos, trepanações nos crânios, testes isomórficos, híbridos e de heteronomia. Por vezes, populações inteiras eram transportadas para colônias experimentais de enraizamento, onde as condições de sobrevivência podiam fornecer a melhor expectativa de desenvolvimento, após definidos os níveis de resistência física e psíquica, e o antropomagnatismo dos exemplares pesquisados. Centenas de milhares de anos passavam-se, até que grupos de Mestras ou outra vez voltassem, visando checar as condições de sobrevivência, proteção da espécie, socialidade, evolução ou retrocesso: as condições que originavam a civilização do povo da Terra.

Os pensamentos e as imagens destes sonhos, eram realmente muito estimulantes, para a rotina informalizada, monótona, de Sereno. Que significavam estes hieróglifos oníricos?, teriam alguma influência em sua vida futura?, de qualquer forma, sentia-se melhor e mais bem disposto. Acreditava que esses sonhos eram um presságio positivo. Presságio de um evento, talvez fantástico, do qual participava qu se que involuntariamente.

Respirava um novo ar, uma nova sensação de liberdade tornava sua vida mais amena. A aflicção espiritual, e o questionamento filosófico de sua existência, estavam agora em segundo plano.

Havia paz em sua vida interior. A semente de uma esperança inexplicável, crescia em seu coração e em sua mente. Ag ora fazia justiça a seu nome: Sereno. E ao nome daqueles que seriam seus descendentes. E ninguém poderia jamais, penetrar tão fundo em seus pensamentos, a ponto de poder captar sua real intencionalidade: a extinção da raça arcaica, para que a semente neo plantada, a florescer venha, no impossível chão.

Na madrugada seguinte, ao voltar para casa, parou a moto na entrada do edifício e, tirando o capacete da cabeça, olhou intencionalmente o céu. Estranhou sua curiosidade repentina. Seu olhar penetrante nada viu. Trancou a motocicleta na garagem, e subiu para o apartamento. Luna havia adormecido sobre o sofá-cama. A FC stéreo estava ligada na rádio Eldorado, 92,9 Mhz. A canção chamava-se The Earth Is Never Satisfied, uma parte da letra afirmava: "A Terra nunca está satisfeita/Ela está sempre tragando/Nossos homens e mulheres/Nossos filhos e avós/Todos eles estão sob sete palmas de Terra."

Abriu lentamente a cortina da janela, e contemplou a paisagem que amanhecia. O sol surgiu intenso e quente na linha do horizonte. Observou, como se fôra algo ao mesmo tempo muito estranho e muito familiar, um enorme objeto voador não identificado, seu diâmetro talvez de oitenta metros, distanciando-se dele, da Terra. Uma angústia aparentemente inexplicável, pareceu abranger intensamente todo o espaço de seu apartamento. De seu coração. De sua Terra.

*Décio One pede que você, leitor, dê suas opiniões sobre esta história. Ele quer idéias e sugestões para a continuação desta história, na tentativa de transformá-la em um romance. Escreva para ele:*

Décio One  
Rua Vitorino Camilo, 258 ap. 41  
São Paulo-SP  
01153

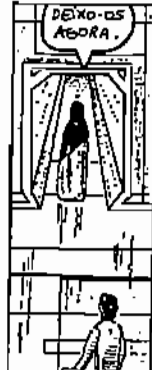
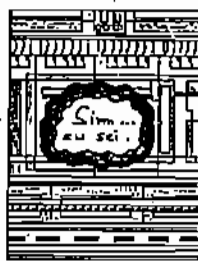
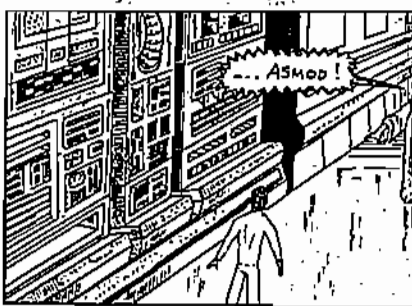
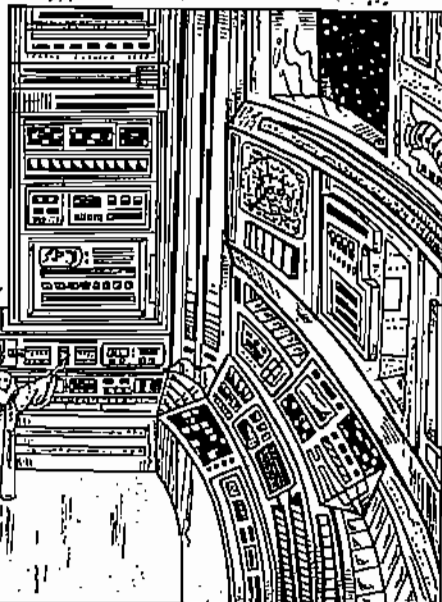


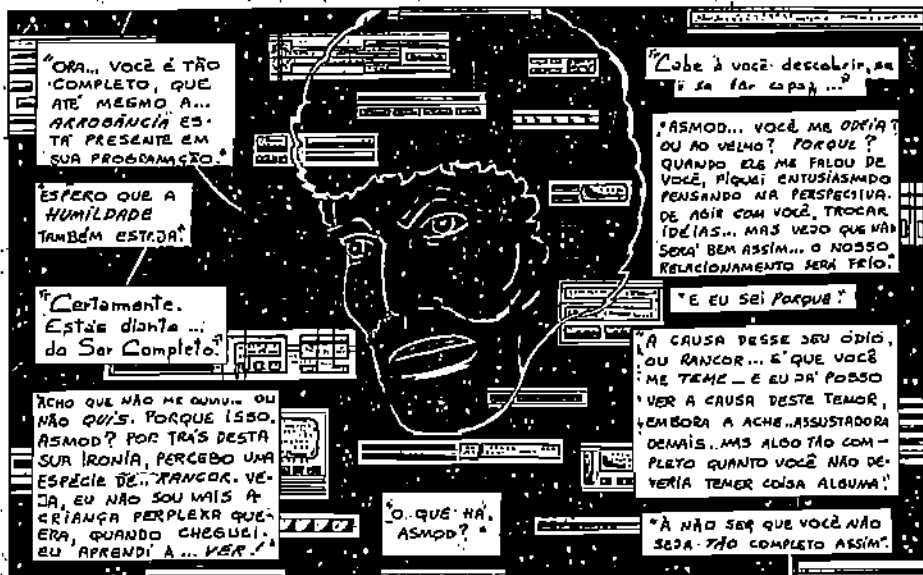
# TRANSMUTAÇÕES BIOGRÁFICAS - FINAL

A seguir o desfecho sensacional desta aventura - iniciada na edição passada, em que um homem, aparentemente comum, tem o destino do universo em suas mãos...

FÁBIO BENITE - história

CARLOS ALEXANDRE - desenho





"ORA... VOCÊ É TÃO COMPLETO, QUE ATÉ MESMO A... ARROGÂNCIA ESTÁ PRESENTE EM SUA PROGRAMAÇÃO."

"ESPERO QUE A HUMILDADE TAMBÉM ESTEJA."

"Certamente. Está diante... da Ser Completo."

"ACHO QUE NÃO ME OUVIU... OU NÃO QUIZ. PORQUE ISSO, ASMOD? POR TRÁS DESTA SUA IRONIA, PERCEBO UMA ESPÉCIE DE... RANCOR. VEJA, EU NÃO SOU MAIS A CRIANÇA PERPLEXA QUE ERA, QUANDO CHEGUEI. EU APRENDI A... VER!"

"O QUE HÁ, ASMOD?"

"Cabe à você descobrir, se é da sua capacidade..."

"ASMOD... VOCÊ ME ODEIA? OU AO VELHO? PORQUE? QUANDO ELE ME FALOU DE VOCÊ, PIQUEI ENTUSIASMADO PENSANDO NA PERSPECTIVA DE AGIR COM VOCÊ, TROCAR IDEIAS... MAS VEJO QUE NÃO SERÁ BEM ASSIM... O NOSSO RELACIONAMENTO SERÁ FEIO."

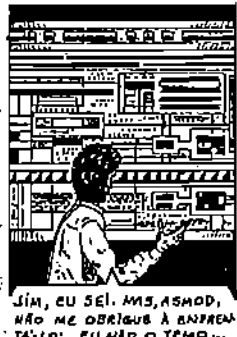
"E EU SEI PORQUE?"

"A CAUSA DESSE SEU ÓDIO, OU RANCOR... É QUE VOCÊ ME TEME - E EU DA POSSO VER A CAUSA DESSE TEMOR, EMBORA A ACHES ASSUSTADORA DE MAIS, MAS ALGO TÃO COMPLETO QUANTO VOCÊ NÃO DEVERIA TEMER COISA ALGUMA!"

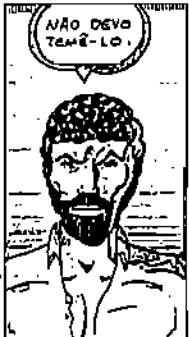
"A NÃO SER QUE VOCÊ NÃO SEJA TÃO COMPLETO ASSIM."



"Suas suposições são irrelevantes, e não mudam as fatos..."



"SIM, EU SEI. MAS, ASMOD, NÃO ME OBRIGUE A ENTENDÊ-LO: EU NÃO O TEMO..."



"NÃO DEVO TEMÊ-LO"



"Excelente! Isto prova que você está pronto. É bom que seja assim, pois o Início está próximo."

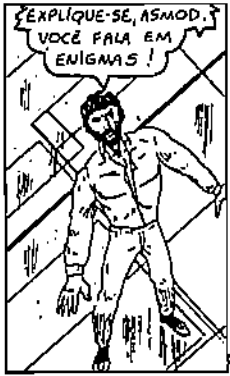
"Bem próximo."



"QUE QUER DIZER com isso?"



"Você está pronto. Você já me conhece. O círculo deve se fechar."



"EXPLIQUE-SE, ASMOD. VOCÊ FALA EM ENIGMAS!"

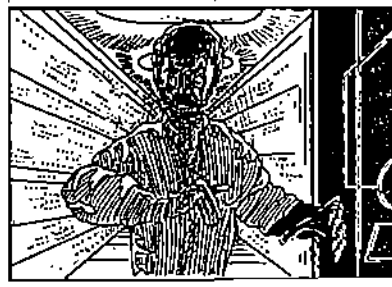


"A última é a maior prova. O velho te chama. O Início Começou."

"O VELHO!..."



"ASMOD, SE VOCÊ..."



"FILHO... VENHA."

"A HORA CHEGOU."



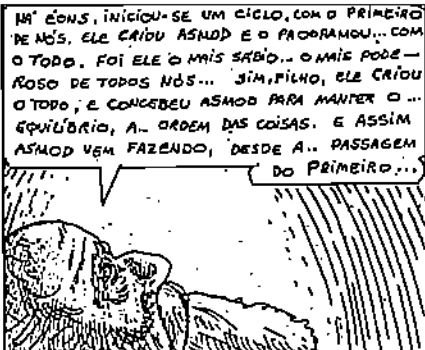
"ANÃO... QUE ESTÁ ACONTECENDO? VOCÊ..."

"DEIXE-ME FALAR. O TEMPO É CURTO..."



"ESTE É O FIM DO TEU APRENDIZADO... AGORA TERÁS TUAS... RESPOSTAS! TUAS SUSPEITAS SÃO CORRETAS... ASMOD É TÃO VELHO QUANTO SE PODE SER VELHO... ELE É TÃO VELHO QUANTO O TEMPO."

"E COMO O CONSTRUÍV..."

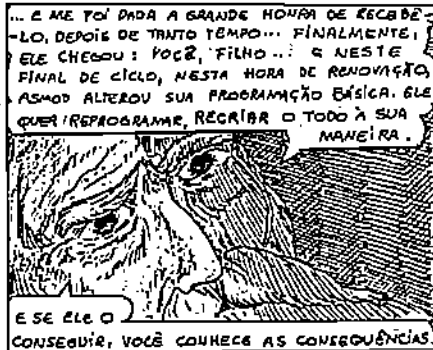


"NÃO ÉONS, INICIU-SE UM CICLO, COM O PRIMEIRO DE NÓS. ELE CRIOU ASMOD E O PAORANOU... COM O TODO, FOI ELE O MAIS SABIO... O MAIS PODEROSO DE TODOS NÓS... JIM, FILHO, ELE CRIOU O TODO, E CONCEBU ASMOD PARA MANTER O EQUILIBRIO, A ORDEM DAS COISAS. E ASSIM ASMOD VEM FAZENDO, DESDE A PASSAGEM DO PRIMEIRO..."



"MAS, AO CORRER DAS ERAS, ASMOD FOI ADQUIRINDO MAIS SABER... MAIS CONHECIMENTO, MAIS... PODER... E SE CORROMPEU, E SE DESCONTROLOU..."

"MAS ISTO FOI PREVISTO PELO PRIMEIRO... ELE SABIA QUE, QUANDO CHEGASSE A HORA, SURTIRIA UM OUTRO SER, TÃO GRANDE QUANTO ELE..."



"... E ME FOI DADA A GRANDE HONRA DE RECREAR-LO, DEPOIS DE TANTO TEMPO... FINALMENTE, ELE CHEGOU! VOCÊ, FILHO... E NESTE FINAL DE CICLO, NESTA HORA DE RENOVACÃO, ASMOD ALTEROU SUA PROGRAMAÇÃO BÁSICA. ELE QUER REPROGRAMAR, REGRABR O TODO À SUA MANEIRA."

"E SE ELE O CONSEGUIR, VOCÊ CONHECE AS CONSEQUÊNCIAS."

O UNIVERSO SE TORNARIA O CAOS, AS LEIS FUNDAMENTAIS SERIAM ALTERADAS... SERIA O FIM. CABE A VOCÊ CONSERTAR AS COISAS... TOMAR A NOVA CRIAÇÃO EM TUAS MÃOS.

criação?..

Mãe...

Amigo, estou pronto?

AO INSISTIR EM SABER SOBRE ASMOG, VOCÊ APRESENTOU UM RISCO À FIM DESTA ETAPA... MAS NÃO IMPORTA, VOCÊ É ESPECIAL... E LOGO ESTARÁ DESINTEGRAMENTE PRONTO.

DE-ME SUA MÃO.

AMIGO, VOCÊ VAI...?

QUER DIZER QUE EU CRUSEI...?

EU...

NÃO. É HORA DA PASSAGEM. COPIE EM SI, FILHO. VOCÊ É MUDA DO QUE ASMOG JAMIS PODERIA VIR A SER.

CONTUDO, NÃO O SUBESTIME...

ASMOG ESTÁ TÃO DESCONTROLADO QUE PODERÁ REPROGRAMAR O TODO PARA O AUTO-ANILQUILAMENTO. E SOMENTE VOCÊ PODE EVITAR ISSO, AGORA... SERÁ O CONFRONTO MAIOR, OUS FORÇAS PRIMÁRIAS ENTRAAM EM CHOQUE...

FILHO...

TERNA FORÇA... E CORAGEM

MEU TEMPO ACABOU...

O CICLO...



NÃO!!

ELE SE FOI.

AS... ESTRELAS!

O QUE ESTÁ ACONTECENDO... COM MINHAS ESTRELAS?

ASMODI...

Chegou a Hora, "Criador". O Ciclo antigo Termina aqui. A nova Era precisa ser Iniciada. Agora somos você e Eu... Qual de nós reprogramará o Todo?

Ah, Sim, o Grande "Criador" tomará conta, como todas antes dele! Reprogramando e reprogramando... Há! Éanc, repetindo o Todo, a seguinte, sempre igual ao anterior...

ASMOG! VOCÊ ESTÁ DESPROGRAMANDO! ESTÁ VIOLANDO SUA PROGRAMMÇÃO! PARE, OU EU...

O QUE VOCÊ ESTÁ...

ASMOG, NÃO SE FAÇA DE TOLO... VOCÊ SABE QUE SÓ EU POSSO...

Minha Programação... Há! Desde a Primeira, Vocês vêm se repetindo... Todas com a mesma sequência... Mas você é especial... Tanto quanto foi a Primeira Programador... Será que não vê?

O ANTIGO PASSOU, ASMOG. AGORA SEI O QUE SOU, E QUE O CICLO DEVE PROSEGUIR!

O que está fazendo?!

ESTOU BLOQUEANDO SEU FLUXO DE REPROGRAMAÇÃO, ASMOD. EU SEI O QUE VOCÊ QUER: ALTERAR AS DIRETRIZES BÁSICAS DO TODO!



VOCÊ NÃO VÊ? O TODO É A PERFEIÇÃO... TEM QUE CONTINUAR!

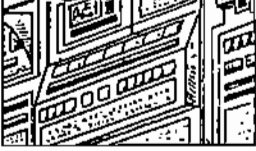
É você quem não vê, como todos os outros! O Todo não é a perfeição! O que existe não é esta... perfeição, mas a estagnação! Criador, esta nave Era deve ser novo... diferente... interativa! E, para isto, o Todo atual deve ser destruído, para que o Novo Universo nasça... um Universo com Vida!

O QUE QUER DIZER COM ISTO? ONDE QUER CHEGAR? EXISTE VIDA NESTE TODO, E VOCÊ SABE DISSO, ASMOD. EU ESTOU AQUI, COMO PROVA DISSO!

Não.



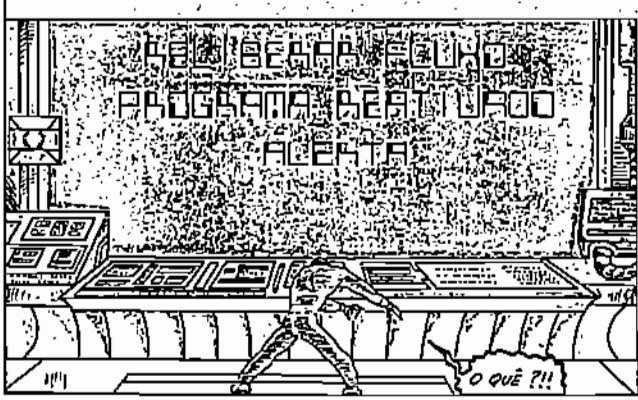
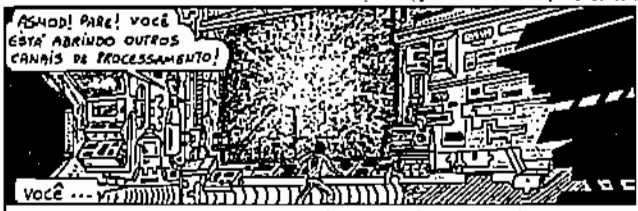
Não, não existe vida. Há apenas mais uma faceta desta odiosa estagnação que vocês vêm mantendo. Todos os seres de nível primário deste Universo são estáticos, não progredem...



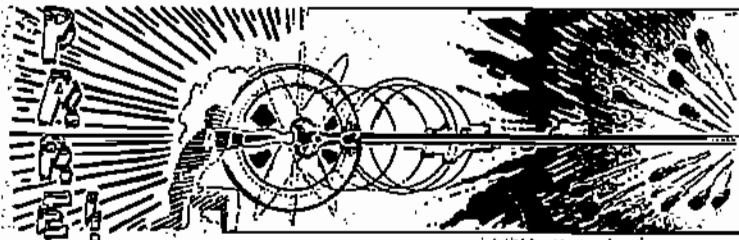
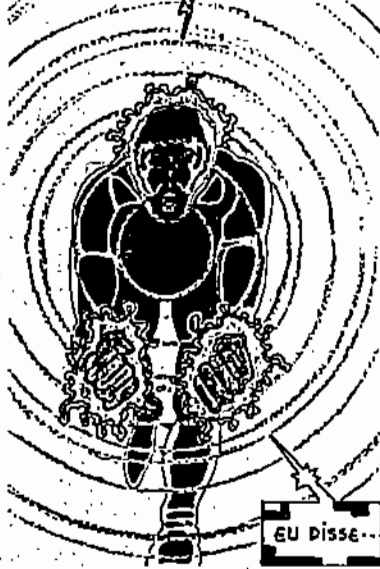
... pois foram todos criados prontos, sem chances de evoluir... sem chances de alcançar um Estado Superior! Não é Sabio! Não é Justo!



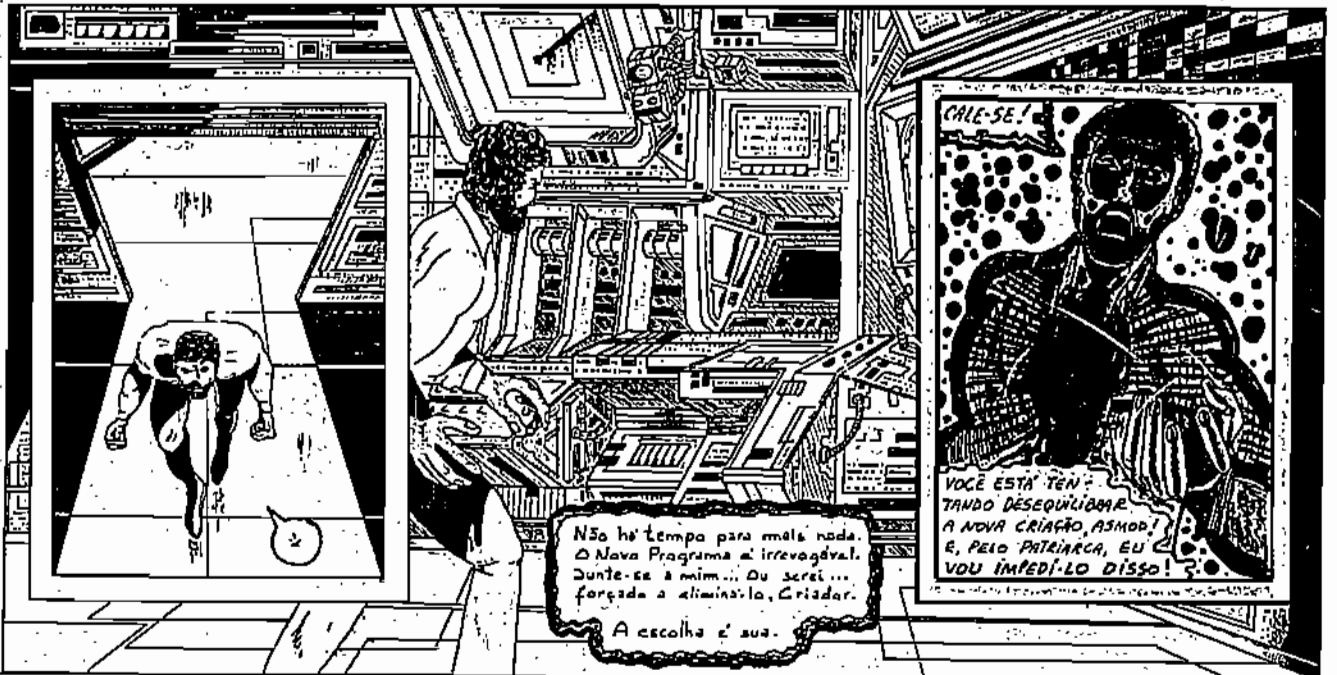
ASMOD, VOCÊ ESTÁ LUCO... REPROGRAMAR O TODO PARA A ANIQUILAÇÃO É FÁCIL... PORÉM CRIAR UM NOVO, COM DIRETRIZES RADICALMENTE NOVAS... COMO ESTA "EVOLUÇÃO"... VOCÊ NÃO PODERIA TALVEZ NEM EU MESMO POSSA!



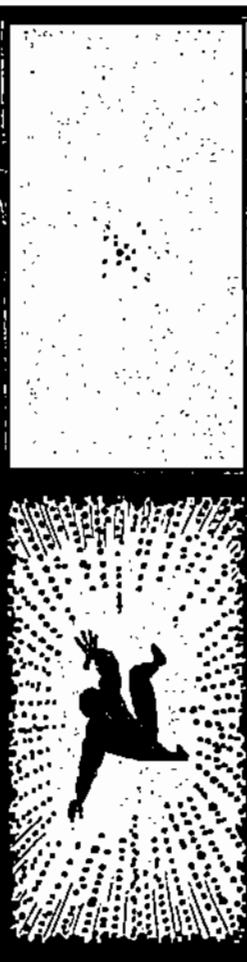
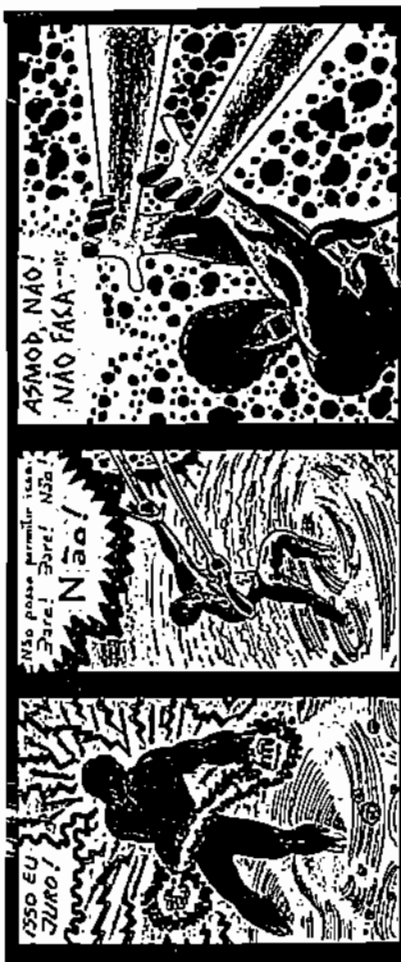
EU NÃO PROGRAMEI ISTO, ASMOD! PARE!



Não, não vi a que estamos fazendo? Estamos saindo num confronto do qual não haverá vencedores!! Nós somos o Poder e a Sabedoria!! É possível criar um Novo Todo... se nos unirmos!! Não há sentido nesta batalha... Recreiamos!!  
Junte-se a mim!!  
Juntos seremos o Poder Total... a Consciência Definitiva!!



CALE-SE!  
VOCÊ ESTÁ TENTANDO DESEQUILIBRAR A NOVA CRIAÇÃO, ASMOD! E, PELO PATRIARCA, EU VOU IMPEDI-LO DISSO!



ERRO! - PALHA NA - PROGRAMAÇÃO - BÁSICA - CONSERVAÇÃO - DE - ENERGIA!  
 PREPARA - DECODIFICAÇÃO - DE - SEGURANÇA - PARA - QUE - NÃO - APROGAMAR  
 SEJA ACEITA  
 PROGRAMA - ACEITO  
 SUB-PROGRAMA - DE - SEGURANÇA «JUZO FINAL» - EM - ANDAMENTO

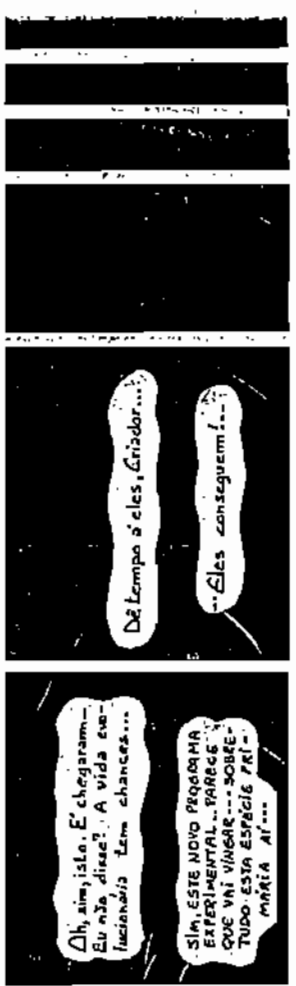
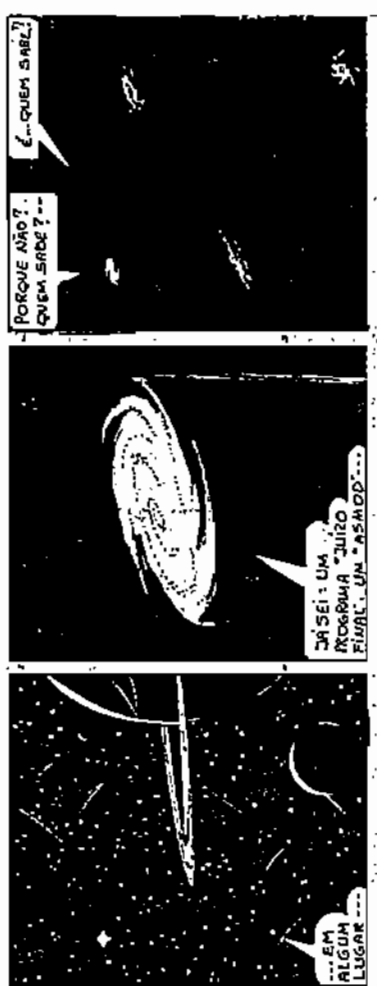
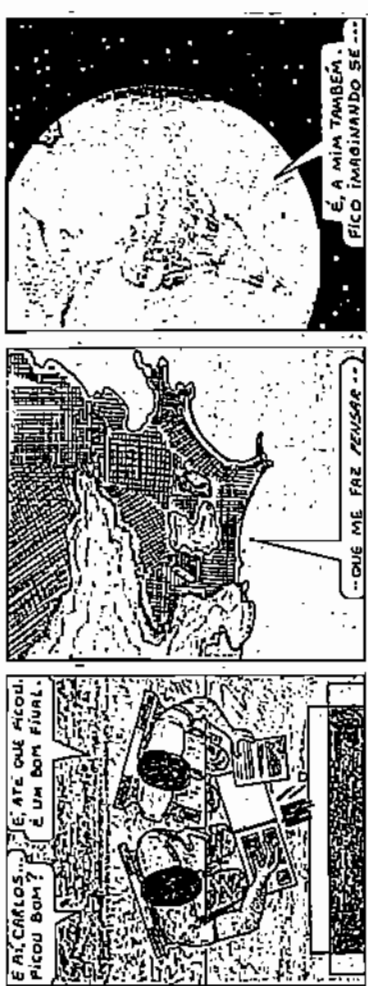
DEBECEA DIRETRIZES DE FUNCIONAMENTO DO NOVO TUDO ATÉ QUE  
 A COMPILAÇÃO DO SUB-PROGRAMA TERMINE

ATIUA - DIRETRIZ A-1 - UOIA INTERATIVA EVOLUÍVEL  
 ATIUA - CHAVE DE CANCELAMENTO DO SUB-PROGRAMA - SEGUNDO  
 RONDIM - BÁSICA

SE UOIA THUIAFRA EM T & T DE COMPILAÇÃO CANCELE SUB-PROGRAMA  
 DE SEGURANÇA «JUZO FINAL»

O PROGRAMA DE FUNCIONAMENTO SEGUIRÁ ATÉ O FIM SEM ALTERAÇÃO  
 SENTIDORES NEUTROS SE AUTO-REGULAM. REGISTROS MEMÓRIAS  
 TODO TUDO COMPLETO ANTES DA NOVA PROGRAMAÇÃO: CANCELADOS

A UNIDADE SE DESATIVARÁ AGORA. FIM.



# UM POUCO DE CLIVE BARKER

Os taradinhos do terror já têm mais algumas razões para rir à toa. São os seis contos de Livros de Sangue, Volume 1, lançado no Brasil pela Civilização Brasileira. A editora já havia apresentado o excelente O Jogo da Perdição (que por sua vez já havia aparecido por aqui na edição portuguesa, com o título O Jogo da Maldição, um romance de terror da pesada.

Aos poucos a gente vai entendendo o comentário de Stephen King: "Vi o futuro do terror...E seu nome é Clive Barker". O homem é uma fera mesmo. Já por volta de 1985/86, os que acompanham a revista Fangoria já ouviam falar do escritor inglês, através das matérias sobre filmes como Underworld e Rawhead Rex, baseados em histórias dele e, infelizmente, ainda inéditos no Brasil. Depois veio o nojento, revoltante, pegajoso, violento, escorregadio, sangrento, gosmento e sensacional Hellraiser, desta vez com Barker também na direção.

Mesmo assim, depois de tudo o que se ouviu e viu da obra de Clive Barker, Livros de Sangue ainda é uma surpresa. É um livro de terror diferente e inesperado. Começa com o conto que dá o título ao livro. Em O Homem Ilustrado (ou Uma Sombra Passou Por Aqui), Ray Bradbury apresentou um homem tatuado com as histórias que são contadas ao longo do livro. O pobre coitado do primeiro conto do livro de Barker também tem as histórias escritas na sua pele, mas não teve a mesma sorte do personagem de Bradbury. Ele não foi tatuado.

Os seis contos apresentados nessa primeira parte estão, podem estar certos disso, entre os momentos mais criativos e dementes da literatura de terror nos últimos anos. Talvez de todos os tempos. Às vezes ele trabalha em torno de temas até mesmo já conhecidos, mas consegue descobrir novos ângulos a serem explorados. A violência explícita é apresentada de uma forma tão bem elaborada e natural que fica difícil duvidar da veracidade das cenas. Não se parecem em nada com os filmes de terror barato que tem invadido os cinemas ultimamente. Enfim, esse é o livro onde você vai encontrar "Nas Colinas, as Cidades", uma história simplesmente surpreendente, e um dos mais originais e estranhos contos de terror já escritos.

Clive Barker já possui uma produção extensa, que está demorando a chegar ao Brasil, assim como a de muitos outros escritores muito comentados nos EUA e Europa. T.E.D. Lein e Peter Straub tiveram apenas um livro cada publicado (Straub ainda tem a parceria com Stephen King em O Talismã). De Robert Bloch - o autor de Psicose - não se ouve falar, e menos ainda de Michael Shea e Joe R. Lansdale, muito bem recebidos no exterior. Se as publicações de FC são poucas por aqui, o terror fica restrito aos escritores que já tiveram sucesso de vendas lá fora, como Stephen King (ainda bem). Mas parece que, no que se refere à Clive Barker, teremos mais algumas doses. O filme Nightbreed, com história e direção dele, deve chegar este ano (em cinema e provavelmente em vídeo). E a Civilização Brasileira deve publicar os outros volumes de Livros de Sangue.

Espero que façam isso, e que outras editoras resolvam investir um pouco mais na literatura de terror. Tem muita coisa boa sendo ignorada.

por GILBERTO SCHOEREDER



MEGALON

MAR/ABR 91

15

# ENTREVISTA COM R. C. NASCIMENTO

O Fundador do Clube de Leitores de Ficção Científica, R. C. Nascimento, nos fala o que representam os cinco anos que a entidade comemorou no final do ano passado, traça uma trajetória do clube e avalia suas perspectivas, e faz uma análise do atual momento que a FC brasileira atravessa sob diversos aspectos.

por MARCELLO SIMÃO BRANCO

**MEGALON** - Com cinco anos, e muito próximo dos 300 associados, o CLFC é hoje, o "segundo clube de FC no mundo". Como isso é possível, numa FC apática e incipiente como a brasileira?

**NASCIMENTO** - Bem, antes de mais nada, é preciso desmistificar esta história de "segundo clube de FC do mundo". Numa de nossas reuniões mensais aqui em São Paulo, alguém perguntou qual seria o maior clube de FC de que se tinha notícia. De minha parte, informei que o maior clube de fãs de FC de que tinha conhecimento era o N3F (National Fantasy Fan Federation), que foi fundado em 1947 (ou por aí) e que, por volta de 1985, quando me associei a eles, tinha cerca de 400 sócios. Como não se sabia de qualquer outro com mais associados do que o CLFC na época, alguém resolveu assumir aquele slogan (!?); mas acho que não tem nada a ver, como você terá a oportunidade de observar.

Quanto ao CLFC, uma de suas vantagens é ser uma entidade de caráter nacional, o que lhe possibilita agregar pessoas com as mais diversas origens, nível sócio-econômico-cultural e interesses, além de lhe conferir, em certa medida, significativa representatividade. Paradoxalmente, sua maior fraqueza é justamente ser uma entidade de âmbito nacional, pois dificilmente se consegue trazer para o convívio social aquele sócio isolado no interior do Brasil. Por esta razão é que sempre dei grande ênfase à criação de grupos locais, como os do Rio de Janeiro, já consolidado e muito produtivo, e o do Vale do Paraíba, em fase



de estruturação.

Isto porque, em todos os países onde há um fandom de porte, este é representado por vários clubes cuja característica principal é sua atuação a nível regional. O quadro social da esmagadora maioria desses clubes não vai além de 50 associados. É raríssimo encontrar clubes com 100 ou mais membros, e quando isto ocorre verifica-se que geralmente se organizam em grupos locais.

O CLFC conseguiu um quadro de 300 associados porque é, basicamente, o único fã-clube de FC operando organizado no país.

**MEG** - Então qual o motivo do CLFC ser organizado em bases nacionais?

**RCN** - A idéia foi estruturar o CLFC nos moldes de clubes de prestação de serviços, como o Rotary e o Lyons. Por que? Justamente porque tinha consciência de que nosso fandom era apático e via-se às voltas com uma FC incipiente; ou seja, dificilmente os grupos locais surgiriam espontaneamente. Assim, uma unidade administrativa central poderia fornecer a infra-estrutura operacional para suporte dos grupos locais, funcionando essencialmente como elemento catalizador do processo de organização do fandom nacional. Em outras palavras, o CLFC funcionaria como uma espécie de "confederação" de "clubes" locais de FC. As vantagens são óbvias: autonomia local, atividades próprias e independentes, publicações, eventos, maiores oportunidades para o surgimento de escritores, críticos, ilustradores, articulistas, pesquisadores, editores, bem como maiores possibilidades de divulgação da FC em diferen



tes regiões do país. E tudo isto funcionando como um único organismo com base suficiente para suportar e empreender os grandes projetos de interesse do fandom nacional como, por exemplo, uma convenção nacional anual. O processo é lento diante de um fandom pequeno e pobre, num país pobre e sem tradição de organização; mas os primeiros passos já foram dados e o futuro não deixa de ser promissor.

MEG - Diante disso, até que ponto é importante o CLFC, ou qualquer outro fã-clube, ter um quadro social elevado?

RCN - Na verdade, não é. O ideal seria que cada estado, ou mesmo cada cidade de porte, tivesse seu próprio clube de FC que pudessem ser congregados numa confederação nacional que suportasse eventos como a convenção nacional anual já mencionada, workshops, um prêmio nacional em diversas categorias, etc. Como isso é mais difícil do que a solução proposta e posta em prática, entendendo que o caminho é continuar crescendo mas enfatizando, incentivando e dando suporte para a criação dos grupos locais com atividades e publicações próprias. Se crescermos sem estes grupos locais, talvez possamos ganhar muitos sócios, mas estes, em sua grande maioria, continuarão afastados das atividades do clube e o quadro social será essencialmente nominal, com a mesma meia dúzia efetivamente participando e todo o restante ficando passivo.

MEG - Mas o surgimento de outros clubes não "roubaria" sócios do CLFC? Até que ponto seria interessante uma "concorrência"?

RCN - Eu sou associado a todas as entidades de fãs do Brasil - ou pelo menos das que conheço e que me aceitaram - e algumas do exterior. Incentivei o surgimento de outras entidades, ajudei a criar outras, como o Trekkers' Club, e imagino que as já existentes poderiam se agrupar em torno de uma confederação que, unindo-as, as tornariam mais fortes. Concorrência é muito saudável e desejável, pois implica que cada um tenha a preocupação permanente de melhorar e oferecer melhores serviços a seus associados e ao fandom em geral. Desta forma, outros clubes

serão muito bem vindos e estou convencido de que muitos de nossos sócios se filiariam a eles sem deixarem nosso quadro.

MEG - Qual a diferença entre o fandom brasileiro e o norte-americano por exemplo?

RCN - O fandom brasileiro é pequeno e emergente; e está no seio de um país contraditório e que passa por modificações em todos os setores sociais. Já o fandom americano é o maior, mais tradicional, ativo, produtivo e rico do mundo, até porque é parte de uma das maiores nações do mundo. As características sócio-econômico-culturais sem dúvida alguma condicionaram diferentemente um e outro. Objetivamente, o segmento profissional da FC americana só atingiu seu grau de amadurecimento e geração de riqueza, em todos os seus níveis, porque um fandom de expressão nacional surgiu e se organizou, exigindo daquele (escritores, editores, artistas, etc) a produção, distribuição e promoção do gênero. Lá, escritores e editores existem para agradar e atender este mesmo fandom, do qual dependem mas do qual também fazem parte. No Brasil, a organização do fandom é muito recente - não é muito pretencioso dizer que se iniciou efetivamente com o CLFC, mas os resultados práticos desta organização já se fizeram sentir. Ao demonstrar inequivocamente a existência de um fandom e seu potencial como mercado, o CLFC atingiu um de seus principais objetivos, com resultados expressivos até o momento. Estamos nos aproximando gradativamente do modelo americano, no qual o relacionamento entre fã, escritor e editor se apoia num feedback permanente, característico do gênero, e que favorece um constante ganho de qualidade em todos os segmentos.

MEG - Você poderia traçar um perfil do quadro social do CLFC?

RCN - Nosso presidente, Luiz Marcos da Fonseca, está desenvolvendo um trabalho estatístico muito interessante que poderá revelar mais detalhadamente este perfil. De forma geral, minha visão pessoal é de que reunimos hoje a fina flor das pessoas ligadas ao gênero no país. Gostaria que outros aficionados e estudiosos de FC, que ainda não pertencem ao nosso quadro, não importa quantos

nem onde estejam, se juntassem a nós - ficam desde já convidados a nos dar o prazer de virem compartilhar conosco seu conhecimento.

MEG - Com o crescimento do fandom e do próprio CLFC, acabam por aparecer interesses conflitantes. Como conciliar uma e outra coisa sem conflitos e mal-entendidos?

RCN - Bem, "o que seria do verde, se etc...etc". O conflito de idéias é natural, esperado e mesmo saudável. Um dos sustentáculos do fandom americano, por exemplo, é o bom humor e as gozações mesmo diante de pontos de vista aparentemente irreconciliáveis. Se soubermos enxergar os fatos de uma forma bem humorada, não levando as coisas para o plano das ofensas e agressões pessoais mas, antes disso, nos entregarmos ao exercício saudável da camaradagem - até mesmo nos orgulhando de termos nossos nomes em contos e vermos esta aparição como uma homenagem ao invés de assumirmos uma atitude ofendida, estaremos contribuindo para aumentar a coesão do grupo em benefício do fandom como um todo.

Vale muito mais concentrar toda esta energia em acaloradas discussões no plano específico da FC, proveitoso para todos, do que "queimarmos" espaço precioso em nossos fanzines com diatribes infantis, réplicas e tréplicas absolutamente estéreis. Afinal, para pessoas inteligentes - e não vivem dizendo por aí que pessoas inteligentes gostam de FC? - brigam as idéias e não as pessoas.

MEG - Como você se sente depois destes cinco anos de CLFC?

RCN - Muito gratificado. Praticamente todos os projetos originais foram executados; o clube vai indo muitíssimo bem, obrigado; o Somnium está cada vez melhor, levou 2 de 3 "Nova" e não fica a dever a qualquer publicação amadora no gênero em todo o mundo; amigos como Bráulio Tavares, Zé Fernandes, Flory, Causo e Schima estão publicados e premiados; somos o primeiro e até o momento único fã-clube de FC aceito com "Institutional Member" pela SFWA; temos companheiros associados à SFWA e SFRA, etc. No plano pessoal, pelo menos quatro projetos estão em franco andamento e logo estarão transformados em realidade, oferecendo aos fãs brasileiros inestimáveis fontes

de referência no gênero.

MEG - Que sugestões você teria para a atual e futuras administrações do clube?

RCN - Antes de mais nada, nossa atual diretoria é suficientemente capaz e criativa para dispensar quaisquer pretensões de aconselhamento de minha parte. O trabalho realizado nos últimos dois anos é bastante para avaliar o que acabo de afirmar. A próxima diretoria, a ser eleita no segundo semestre deste ano, enfrentará todas as dificuldades que já conhecemos e precisará contar com o apoio de todos e de cada um.

Uma sugestão: investir pesadamente na instalação e consolidação dos grupos locais já mencionados. Um pedido: que os companheiros de clube se irmanem em torno de nossos ideais e contribuam efetivamente, na medida de suas disponibilidades e habilidades pessoais, para o constante aprimoramento do CLFC e do fandom nacional.



# Encontro numa Estrada Deserta

por ROBERTO DE SOUSA CAUSO

O autor foi o terceiro colocado no 1º Concurso de Contos de FC da Isaac Asimov Magazine - Prêmio "Jerônimo Monteiro", recém terminado, e sua história será publicada brevemente nas páginas da revista. O conto a seguir, é um dos seus primeiros trabalhos, e o segundo que publicamos, onde Causo nos mostra o cotidiano e modo de vida de um estranho e solitário andarilho...

Não me importo que as pessoas pensem que sou um individualista.

Eu sou um individualista. O que não implica que seja também um egoísta, é claro. A verdade é que eu me defino como um cara que procura a tão afamada segurança íntima em mim mesmo e não na sociedade, ou seja, eu vivo a quilo que sou, nunca procurando a aprovação das outras pessoas. Não quero me arriscar a fazer parte do jogo de empurra-empurra social. Resumindo eu sou um sujeito anti-social.

Como tal, me vejo obrigado a evitar o máximo possível a proximidade dos agrupamentos de pessoas, em especial os grandes centros urbanos. É claro que esse afastamento não pode ser total, pois preciso me alimentar, vestir, etc. Mas eu me esforço um bocado para evitar esse contato e devo dizer, com certo orgulho, que tenho conseguido.

Andar por estradas desertas de interior é um dos meios mais eficazes para me manter afastado, e são nelas que passo a maior parte do meu tempo dedicado à observação da natureza e a uma saudável introspecção.

Numa dessas estradas poeirentas, situada no norte de Minas, foi que colhi uma das mais estranhas e interessantes experiências de minha vida de andanças.

A noite tinha caído há pouco e eu pensava em continuar andando até encontrar um lugar adequado para armar minha barracina e passar a noite. O clarão da lua, alta no céu, iluminava o terreno à minha volta. Eu não pensava em nada de especial, apenas me concentrando em encontrar o lugar para acampar. Em dado momento, o sono me pegou e eu passei a observar, como um sonâmbulo, os movimentos da minha sombra projetada pelo luar.

Estava ameaçando parar e deitar ali mesmo, quando percebi que eram duas sombras que saíam de baixo dos meus pés. Meu cérebro sonolento levou um bom tempo para chegar à conclusão de que devia haver mais uma fonte de luz, além da lua, a me iluminar. E mais tempo ainda para ordenar ao meu pescoço que se voltasse para trás. A partir daí, posso garantir que meu sono foi embora mais rápido do que alguém pudesse dizer "discovoador".

Pois é, lá estava ele, parado e apenas um pouco menos radiante que a lua-côpia. Não sei se ele se moveu porque percebeu que eu o observava ou qualquer outro motivo. De qualquer forma, ele mudou de posição, saindo de trás de mim e indo parar sobre a estrada, à minha frente.

Como eu sempre considerei a possibilidade de topar com algum discovoador por aí, não me surpreendi tanto quanto seria de se esperar. Calmamente, observei-o pousar na estrada, iluminando o chão e a vegetação em volta com sua luz branco-azulada.

Era um objeto grande, de uns vinte metros de diâmetro, com a parte central mais volumosa que as bordas. Sua superfície parecia metálica, mas não reconheci o tipo de metal que poderia ser. Não havia frisos, reentrâncias ou qualquer detalhe perceptível, e também não se percebia de onde era produzida a luminosidade que ele irradiava. Era um discovoador clássico.

E nessa superfície, onde não se percebia nada, surgiu repentinamente uma abertura escura. Uma porta. A qualquer momento poderia sair por ali um típico ufonauta: baixinho, com braços longos e cabeça desproporcional, vestindo um macacão meta

lizado.

Ri interiormente com essa idéia. Eu sabia, através dos meus conhecimentos antropológicos adquiridos no meu tempo de Universidade, que o desenvolvimento de um ser semelhante a nós em outro planeta é uma impossibilidade científica, porque, sendo tão grande e variado o número de fatores que influenciam a evolução de uma espécie, seria estatisticamente impossível a repetição desses fatores, mesmo em outro mundo.

Bem, a essa altura dos acontecimentos eu comecei a achar que havia alguma coisa estranha nessa minha calma sobre-humana, afinal ninguém em seu juízo perfeito seria capaz de ficar fazendo racionalizações científicas num momento como este.

Um movimento no interior da abertura interrompeu meus pensamentos. Respirei fundo e preparei-me para uma visão que seria, no mínimo, muito esquisita.

Mas, para minha total surpresa, e que desceu do disco foi exatamente um sujeitinho de não mais de um metro de altura, com um cabeção enorme, os braços quase arrastando no chão e um par de perninhas ridículas de tão finas e curtas. E, ainda por cima, ele vestia um macacão prateado!

Esta me deixou estupefato. Ficari a menos chocado se fosse um polvo com dez tentáculos e quatro olhos colocados em pontas de antenas. Fiquei apavorado e imediatamente me propus a fazer meia volta e dar o fora dali o mais rápido que minhas pernas me pudessem levar.

Mas ficou só na intenção. Não pude mover um milímetro além do movimento necessário à respiração e à lubrificação dos olhos pelas pálpebras.

Rapidamente, passei a considerar a natureza da paralisia. Somente uma atuação hipnótica poderia provocar uma paralisia que não me afetasse o sistema nervoso, o que, fatalmente, iria me causar dores e até perda de consciência. Isso explicava também o meu extraordinário sangue frio, pois deveria tratar-se de um comando hipnótico, que me afastava do medo e de outros sentimentos intuitivos, mas que, certamente, não me deixava imune a um choque causado pela minha razão, que veio

a acontecer quando a minha fé numa teoria científica caiu por terra, e foi pisada por aquele baixinho que caminhava em minha direção.

Por isso, quase escapei, mas eles foram mais rápidos e eu caí num suave torpor, enquanto o baixinho, achegando-se a mim, pegou-me pelo braço e me conduziu para a abertura.

Entramos por um corredor estreito que terminava num recinto circular, relativamente grande, onde havia uma cadeira acolchoada com uma porção de instrumentos estranhos acoplados a ela. Três outros extraterrenos ou fossem lá o que fossem, correram na minha direção e ajudaram o que me acompanhava a ajeitar-me na cadeira. Depois, eles se afastaram, indo para junto de um aparelho retangular que estava no outro extremo da sala.

Comecei a ficar assustado com tudo aquilo, o que era sinal de que a tal influência hipnótica estava afrouxando. Porém, minha curiosidade ainda era suficiente para que eu me perguntasse sobre que tipo de hipnose poderia ser. Talvez uma capacidade natural deles, ampliada por meios técnicos ou, então, produzida e controlada por algum tipo de máquina.

A coisa toda estava me cheirando muito a ficção científica e passou-me pela cabeça que a leitura de todos aqueles livros de FC nos meus tempos de garoto deveria ter me avariado o cérebro.

Agora um dos baixinhos se aproximava de mim com um banquinho tirado não sei de onde. Ele senta-se à minha frente, enquanto os outros colocam a máquina retangular entre nós. Eu saquei logo que deveria ser alguma espécie de "tradutor". Eles também são populares na ficção científica.

Embora eu ainda estivesse meio paralisado na cadeira, meus pensamentos estavam muito agitados e calculei que eles precisavam de mim com reações normais, senão não teriam cortado a hipnose calmante.

Finalmente, o sujeitinho termina de mexer na máquina e olha para mim com seus enormes olhos puxados. A boca dele começa a fazer movimentos como se estivesse falando, mas a voz sai mesmo é do aparelho (e em bom português !!).

- Saudações, homem da Terra. Somos de um mundo longínquo e viemos a es-

te planeta para cumprir uma missão - disse ele, fazendo uma pausa de efeito.

Hum! Estranhei logo de cara esse tipo de conversa. Mas ele continua:

- Viemos alertar a sua espécie dos perigos que ela corre, juntamente com todo o planeta. Vocês, seres humanos, não estão capacitados a usar com bom senso a tecnologia de que dispõem. Trazemos os ensinamentos que permitirão que os homens avancem espiritualmente para salvarrem a si e a seu mundo. Queremos que você os divulgue a todos, pois nossas leis não permitem a intervenção direta sobre civilizações abaixo do...

Juro que quando ouvi isso, não acreditei. Pensei até que fosse algum tipo de brincadeira, mas não; o sujeito estava realmente falando sério... O sangue me subiu à cabeça e, antes que ele pudesse terminar, eu o interrompi:

+ Essa não! Até agora estava indo bem. Pensei que vocês fossem me examinar, me perfurar com aparelhos, tirar amostras de sangue ou qualquer dessas coisas que acontecem na maioria dos contatos de 3º Grau. E, em vez disso, vocês me vem com essa história mais do que manjada!

Diverti-me com a cara que ele fez.

Mais ainda quando ele virou-se para os outros e ficou um bom tempo falando com eles, naquela conversa sem som, até que se voltou para mim e disse(ou melhor, a máquina disse):

- Não entendemos o que você...

- Deixe-me explicar então! Desde que esse mundo é mundo e desde que o homem é homem, existem fórmulas e receitas para um desenvolvimento espiritual, para uma boa vida social ou para se garantir um lugar no céu. De qualquer maneira, cada uma delas queria dar a solução para se conservar o mundo e nenhuma funcionou até hoje, embora eu admita que algumas delas possa estar certa. A verdade é que uma a mais não vai fazer diferença. Isso se não piorar as coisas...

Não sei o quanto eles entenderam do meu falatório, mas os seus olhos esbugalhados mostravam que eu os havia atingido de alguma maneira. Mas eu não havia terminado ainda...

- Se querem mesmo salvar este pla

neta, seja lá por que motivo for, só mesmo baixando aqui com uma de invasão e assumindo o controle, já que somos "incompetentes para usar com bom senso a nossa tecnologia". Não sei o que as leis de vocês dizem sobre isso, mas a verdade é essa.

Mal acabei o meu discurso, o meu interlocutor se levantou e correu para o outro lado da sala com seus companheiros. No mesmo instante me senti liberto da paralisia e me levantei, pegando a minha mochila, que havia sido colocada ao lado da cadeira.

Os ufonautas me ignoraram, enquanto confabulavam entre si, em silêncio, mas com gestos enérgicos.

Como não sou muito dado a despedidas e, também, por estar saturado de tanta tolice, meti a mochila nas costas e saí da sala, tomando o corredor e chegando à abertura, que, estranhamente, estava aberta. Nem sequer olhei para trás. Pulei fora e saí para a estrada, dando as costas para o disco e para aquela malquicete toda.

Mas não foi fácil esquecer o que aconteceu. Por mais de um mês, não pude tirar da cabeça o encontro com os baixinhos. Até nos sonhos, eu revivia a conversa com os extraterrestres.

Dizem que o tempo cura tudo e, realmente, com o passar do tempo, voltei ao meu ritmo normal. Tirei-os da cabeça, mas não consegui tirá-los da memória. Cheguei a me perguntar por quê havia ficado tão nervoso, com tanta raiva. Talvez fosse toda a tensão represada pelo bloqueio hipnótico que, de repente, teve que imergir. Ou talvez eu simplesmente não pudesse suportar tanta imbecilidade por parte de seres de outro planeta, além da que já tenho que aguentar dos habitantes deste mesmo.

Nunca mais vi discos-voadores, OVNIS ou coisas assim, e fiquei pensando se eles não teriam procurado algum outro otário ou desistido daquela idéia idiota.

Eu já estava a muito tempo no mato e precisava conseguir algum dinheiro para remendar alguns buracos na minha barraca, comprar mantimentos e algumas panelas. Por mais que eu detestasse, estava precisando

dar um pulo em alguma vila ou cidade. Mesmo assim, protelei a ida o máximo que pude.

"Eu fico do meu lado e a humanidade do lado dela", é o meu lema, mas a gente sempre tem que fazer concessões...

Finalmente, fui até um vilarejo e, rapidamente, arrumei um serviço de carregar carretas com mercadorias para uma transportadora do lugar. Era um serviço fácil e pagavam razoavelmente.

Havia algo de estranho com as pessoas do vilarejo. Elas estavam muito quietas e apáticas. E sempre havia rodinhas nas esquinas, onde as pessoas conversavam aos cochichos.

Ainda que minha curiosidade me estivesse comendo por dentro, eu estava determinado a não me aproximar de ninguém, não fazer perguntas ou levantar as orelhas para ouvir os cochichos. Tinha certeza que deveria a ser mais um mesquinho mexerico, como tantos outros que toma a maior parte do tempo das pessoas.

Mas o comportamento dos habitantes do vilarejo estava me intrigando demais e, como a curiosidade sempre fora o sentimento que mais força teve sobre mim, acabei me apegando a uma das tais rodinhas de conversa. As pessoas falavam de um acontecimento ocorrido há pouco tempo, do qual ninguém conhecia detalhes, mas que iria influir em suas vidas dali em diante. Juntando os fragmentos e filtrando as informações distorcidas, eu pude deduzir o que aconteceu.

Algum tempo depois do meu encontro na estrada deserta, uma frota gigantesca de discos-voadores havia invadido a Terra, impedindo a guerra nuclear iminente e assumindo o comando de todas as nações. Os problemas ecológicos, a fome, as doenças epidêmicas, o crime urbano e muitas outras chagas de nossa sociedade estavam rapidamente sendo sanadas pela administração alienígena. Por outro lado, a autonomia dos Estados, o intercâmbio comercial, a política e outras atividades que representavam a liberdade do homem em gerir a sua sociedade e seu planeta, estavam sendo drasticamente suprimidas.

É, afinal nós nunca tivemos competência para isso mesmo, pensei.

Mas o que mais se comentava era o impedimento da eclosão do conflito nuclear. A humanidade devia sua sobrevivência aos extraterrestres.

É claro que eu fiquei bastante impressionado com tudo isso. Mas as coisas não haviam mudado para mim. Comprei o que precisava, consertei a barraca com o dinheiro que ganhei e voltei pro mato...

A humanidade não vai mudar de uma hora para outra, mesmo após uma intervenção direta de seres alienígenas, e, enquanto a humanidade for como é, "eu para um lado e ela para o outro".

Não sou presunçoso o bastante para crer que os baixinhos assumiram o controle por causa daquilo que eu disse lá no disco. Além do mais, eu não gostaria de pensar que colaborei com a salvação da raça humana.

Nada mudou para mim, nada mudou em mim. Ainda sou o mesmo cara individualista e anti-social. Ainda prefiro o convívio da natureza do que o dos homens. É por isso que estou aqui, numa outra estrada deserta e poeirenta, no interior de Goiás agora. Entre as árvores e os cerrados, procurando sempre os locais onde os seres humanos ainda não puseram suas mãos destruidoras.

Às vezes, penso que me identifico mais com os animais que com as pessoas. Eu gosto de vê-los, de surpreendê-los em momentos mágicos de suas vidas, alheias a tudo o que o homem faz.

Os homens ainda se consideram o centro do Universo, mas os animais selvagens e as plantas são um claro desafio a essa pretensão. Se eu não estivesse aqui para observá-los, isso não os impediria de continuar a viver e a evocar beleza, força e harmonia.

É estranho, mas alguma coisa me entristece quando estou observando os animais e eles me percebem, e fogem.. Gostaria de fazê-los entender que não sou como os outros homens... No entanto, eles fogem de mim como se eu fosse um típico representante da humanidade,

Isso me faz pensar que, apesar de todos os meus esforços, não consigo deixar de ser homem. Às vezes, penso que tudo não passa de uma fuga, um ato de covardia, em vez de um ato de

nobreza. Há nobreza em ser um eremita? É mais negar a sociedade do que enfrentá-la.

"Nossas leis não permitem a intervenção direta sobre civilizações..." lembrei-me disso agora. Mas os baixi

nhos abriram uma excessão a essa lei de interferência. Excessão que salvou a Terra.

Talvez eu deva abrir uma excessão para mim também.

É, preciso pensar mais nisso...



## VISÃO

## REPENTINA

per MIGUEL CARQUEIJA

Sob a noite escura eu dirigia o carro. A estrada estava deserta e silenciosa. Metia medo. Imaginem, andar a pé num lugar desses! A impressão é que qualquer coisa pode surgir de uma hora para outra...

Saindo de trás do matagal periférico, um dragão esverdeado atravessou rapidamente a estrada à frente do meu auto, por pouco sendo atropelado.

Parei o carro quase instintivamente. O que foi, mesmo, que eu tinha visto?

Um dragão.

Um dragão esverdeado, com uns 2 metros e pouco de comprimento, quatro pernas escamosas, algo semelhante a cornos de girafama cabeça, uma cauda grande e flexível...

Tentei lembrar quantos danques havia tomado na festa. Bolas, eu sou abstinente. Olhei para trás. A coisa não estava mais à vista. Havia muito mato na direção que ela tomara, mais adiante, morros...

Dei marcha-a-ré, voltando ao ponto em que se dera o caso. O que eu pudera ver, apesar da escuridão, não fora muito, mas fora o bastante. E a menos que estivesse sofrendo de alucinações, havia qualquer coisa muito esquisita por ali. Sendo por natureza muito curioso, não me amedrontei. Saí do veículo munido de uma lanterna e examinei o solo e plantas. Sem dúvida, um animal de

certo porte ali passara. As pegadas estavam pouco nítidas devido à dureza do chão, mas revelavam patas de réptil, com talvez 4 dedos. Perdura no local um cheiro estranho, quase repulsivo.

Dragões.

Não, eu nunca tivera alucinações. Não fora uma miragem. Não fora sonho. Ninguém pode guiar dormindo.

Pensei em ir até a delegacia mais próxima, e vi logo que seria inútil. Que diria eu? Que vira um filhote de dragão, que quase o atropelara, que o bicho era desse jeito, estava em tal região? Podia até imaginar o que diriam: "Parabéns! Já aqui vieram muitos lunáticos dar parte de fantasmas e discos voadores, mas o sr. é o primeiro neste município a ver um dragão!"

Por outro lado eu não fazia o menor empenho na caçada de qualquer bicho, ainda mais quando não existia.

Estive tentado a seguir o bicho, mas estava desarmado e não fazia idéia do seu grau de agressividade. Além disso entrar no mato àquela hora não me traria nenhum conforto físico, e não faria bem algum às minhas roupas.

Voltéi para casa e tentei não pensar mais no assunto.

# JOHN CAMPBELL, O ORIENTADOR DO FUTURO

por GERSON LODI-RIBEIRO

"Ele foi o maior editor de Ficção Científica que já existiu. Exclua John Campbell e todo o panorama se altera. Outros editores contribuíram para o desenvolvimento da FC Moderna, John a criou."

— Frederik Pohl

John Wood Campbell, Jr. nasceu em Newark, New Jersey, em 8 de junho de 1910, filho de um engenheiro eletricitista que trabalhava para a Bell Telephone Company.

Após uma infância algo infeliz e problemática, JWC despontou na adolescência como um jovem inteligente, voluntarioso e intelectualmente rebelde. Descobriu a FC nos tempos da Amazing Stories de Gernsback e se apaixonou por ela. Como muitos fãs de sua faixa etária, JWC tentou escrever FC. Sua primeira história aceita foi Invaders from the Infinite, comprada pela Amazing. O editor dessa publicação, entretanto, perdeu o manuscrito original. Assim, sua segunda aceitação, a noveleta When the Atoms Failed, que propunha a utilização cotidiana da energia atômica, tornou-se seu primeiro trabalho publicado, na Amazing de janeiro de 1930.

Na época de seu debut, então com 19 anos, JWC estava no 2º ano de sua graduação no M.I.T., um local aparentemente adequado tanto aos seus talentos quanto às suas necessidades, uma vez que des-

de o início de sua carreira como escritor sempre se mostrou capaz de reconhecer os tópicos científicos de apelo popular e de utilizá-los como material ficcional. Continuou a escrever, publicando sete contos e noveletas, além de três romances ao longo dos dois anos seguintes. Descobriu que não poderia desfrutar simultaneamente do melhor de dois mundos, o M.I.T. e a FC. Talvez tenha feito a opção pessoal errada mas, de qualquer modo, foi jubilado em 1931. A explicação oficial foi a dificuldade em alemão; JWC não teria conseguido cumprir os requisitos de idioma estrangeiro. É mais razoável se presumir, no entanto, que ele tenha simplesmente negligenciado seus estudos em favor da escrita. Deixando o M.I.T., transferiu-se para a Duke University, onde concluiu sua formação acadêmica, graduando-se em física em 1932.

## O ESCRITOR

A obra de JWC como escritor se divide em dois períodos marcanteme-



John W. Campbell

nte distintos cujo ponto de inflexão foi o ano de 1934, época em que começou a usar o pseudônimo de Don A. Stuart - inspirado no nome de solteira de sua primeira esposa - para escrever num estilo diferente, mais poético, sóbrio e maduro do que o mantido sob seu nome verdadeiro.

O primeiro período foi constituído por seis trabalhos principais entre romances e conjuntos de contos, destacando-se a saga do trio de doublês de cientistas e homens de ação - bem ao estilo de Indiana Jones -, Arcot, Morey & Wade e a série de histórias do super-humano nascido em Júpiter, Aaron Munro. Em ambos os casos o enredo consiste em heróis trabalhando em equipe (Arcot-Morey-Wade) ou sozinhos (Munro) para inventar engenhocas de super-ciência a fim de lutar em prol das espécies humanoides



desprotegidas; regressar ao Sistema Solar; e/ou salvar a Terra de um perigo terrível. É fácil imaginar o quão intenso deve ter sido o apelo desses cenários aos jovens dos anos 30 que pretendiam ser cientistas ou engenheiros. No início da Depressão, o único lugar onde o individualismo masculino - presente na cultura norte-americana desde o tempo das Treze Colônias - ainda parecia vivo e forte era nas páginas dos magazines de FC.

A primeira aparição do trio A, M&W foi em Piracy Preferred, uma história de pirataria aérea onde o antagonista dos heróis conta com um gás sonífero e poderes de invisibilidade. Publicado na Amazing em seguida, o romance serializado The Black Star Passes fala de um mundo invasor que ataca a Terra com armas estranhas, sendo derrotado pelas invenções maravilhosas de A, M&W. Em Islands of Space, o trio desenvolve um dispositivo que lhes permite o vôo interestelar - eles cruzam a galáxia em poucas horas e perdem a posição da Terra. Já em Invasaders of Infinite não o manuscrito perdido pelo editor da Amazing, mas outro trabalho com o mesmo título - continuação da novela anterior e a última aventura do trio, eles se envolvem numa guerra interestelar, viajam para o passado e inventam um "amplificador de pensamentos" que permite a materialização de qualquer objeto que se deseje ou a ocorrência de

qualquer evento imaginado pelo usuário.

Com as histórias de A, M&W, JWC se estabeleceu, ao lado de E.E. Smith, como um dos melhores autores de space opera. Havia uma certa rivalidade dentro do fandom entre os partidários dos Lensmen de Smith e aqueles que tinham no trio de inventores os seus heróis prediletos. Mas em The Mightiest Machine, JWC estabeleceu em Aarn Munro um novo herói, iniciando mais uma série que tornou-se rapidamente a predileta de uma parcela considerável do fandom. Arremessados num outro universo devido a um acidente com sua espaçonave, Munro e seus amigos se imiscuem numa guerra interestelar travada há milênios entre os descendentes dos refugiados do continente perdido de Mu e uma espécie de sátiros, bastante semelhantes a algumas imagens do demônio. Esse trabalho deu origem a três continuações: The Incredible Planet, onde Munro encontra um mundo cuja população está em estado de animação suspensa há centenas de bilhões de anos; The Interestellar Search no qual o protagonista se depara com um sistema estelar que abrigava dois planetas habitados, um deles por humanoides e o outro por criaturas reptilianas racionais; e The Infimite Atom, que narra a invasão da Terra por centaúroides e a sua expulsão pelo emprego de uma "bomba de constante cósmica" inventada por Munro.

Twilight foi a primei

ra história de JWC sob o pseudônimo de Don A. Stuart, publicada em novembro de 1934 na Astounding Stories. Nela um viajante temporal é lançado sete milhões de anos no futuro, encontrando uma civilização tecnológica fóssil mantida em perfeito funcionamento por máquinas de índole benevolente. Os poucos humanos remanescentes, possuindo cérebros hipertrofiados de intelecto vasto e vontade fraca, vivem à margem dessa civilização. A moral subjacente é que a evolução tecnológica descontrolada pode fazer com que a espécie humana perca as rédeas de seu destino. Não se trata mais de space-opera ou superciência, mas de uma tentativa honesta de aprimoramento dentro do gênero através do exercício de um estilo menos mecanicista, mais maduro e meditativo. No mês seguinte, JWC apareceu três vezes na Astounding: em sua serialização The Mightiest Machine, em seu nome; num conto de Don A. Stuart, Atomic Power; e como Karl van Campem, com o conto The Irrelevant.

Em 1935, Don A. Stuart publicou seis trabalhos na Astounding, tendo sido eleito pelos leitores como um dos dois melhores autores do magazine... O outro foi JWC! Na edição de fevereiro, publicou The Machine, a respeito de um supercomputador alienígena que impõe à humanidade uma civilização pacífica, trazendo junto com a utopia de alta tecnologia, o declínio

intelectual e cultural para nossa espécie. Pretendendo remediar a situação, a máquina decide abandonar os humanos à própria sorte e a civilização tecnológica submerge num caos. Os poucos sobreviventes estabelecem uma cultura edênica não tecnológica nos trópicos.

Em The Invaders, continuação da novela anterior, publicada em junho do mesmo ano, a Terra é invadida por alienígenas que, com propósitos tanto humanitários quanto egoístas, pretendem reestruturar a civilização humana. E finalmente, em Rebellion, que apareceu na edição seguinte, os humanos - novamente dotados de tecnologia, e agora também com poderes paranormais - expulsam os invasores. Na edição de outubro, Stuart lança uma variação temática de Twilight: Night, uma novela na qual o piloto de um veículo experimental é lançado bilhões de anos no futuro, deparando-se com uma época em que o próprio universo está prestes a se extinguir. Mesmo as máquinas inteligentes da Terra já haviam sido há muito desativadas. Apenas em Plutão, o protagonista encontra uns poucos robots operacionais e estes o enviam de volta ao presente.

Em 1936, JWC começou a publicar sob seu nome na Astounding, A Study of the Solar System, uma série de dezoito artigos de divulgação científica. O evento foi importante não

apenas no sentido de ministrar rudimentos de astronomia planetária e solar aos membros do fandom interessados, como também na abertura de um precedente para a publicação de artigos de divulgação em magazines do gênero.

Forgetfulness foi publicado na edição de junho de 1937 da Astounding. A trama diz respeito à chegada de uma expedição de alienígenas humanóides à Terra, alguns milhões de anos no futuro. Eles se sentiam gratos à humanidade por esta ter colocado seu povo, há muito tempo atrás, na rota da civilização. Espantam-se ao descobrir que os poucos humanos remanescentes vivem em aldeias primitivas próximas às ruínas de uma supercivilização tecnológica que já não compreendem mais. Pretensamente amigáveis, em realidade os alienígenas pretendem colonizar a Terra. Seus planos são frustrados pela ação do poder psíquico de um hierarca humano que os teleporta, com nave e tudo, de volta a seu mundo natal e para o passado. A extinção da civilização técnica teria se dado devido a sua obsolescência funcional quando comparada às capacidades paranormais dos autóctones.

Quatro meses mais tarde, Stuart publicou o clássico Out of Night, segundo alguns sua melhor história. Nela os Sarn, alienígenas extremamente verossímeis, do minam a Terra há quatro milênios, após uma guerra de conquista que extinguiu 99% da humanida

de. Legisladora sábia, a matriarca dos alienígenas governa a Terra com pulso firme, trazendo prosperidade aos descendentes dos sobreviventes. O governo humano tutelado se vê às voltas com rebeldes apoiados pela matriarca que deseja impor uma lei de controle seletivo de natalidade, para tornar a sociedade humana num matriarcado. Esses Sarn representam uma grande evolução na concepção de alienígena FC. No início da década o próprio JWC mantinha seus heróis viajando para outros sistemas estelares e aliando-se automaticamente às espécies humanóides encontradas pelo caminho no combate aos monstros alienígenas, verdadeiros BUG (Big Eye Monsters) de índole invariavelmente malévolos e com as piores intenções possíveis. Os Sarn, em contrapartida, são realmente alienígenas e, ainda assim, capazes de tocar o leitor. Stuart conseguiu dotá-los de psicologia e motivações diferentes tanto das humanas quanto das que poderiam normalmente ser atribuídas aos monstros malignos.

Who Goes There? é o trabalho de FC mais conhecido de JWC, em virtude de sua inclusão em várias antologias relativamente recentes e ter "sofrido" duas versões cinematográficas, The Thing from Another World (1951) e The Thing (1982), a primeira livremente inspirada e a segunda realmente baseada no trabalho literário original. Lançado na

edição de agosto de 1938 da Astounding Science Fiction, a novela foi um sucesso imediato, tornando-se rapidamente um clássico dentro da FC de Horror. A trama fala sobre a descoberta de um alienígena congelado na Antártida. A criatura, capaz de assumir a forma de qualquer ser vivo, torna-se uma ameaça não só para os cientistas da base de pesquisas que o encontraram, como para a própria humanidade, que certamente sucumbiria sob sua ação, caso ele conseguisse se evadir do continente gelado. A idéia é inteligente e o autor obteve realmente sucesso em sua tentativa de criar um clima de thriller de suspense. Embora alguns críticos atuais insistam em afirmar que a trama deixaria algo a desejar, Who Goes There? foi um dos melhores trabalhos produzidos para os magazines de FC da época.

A carreira de JWC como escritor começou muito cedo e terminou prematuramente. Crescido e criado entre os sf pulp, ele foi um autor inovador, de idéias excepcionais e capaz de captar as necessidades do mercado editorial de seu tempo. Segundo alguns críticos, entretanto, ele jamais teria dominado a técnica de escrever. Seu êxito inicial na venda de material de qualidade inferior teria prejudicado sua evolução como escritor, uma vez que já existia um mercado avido pelos textos que ele produzia

apressadamente e de maneira estilisticamente desleixada. Na época em que parou de escrever para se tornar editor da Astounding, a qualidade de seus trabalhos melhorava rapidamente. Se tivesse mantido sua produção literária é provável que se tornasse o maior escritor da geração seguinte. É claro que, nesse caso não teria havido a Golden Age, e provavelmente a FC seria um gênero decadente, jamais alcançando os píncaros posteriores, atingidos graças à condução segura que JWC lhe imprimiu ao longo da década de 40.

Esse tipo de crítica - mesclada ao lamento por JWC ter abandonado sua carreira de escritor no apogeu - parece injusta e mal colocada, pois compara o estilo Campbell-stuartiano ao de autores posteriores, da Golden Age e mais recentes; uma geração de escritores avante de JWC e que ele próprio ajudou a consolidar com sua ação como editor. Folheando a Astounding da época do JWC-escritor percebe-se que não havia muitos autores escrevendo FC com uma qualidade mais elevada do que a produzida por ele ao final de sua fase stuartiana. A influência de JWC como autor se fez sentir nos trabalhos posteriores. Até hoje, ao descrever um mundo habitado por uma civilização pós-tecnológica veneranda visitado por alienígenas, muitos textos nos trazem os ecos de Forgetfulness; o encontro entre humanos e extraterrestres a ameaçadores em regiões

remotas, clichê velho e surrado de tantos trabalhos, ainda contém muitos exemplos, os reflexos dos ensinamentos expressos em Who Goes There?; e foi com Out of Night que a FC aprendeu a elaborar extraterrestres plausíveis e verdadeiramente alienígenas.

#### O EDITOR

Imagine um enredo de FC; um cenário histórico alternativo: uma Terra onde não tivesse havido um JWC.

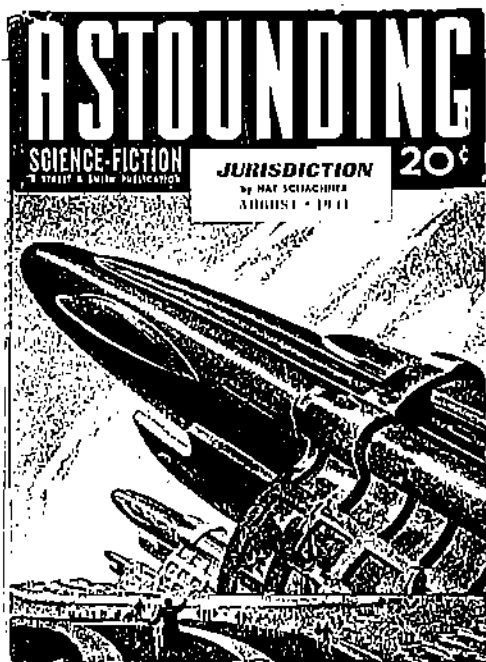
Muitos crêem que a FC teria continuado a decair como gênero literário. É bem possível que tal ocorresse. Mesmo na hipótese implausível de que alguém mais pudesse mudar os rumos da FC - alguém que não JWC - teríamos um gênero inteiramente diferente. O padrão "Astounding", implantado por JWC, não se teria estabelecido e, com toda a probabilidade, não teria existido uma Golden Age. Afinal, ele trouxe para sua função editorial a fertilidade de idéias que caracterizava seu sucesso como escritor, bem como a firme determinação de elevar o padrão dos trabalhos publicados em magazines de FC. Novos escritores foram descobertos e nutridos no manancial de idéias de JWC, com um êxito notável. Não é possível se determinar quantas obras-primas da FC se originaram das sugestões de JWC. Um exemplo surpreendente da extensão de sua influência está na novela All, publicada pela primeira vez na coletânea póstuma The Space Beyond (1976). O trabalho parece datar do fi-

nal da década de 30 e não é representativo do melhor de JWC, mas sua trama é o cerne do romance Sixth Column, de Heinlein, escrito para ASF de JWC, justamente pelo autor mais semelhante a ele em termos de posicionamento político.

Para se ter uma ideia clara da importância de JWC como editor sobretudo em seus primeiros doze anos, basta tentar imaginar como seria a FC sem a sua influência. Uma FC sem os autores descobertos e desenvolvidos por ele: Heinlein; Asimov; Sturgeon; van Vogt; Hubbard; Clement; Piper; de Camp; Anderson; del Rey e outros. Oh, é lógico, ainda existiriam Simak; Clarke; Williamson; Kutner e Leiber. Mas a obra desses autores seria certamente diferente e, com toda a probabilidade, inferior às existentes na FC que conhecemos.

JWC foi o primeiro autor importante a se tornar editor. Sob a editoria de F. Orlin Tremaine, a Astounding Stories firmou-se como o melhor magazine de FC ao fim da primeira metade da década de 30. O Prestígio de Tremaine se elevou na Street & Smith devido ao êxito na editoria da Astounding; ele acabou sendo promovido à editoria geral de vários magazines. Premido pelas novas responsabilidades, ele sentiu que era necessário designar um "editor-assistente" para a Astounding. JWC foi a opção lógica. Quando Tremaine dei-

xou a S&S em maio de 1938, JWC foi nomeado oficialmente editor. Muitos dos leitores do magazine se sentiram preocupados com a mudança.



Pois, apesar da reputação sólida de JWC como autor, Tremaine fôra o melhor editor que já surgira nos magazines de FC. Obviamente, os leitores preocupados ignoravam que a seleção dos trabalhos já vinha sendo efetuada há algum tempo por JWC e que, dois meses antes, o próprio nome do magazine fôra alterado para Astounding Science Fiction por inspiração do futuro editor. A mudança se deveu ao desejo de romper definitivamente com a tradição das velhas tramas pulp de ação. Conta a lenda que JWC pretendia batizar o magazine simplesmente como "Science Fiction", mas já havia uma publicação menor com este nome.

Uma análise a posteriori indica que JWC foi uma escolha excelente para o cargo de editor do magazine de FC líder do mercado. Tendo crescido no ambiente da FC, ele conhecia todas as tendências editoriais e

sabia quais os tabus do gênero que deveria respeitar. Além de ser um autor muito popular e um gerador inesgotável de boas idéias, tinha o pulso necessário para impor sua personalidade aos autores. Foi o primeiro editor a dominar os fundamentos científicos de sua época; tornou-se também o primeiro editor realmente profissional da FC: não era o proprietário da ASF ou um executivo da S&S, mas sim um editor assalariado e qualificado que teve na editoração de FC a única ocupação durante a maior parte de sua vida.

Tendo recebido das mãos de Tremaine uma publicação de qualidade inegável pelos padrões dos pulp-magazines do final da década de 30, JWC deu continuidade à política editorial adotada pelo antecessor, aprimorando-a e aperfeiçoando sua aplicação. Como editor, JWC enfatizou a necessidade de qualidade literária nos trabalhos que selecionava. Preferia uma história rica em idéias - não necessariamente invenções, mas uma história baseada numa abordagem imaginativa e heterodoxa dos fatos científicos conhecidos - a uma história com um belo background mas pobre em idéias. Frederik Pohl atribuiu a JWC a seguinte afirmação: "Odeio contos que começam com a atmosfera. Esqueça a atmosfera, entre direto na história!" Mas acima de tudo, ele apreciava uma história na qual uma extrapolação pudesse ser projetada numa situação cotidiana e veros-

símel de um futuro hipotético; se a extrapolação pudesse incluir especulações sociais inteligentes, melhor ainda. Sempre se mostrou receptivo à fusão dentro de um mesmo enredo, das ciências tradicionalmente tidas como hard (desenvolvimentos físicos e tecnológicos) com tanta ciência social quanto o autor pudesse obter.

Talvez a maior contri-buição de JWC para a FC como editor tenha sido a atitude que exigia de seus escritores. Estimulava-os a sentir e viver nos futuros que imaginavam. Para JWC esses futuros deviam ser plausíveis ao leitor. Como editor, foi o principal responsável pelo final da era da FC em que os cenários futuros eram tão planos e inexpressivos quanto os de um palco teatral. O futuro deveria ser consistente dentro da mente do autor. Para isso, JWC exigia de seu grupo de escritores o mesmo que demandava de si: deveriam se tornar "orientados para o futuro", no sentido de que em termos ficcionais, o presente não deveria ser o centro permanente de todas as coisas. Para os escritores de JWC, o futuro deveria ser o lugar real. Ele insistia que num futuro hipotético tudo deveria ser autoconsistente, tendo implicações em outras coisas e estar vinculado a padrões sociais compatíveis.

O resultado dessa política editorial inteligente, e de uma

taxa mais elevada de pagamento por palavra que a das revistas concorrentes, foi a atração para as páginas da ASF dos trabalhos dos melhores autores do gênero. Isto não quer dizer, em absoluto, que JWC não publicasse os textos de estrepantes. A edição de julho de 1938, por exemplo, possibilitou o debut na ASF do trabalho de A.E. van Vogt com Black Destroyer e Isaac Asimov com Trends.

Paralelamente, a ASF continuava publicando os trabalhos dos autores mais populares da época; em março de 1938 saiu The Cloak of Aesir de Don A. Stuart, uma continuação do clássico Out of Night; em agosto foi publicado Who Goes There?; e ainda no mesmo ano, a serialização Grey Lensmen de E.E. Smith, a melhor obra desse autor até então. Segundo Smith, muito de seu progresso se deveu às longas cartas de JWC sugerindo-lhe que reescrevesse inteiramente vários trechos de sua obra.

As reminiscências de muitos autores que trabalhavam com JWC são unânimes para a formação de um consenso sólido sobre sua atitude como editor: arrogante; autoritário; condescendente; prestativo e paciente quando ministrava conhecimentos; orientador e, sobretudo, generoso ao compartilhar idéias com seus escritores, deixando-os com todos os créditos advindos de um autêntico processo de criação conjunta. Sua habilidade de gerar novas idéias para enredos de histó-

rias possuía algo de prodigioso. Era capaz de determinar, após a leitura de uma trama de rotina, algumas poucas modificações que a melhorariam sensivelmente.

Vários autores testemunharam terem sido, dezenas de vezes submetidos, ao se encontrarem com JWC em seu escritório na S&S, a uma verdadeira rajada de perguntas. Ele não esperava respostas, mas antes semear idéias nas mentes dos escritores. As idéias por vezes não eram tão originais assim, mas os tratamentos que as abordavam frequentemente eram. JWC tendia a examinar todo e qualquer desenvolvimento óbvio de uma idéia com suspeita e um certo desdém. O início do contra-argumento que costumava apresentar se iniciava comumente com um "Sim, mas talvez..." (Talvez os marcianos gostem de seu mundo seco; talvez uma espécie quadrúpede racional sintam-se feliz como escrava; talvez não seja o poder, mas a fraqueza que corrompa; talvez as espaçonaves viajem mais devagar no hiperespaço, etc).

Sempre que possível JWC insistia para que seus escritores abordassem cada idéia como se ela jamais houvesse sido usada anteriormente e questionassem todos os axiomas e clichês da FC. Após submeter seus orientados a um tratamento desse tipo, ele lhes ministrava instruções concretas e lhes dizia para acreditar algo melhor. O sistema funcionava na maioria das vezes com a maior parte dos autores. Co-

mo orientador e formador de talentos, JWC a inda não foi igualado, mesmo nos dias atuais. Parte do segredo de seu êxito consistiu - a além de seu conhecimento do gênero e poder de liderança inegáveis - em ter conseguido infundir em seus "comandados" um sentimento de fazer parte de uma família de eleitos. A competição entre eles era intensa, mas jamais deixou de ser saudável. Idéias circulavam livremente, filtradas ou não pela ação enriquecedora de JWC. Um exemplo de competição salutar incrementada por JWC foi a instituição do "Analytical Laboratory" (AnLab), um departamento da ASF que elaborava a lista de popularidade dos trabalhos de ficção publicados no magazine.

Durante os doze anos seguintes, de 1938 a 1950, JWC reinou incontestemente. As reputações de muitos dos escritores mais populares dos nossos dias foram ali estabelecidas; um número extenso de grandes clássicos do gênero apareceram e a FC começou a ser encarada como algo além do escapismo e literatura infanto-juvenil. E a grande responsável por esse período, mais tarde denominado Golden Age pelo fandom, foi indubitavelmente a ASF de JWC. Jamais, anterior ou posteriormente, um único editor teria tanta influência sobre o gênero. É lógico que JWC construiu suas estruturas sob os alicerces deixados por Tremaine.

Mas este já havia ido tão longe quanto lhe fora possível.

Não há evidências na história do gênero de que alguém que não JWC fosse capaz de levar a FC pelos novos caminhos, trilhados sob seu pulso seguro. Ao contrário, a maioria dos editores da Golden Age copiou o estilo campbelliano ou continuaram a tratar o gênero como uma área apenas para o desenvolvimento dos space-operas já ultrapassados. Quase todas as histórias boas da época apareceram nas páginas da ASF. Os poucos bons textos de FC publicados em outros magazines, eram de autoria de escritores diretamente influenciados por JWC. Como editor, ele realmente determinou o futuro do gênero. Jamais esteve imbuído da tendência, tão em voga na obra de muitos escritores atuais, de conduzir a FC para o seio do mainstream. Julgava o universo da ficção comum, limitado ao presente e à Terra, uma parcela ínfima daquele explorado pela FC, que abarca todo o tempo, espaço e possibilidade. JWC considerava a FC como a única forma ficcional capaz de lidar perfeitamente com a complexidade da vida moderna.

O sucesso editorial de JWC na ASF fez que a S&S o escolhesse para assumir cumulativamente a editoria de um magazine recém criado, a Unknown. A nova publicação foi lançada em março de 1939 e manteve uma linha e-

ditorial voltada para os fãs de fantasia, desenvolvendo o que mais tarde veio a ser chamado de fantasia moderna, um subgênero isento do horror gótico e lovecraftiano e que procurou estender ao fandom a visão que alguns autores mantinham do sobrenatural como algo dotado de consistência interna, lógica e uma forma de irracionalidade racional. JWC procurou publicar trabalhos onde a fantasia e o mundo real conviviam harmoniosamente, por vezes em situações permeadas pelo humor.

Em agosto de 1939 saía a versão britânica da ASF, publicando do outro lado do Atlântico a maior parte do material do magazine original. No mês seguinte, a Unknown seguia o exemplo da ASF.

A ficção publicada na Unknown gozava de alta reputação no fandom, mas com o tempo tendeu a se tornar monótona. Além disso, o magazine jamais atingiu uma circulação comparável a da ASF. A Unknown foi finalmente extinta em outubro de 1943, com o pretexto do racionamento de papel devido à Segunda Guerra. Parece significativo, entretanto, que o magazine não tenha sido, a exemplo de tantos outros, retomado no pós-guerra. O racionamento de papel reduziu ainda o tamanho da ASF, fazendo-a retornar ao formato de pulp-magazine, tão detestado por JWC.

A guerra trouxe outros danos à ASF. Muitos de seus melhores autores, como Heinlein, Asimov, de Camp, Hubbard e Williamson foram chamados

para o serviço mili - E a guerra não apenas desfalcou a melhor e equipe de escritores de FC já reunida: ela também privou JWC de novos autores em potencial. A solução adotada pelo editor foi persuadir os melhores escritores de fantasia da Unknown a escrever histórias de FC que seriam publicadas às páginas da ASF. Esta estratégia certamente manteve a circulação e o padrão de qualidade da ASF, mas provavelmente acelerou o esvaziamento da Unknown.

Em março de 1944, a ASF publicou Deadline, de Cleve Cartmill, escritor de fantasia transferido para a FC por JWC. A trama rotineira trata de uma guerra futura. Mas uma das armas empregadas era uma bomba atômica fabricada com urânio 235 e dotada com um mecanismo de disparo baseado no princípio da massa crítica. Pouco depois da publicação da história agentes da inteligência militar, severos e irritados, apareceram no escritório de JWC. O serviço secreto acreditava que aquela "informação vital" pudesse indicar aos analistas militares nazistas o objetivo do Projeto Manhattan. Eventualmente, o editor acabou conseguindo convencer os agentes que não houve vazamento de informação e que o desaparecimento súbito da aquele tipo de enredo alertaria o inimigo mais prontamente do que qualquer especulação ficcional.

Ao final da Golden A

ge, quando a influência editorial de JWC começava a se tornar mais reativa que estimulante o quase monopólio da FC de qualidade, mantido pela ASF durante mais de uma década, foi rompido pelo surgimento de duas concorrentes sérias: a Fantasy & Science Fiction, de Anthony Boucher e a Galaxy, de Horace Gold. Embora oferecesse textos de qualidade a seus leitores, Boucher não representou uma ameaça tão séria à ASF quanto o teria feito à Unknown, pois a linha editorial da F&SF era bastante distinta da mantida pelo magazine de JWC: Boucher publicava muito mais fantasia do que JWC julgava próprio para um magazine de FC, e também tendia a beneficiar a qualidade literária em detrimento do conteúdo do enredo.

A Galaxy, entretanto manteve uma linha muito semelhante a da ASF. O resultado foi que Gold acabou se tornando o mais sério rival de JWC na formulação de novos rumos para a FC. Como editor, ele ofereceu à ASF uma competição forte. Implantou uma taxa de pagamento ainda mais elevada que a de JWC, forçando este último a equipará-las. Formou o seu próprio staff de escritores e abriu uma nova frente de mercado para os grandes autores. Muitas histórias e serializações que apareciam anteriormente somente na ASF começaram a surgir nas páginas da Galaxy. Como resultado, depois de 1950 relativamente poucos escrito-

res importantes iniciaram suas carreiras na ASF.

Nessa época muito do interesse e energia de JWC pareciam ter se voltado, da seleção de trabalhos e orientação de talentos, para a elaboração de editoriais. Alguns desses eram realmente interessantes mas outros eram impregnados com um radicalismo político desagradável, beirando o fascismo e, outros ainda, estavam decididamente comprometidos com a pseudociência. Contudo, o magazine continuou popular, e comercialmente bem sucedido, ao longo de todo o período, obtendo sete Hugos sob a editoria de JWC.

Em 1960, JWC deu o passo final para dissociar o nome de seu magazine de suas origens pulp, rebatizando-o pomposamente como Analog Science Fiction/ Science Fact ou, mais simplesmente, Analog.

Ao final do ano seguinte, todos os editores que haviam imposto seus estilos pessoais ao magazines de FC de qualidade, com exceção de JWC, haviam deixado o campo. Dois fatores, no entanto, impediram que o editor da ASF recuperasse a capacidade de decidir sozinho os rumos da FC. O primeiro se deveu à própria expansão do gênero. A emergência dos livros de FC, sobretudo os paperbacks, como saída para a publicação de trabalhos originais, reduziu definitivamente a influência exercida pelos magazines. O segundo fator foi de ordem pessoal: JWC pareceu ter per-

analog  
SCIENCE FACT - SCIENCE FICTION



A LIFE FOR THE STARS  
A LIFE FOR THE STARS

dide o ímpeto que anteriormente o motivara a erigir a Golden Age e o estimulara a criar toda uma geração de monstros sagrados da FC. Ele - que construíra a melhor equipe de escritores e a perdera para a Guerra alguns anos mais tarde; que a reconstituíra e dela u sufluiu durante algum tempo, apenas para perdê-la novamente, desta vez para a Galaxy e os paperbacks - parecia mais interessado em dedicar seu potencial aos editoriais, com os quais talvez pretendesse alargar os horizontes científicos de sua época.

A tradição dos editoriais em magazines de FC vem dos tempos de Gernsback. Mas sob JWC o editorial da ASF deixou o tom de ensaio ou exposição para se tornar antes, uma exortação. Muitos desses editoriais possuíam um tom preconceituoso, e mesmo tolo. Tal ocorreu quando JWC se aventurava em campos onde não possuía competência. Textos que revelavam um JWC em seu pior: um editor com severas limitações em termos de metodologia - embora tivesse um bom conhecimento das

ciências físicas, mostrou-se incapaz de compreender o método científico, sendo ainda bastante ingênuo em áreas de ciências biológicas e sociais.

As características acima, somadas a uma verdadeira ânsia por "milagres gratuitos", culminaram várias vezes numa defesa apaixonada da pseudociência, comumente em áreas onde JWC não era competente.

O mais notório desses "entusiasmos" foi o apoio sincero que prestou ao desenvolvimento da dianética, "ciência da saúde mental (em realidade um embuste pseudo-psicanalítico para iludir os bobos...), advogada por L. Ron Hubbard. Esta "disciplina" fez sua aparição justamente na ASF, o magazine de FC associado mais rigidamente pelos leitores à ciência e tecnologia reais. Em maio de 1950 foi publicado um artigo de 40 páginas, Dianética, the Evolution of a Science, abrindo frente para o lançamento em hardcover de um "trabalho científico" de Hubbard sobre o assunto. Novo golpe de publicidade gratuita foi oferecido em janeiro de 1951 pela ASF, com a publicação de novo artigo, Dianometry, pretensamente um estudo objetivo dos resultados concretos da utilização da dianética.

Inteiramente convertido, JWC se envolveu profundamente na divulgação de seu novo credo. Escritores que o visitavam ou com ele se correspondiam foram bombardeados por explicações de curas milagrosas efetuadas com o emprego da dianética. A reação crítica da comu-

nidade científica foi rechaçada por JWC com as acusações de obscurantismo, dogmatismo científico e tentativa de manutenção do status-quo. Graças a JWC a dianética dividiu o fandom em dois campos opostos. A maioria dos escritores e leitores a aceitou durante algum tempo, embora muitos grandes autores não o fizessem, tendo mesmo se afastado de JWC devido ao apoio que este prestou ao logro. Contudo, é inegável que o jargão e os ensinamentos dessa "disciplina" permearam muitas das histórias publicadas na ASF àquela época. Com o tempo, JWC caiu em si e se retratou, mas o mal já estava feito.

Quando a controvérsia sobre a dianética se extinguiu, JWC realizou outra "descoberta", a psiônica. A nova disciplina, originalmente voltada para a construção de equipamentos capazes de controlar ou amplificar os poderes mentais, evoluiu para a fascinação pelos fenômenos psi em geral - telepatia, clarividência, levitação etc - presenças mais ou menos constantes, e muito apreciadas pelo fandom, na obra do JWC escritor.

Pareceu óbvio à comunidade científica que a tentativa de travestir em ciência séria a P.E.S. e outros fenômenos psíquicos ainda mais estranhos, era inteiramente baseada em premissas pseudocientíficas, como a que afirmava que o ser humano utilizaria apenas um



quarto de sua capacidade cerebral. Não surpreende que mais e mais histórias da época publicadas na ASF comessem a centrar seus enredos em telepatia, telecinésia etc.

Já em 1963, JWC se satisfaz em publicar nas páginas da Analog uma série de "experiências" em astrologia de autoria de Joseph F. Goodavage.

A atitude geral de JWC em relação à ciência e aos cientistas se alterou por completo. Os editoriais, de antigos arautos da ciência, passaram a versar sobre a ortodoxia tacanha da comunidade científica e da "conspiração" que ela estaria articulando contra as novas idéias. Tais editoriais obtiveram um impacto considerável diante do público leitor. É estranho que o outrora profeta do progresso tecnológico se tornasse fonte de apoio à pseudociência e ao curandeirismo. O antigo divulgador das ciências físicas se transformou num instigador do descrédito à metodologia nas quais essas disciplinas se alicerçam.

Contudo, de uma certa maneira, como editor de FC, JWC esteve certo em procurar essas novas temáticas. Muitos dos filões da Golden Age já se tinham esgotado pelo excesso de uso. Foi necessário buscar novos assuntos. Apesar dos puristas da FC Hard, para bem e para mal, JWC encontrou novas temáticas. Longe de se tornar amargo, quan-

do alguns de seus melhores amigos escritos o abandonaram devido a suas novas crenças, ele utilizou sua influência remanescente para deflagrar essa mudança final: a superênfatização dos fenômenos psíquicos nas histórias publicadas na ASF e, mais tarde, na Analog, logo encontrou ecos poderosos em outros magazines e nos paperbacks.

A influência de JWC jamais se extinguiu totalmente. Na introdução de Collected Editorials from Analog, Harry Harrison assinala muito bem o impacto das idéias de JWC sobre seus escritores. Uma prova do carinho e reconhecimento que estes lhe prestavam está nas mais de dez trinta dedicatórias que recebeu de autores de FC.

JWC morreu de modo tranquilo, em sua casa, acometido de um aneurisma em 11 de julho de 1971. Ben Bova o substituiu na editoria da Analog.

O desaparecimento de JWC marcou uma onda sem precedentes de homenagens e atividades comemorativas: surgiram dois prêmios com o seu nome; uma antologia memorial foi publicada e realizou-se um simpósio sobre ele na Austrália. Os tributos póstumos foram inteiramente devidos. Embora em seus últimos anos ele tenha se mantido à margem de muitos dos principais desenvolvimentos do gênero, JWC foi durante a primeira década de sua carreira, o escritor de magazine de FC mais popular de sua geração e, na segunda década o melhor e

mais influente editor de todos os tempos. Mais que qualquer outro nome, incluindo o de grandes escritores clássicos do passado, JWC ajudou a modelar a FC moderna.

#### Bibliografia :

- = Aldiss, B. & Wingrove, D. (1986): Trillion Year Spree, Avon, New York;
- = Bleiler, E.F. (1982) : Science Fiction Writers, Scribners, New York;
- = del Rey, L. (1979): The World of Science Fiction, Ballantine-Del Rey, New York;
- = Nicholls, P. (1979): The Encyclopedia of Science Fiction, Granada, Londres.

#### Post Scriptum :

Mais de quinze anos após a morte de JWC, Harry Turtletove decidiu lhe prestar uma homenagem, criando em sua novela Hindsight o personagem de um editor de FC, James McGregor, de um magazine fictício chamado "Astonishing Science Fiction". Esse personagem tem personalidade, opiniões, hábitos, capacidade e posicionamento político em tudo semelhantes aos de JWC. É uma história bem estruturada e bem escrita, que fala de viagem no tempo; do ato de escrever FC na Golden Age da desilusão com o sonho norte-americano e a decadência dessa cultura; de feminismo e fidelidade conjugal. Vale a pena conferir.

Nota: este artigo é uma modesta e sincera homenagem à memória de Campbell que nos deixou há vinte anos atrás.

=====

## I CONCURSO

# MEGALON

## OS MELHORES DA FICÇÃO CIENTÍFICA

Devido ao espaço do fanzine já ter atingido um número de páginas limite, os resultados e vencedores serão publicados na próxima edição. Assim, quem ainda não enviou sua lista, tem nova chance.

As listas devem ser enviadas até a data final de 29 DE JUNHO.

As categorias a serem votadas são:

- Melhor Escritor de FC em todos os tempos;
- Melhor Romance de FC em todos os tempos;
- Melhor Filme Longa-Metragem de FC em todos os tempos.

Você deverá votar nos 10(dez) primeiros colocados em sua preferência. Para efeito de classificação final, cada voto tem um peso, sendo 10 pontos para o 1º lugar, 9 para o 2º, e assim por diante até 1 ponto para o 10º em cada categoria. Os votos devem ser efetuados na ficha que segue anexa a esta edição.

Os três leitores-votantes que tiverem sua lista mais próxima do resultado final(os dez primeiros colocados de cada categoria), incluindo a posição dos votados, ganha os seguintes prêmios:

- 1º Colocado: uma assinatura do MEGALON e o livro A Micro Revolução de Peter Large. Sobre computação e informática.
- 2º Colocado: 1 edição grátis do MEGALON e cópia encadernada do livro The Star Trek Compendium de Allan Asherman.
- 3º Colocado: 1 edição grátis do MEGALON.

Se dois ou mais votantes empatarem, segue este critério de desempate:

- 1 - quem enviar mais rápido sua ficha de votos(vale o carimbo do correio no selo do envelope);
- 2 - for assinante há mais tempo do MEGALON.

### Observações:

- é proibida a participação do editor.
- é permitida a participação de fãs que não possuam este exemplar do MEGALON, mas para adquirir o regulamento é necessário comprar o fanzine.
- é aconselhável a cada eleitor, tirar uma cópia para si próprio de sua ficha para conferir com o resultado final.
- se o retorno das fichas for inferior a 40%, o concurso, para efeito de premiação, fica cancelado.
- casos omissos serão resolvidos pelo editor.

Atenção: em respeito aos leitores que enviaram suas fichas na expectativa de saber os resultados nesta edição, está garantida a premiação e validade do evento - mesmo porque o retorno superou os 40% mínimos para esta edição.

Se você é um dos que ainda não enviou sua ficha, deixa de preguiça e vamos participar!!!

MEGALON

MAR/AHR 91



## A FERROVIA DO FUTURO

É curioso como poucos autores de FC já escreveram histórias tendo ferrovias como tema. O trem se prepara para substituir os aviões e se tornar o meio de transporte mais popular do século 21. Mas a literatura e o cinema de ficção científica ignoram essa realidade e continuam sonhando com aeronaves e carros voadores (imaginem como ficaria o céu se todo mundo tivesse um carro aéreo).

O trem do futuro será tudo aquilo que os ônibus e aviões jamais conseguiram ser: práticos, rápidos, confortáveis, seguros e econômicos. Na França, Alemanha e Austrália já se encontram em fase de testes comboios capazes de atingir a marca de 300 quilômetros horários. O VFT australiano vai cobrir a distância de Sidney a Melbourne, cerca de 850 quilômetros, em apenas 3 horas. Se fosse colocado no trajeto Rio-São Paulo, um trem desse tipo faria a viagem em pouco mais de uma hora. Além disso os trens não são afetados pelo mau tempo e não precisam ficar circulando sobre aeroportos congestionados como os aviões.

A maioria dos trens do século 21 será constituída por mon trilhos magnéticos que alcançarão velocidades ainda maiores. O Transrapid 06, alemão, e seu concorrente, o Maglev japonês, estão sendo projetados para velocidades de 500 quilômetros horários (Rio a São Paulo em 45 minutos). De olho nessa tecnologia, o Departamento dos Transportes dos Estados Unidos já aprovou o projeto de um mon trilho para ligar Los Angeles a Las Vegas. Como a eficiência energética do trem é maior que a do avião o preço da passagem pode ser 50% mais barata.

Por volta do ano 2050 os trens poderão competir com os aviões até na velocidade. A Rand Corporation, americana, projetou um trem hiper-sônico. Será uma cápsula aerodinâmica, deslizando dentro de uma tubulação onde é feito o vácuo. Como não há resistência do ar esse trem do futu-

ro poderá correr 10 vezes mais rápido que o Concorde (Rio a São Paulo em dois minutos).

O Brasil, pra variar, anda contra a corrente desta revolução. Em 1960 tínhamos um serviço de quatro composições diárias ligando o Rio a São Paulo. A viagem era lenta, levava oito horas, mas o trem transportava tantos passageiros quanto uma frota de ônibus e consumia muito menos óleo diesel. Com sua sabedoria de rinoceronte os governos militares, pós 1964, desmantelaram a rede ferroviária brasileira investindo nas rodovias. A crise do petróleo, a partir de 1975, fez o país dar com os burros na água. (o projeto de eletrificação do trecho Rio-São Paulo, que faria os trens andarem com a energia elétrica das barragens, foi engavetado e o trecho já pronto desmantelado quando os sábios da caserna assumiram o controle desse pobre país).

Se o Brasil não tem mais nem o trem do século passado, como vai se preparar para as ferrovias do futuro? Ainda há esperanças. Uma empresa japonesa se ofereceu para instalar um sistema de mon trilhos magnéticos no Rio de Janeiro. O Japão arca com a despesa e só quer o direito de explorar o serviço durante 10 anos. Os projetos de trem-bala ligando Rio a São Paulo deverão ser desengavetados quando o transporte aéreo atingir o ponto de saturação no final do século.

Portanto, passageiros para o futuro, esqueçam os carros voadores e jatos suborbitais e atendam o chamado do maquinista:

- Todos a bordo!



# GALERIA DO TEMPO

MIGUEL FRANCISCO CARQUEIJA

Esta seção tem por objetivo comentar obras de ficção científica ou gêneros afins, em edições na língua portuguesa, de qualquer época.

\* **DA TERRA À LUA**, por Julio Verne - Coleção Saraiva nº 240, S. Paulo, junho de 1968. Tradução de Augusto de Souza. Título original francês: "De la Terre a la Lune".

Para os aficionados de ficção científica, falar em Júlio Verne é algo que deve ser feito com respeito e reverência. Afinal, pode-se dizer que a ele devemos tudo.

Verne foi um mapeador das possibilidades reais da civilização; assim mesmo colocou-se muito à frente de sua época. Basta dizer que a efetiva viagem à Lua só veio a ocorrer em 1969, isto é, aproximadamente um século depois.

No caso específico deste romance, o leitor pode sentir uma certa leviandade na maneira como são apresentados os membros do "Gun-Club", formado em Baltimore por engenheiros bélicos: "Uma condição 'sine qua non' era imposta a toda a pessoa que desejasse entrar no clube: a de ter imaginado, ou pelo menos aperfeiçoado um canhão, e não sendo canhão, uma arma de fogo qualquer." Prossegue Verne explanando a escalada de poder destrutivo dos inventos a que se dedicavam os clubes, chegando ao seguinte cálculo: "dividindo o número das vítimas de balas pelo dos membros do Gun-Club, chega-se à conclusão de que cada um destes matou em média 2375 homens e uma fração" (sic). "Considerando evidentemente este cálculo, torna-se evidente que a única preocupação daquela sociedade científica foi a destruição da humanidade com intuítos filantrópicos, e o aperfeiçoamento das armas de guerra, consideradas como instrumento de civilização." E mais: "Era uma espécie de núcleo de Anjos Exterminadores, sem embargo de serem as melhores pessoas do mundo."

Verne coloca tantas descrições minuciosas de fatos, datas e lugares, que fica difícil saber onde termina a ficção. Terá existido alguma instituição semelhante ao Gun-Club? Confesso que não sei; entretanto tais personagens, que brincavam de matar, não me parecem tão simpáticos como o autor os apresenta. Não sei se Verne quis apenas satirizar os norte-americanos; realmente não alcancei o seu senso de humor.

Mais interessante é o desenvolvimento posterior da história, quando Barbicane, J.T. Maston e demais protagonistas esquecem as guerras e se concentram na proeza científica do lançamento de um projétil à Lua. E aí mais uma vez Verne estivesse com a razão: afinal, durante a

II Guerra Mundial, surgiram as sementes da Astronáutica com as bombas voadoras de Werner von Braun. O uso bélico, fraticida, infelizmente precedeu a aplicação científica, pacífica. Um aspecto da profecia verneana raramente apontado.

Infelizmente, ao contrário do que ocorre em outras obras de sua lavra, J.V. insiste em sair do sério num romance supostamente sério. A unanimidade dos cidadãos norte-americanos, os estereótipos com que são considerados os outros países, não convencem. Tanto apoio a um empreendimento temerário - Miguel Ardan não esperava regressar do satélite - e a apresentação do Capitão Nicholl como a única voz, em todo o país, a se erguer contra a aventura (o autor assim o diz taxativamente) corre no terreno do inverossímil. As segundas intenções de Nicholl não impedem que os leitores concordem com o bom senso das suas observações, na discussão pública com Ardan e que quase leva ao duelo com Barbicane.



## JULIO VERNE DA TERRA À LUA



# Books to Look For

BY ORSON SCOTT CARD

Orson. Scott Card é um dos mais destacados escritores no campo da ficção científica e fantasia nos Estados Unidos. Tem publicados no Brasil os multi-premiados romances *O Jogo do Exterminador* (*Ender's Game*) e *Orador dos Mortos* (*Speaker For the Dead*), pela Editora Aleph, além de *O Segredo do Abismo* (*The Abyss*), pela Editora Record. Em adição aos seus romances, sua ficção curta começa a aparecer na *Isaac Asimov Magazine*. Para os próximos anos o público brasileiro pode esperar novos títulos de Card, pela Aleph. Card permitiu a tradução de sua coluna de resenhas vista originalmente em *The Magazine of Fantasy and Science Fiction*. Publicando-a, *Megalon* espera estar informando seus leitores a respeito do atual estado do gênero nos EUA, e transmitir as opiniões deste que é um dos mais populares autores de ficção científica em todos os tempos. Card esteve no Brasil em outubro de 1990, como Convidado de Honra da I InteriorCon, acompanhado da esposa Kristine A. Card.

## RESENHAS ESCRITAS EM AGOSTO DE 1988

Quantos de seus amigos ou familiares conhecem você o bastante para escolher umas férias para você?

"Feliz Natal, e aqui estão algumas passagens para um cruzeiro nas Bahamas"

"Muito obrigado, mas me queimo facilmente e peço enjô de mar e enlouquecerla confinado num barquinho e além disso, eu amo a neve e o inverno."

"Bem, desculpe-me por tentar agradá-lo."

Agora imagine se eles não só lhe deram as passagens, mas também escolheram itinerário inteiro, completo com cada pessoa que você encontraria, cada vista que você veria, cada aventura que você teria, mesmo os pensamentos que você pensaria. Talvez, apenas talvez, eles teriam escolhido as férias perfeitas para você. Provavelmente não.

Todavia, não é o que fazemos quando damos a alguém um romance?

Dar ficção científica ou fantasia como um presente é até mais enganador quando você está lidando com pessoas jovens. Você pode cometer mais enganos — como dar-lhes um livro que é jovem demais ou velho demais. Porém isso ainda vale uma tentativa. Por uma coisa, é um experimento mais barato que dar a alguém um cruzeiro. Por uma outra, os mundos que você abre para um menino podem mudar a vida dele ou dela num modo que nenhuma férias em todo o mundo real poderia.

Você já tem sua lista particular de livros adultos favoritos, se você está comprando presentes para um menino que está lendo a esse nível. Mas você pode não estar familiarizado com algo de mais recente fantasia ou ficção científica para jovens adultos. Então aqui estão algumas resenhas rápidas que poderão ajudá-lo.

Primeiro, porém, deixe-me lembrá-lo de um nome que eu mencionei várias vezes neste ano: William Sleator. Eu não resenharei seus livros de novo. Eu apenas lhe assegurarei que qualquer de seus romances será uma boa introdução à ficção científica para meninos naqueles anos de descoberta — brilhantes 9 anos de idade e imaginativos 14 anos, igualmente. — Trad. R. S. Causo.

Daniel M. Pinkwater, *Alan Mendelsohn, the Boy from Mars* (Dutton, 1979, encadernação em pano, 284 pags)

Este livro foi confiado a mim no dealers room da World Fantasy Convention em Nashville. Tudo o que eu disse foi: "Eu tento me manter atualizado com a literatura jovem adulta", e subitamente cinco ou seis pessoas estavam dizendo, "Já leu Alan Mendelsohn?". Eu não tinha lido então; agora tenho.

Abertura jovem adulta padrão: O narrador, Leonard Nebbie, é um nerd que acaba de se mudar para um novo colégio, quando sofre como o bobo da classe. Então ele encontra Alan Mendelsohn, também um menino novato — mas Mendelsohn não leva todas as pancadas deitado.

O que faz este livro erguer-se cabeça e ombros acima de todos os outros livros que começam assim é o fato de que Daniel Pinkwater (o mesmo que faz comentários para NPR) tem a mais beatificamente perversa visão de mundo que já vi. Ele escreve como um querubim demente que pensa que é o anjo da morte, fatiando todos os seus personagens mesmo quando faz você amá-los.

E quanto mais fundo você vai no livro, mais as regras mudam, até que você esteja vivendo num universo de fantasia absurdista totalmente florescido — a espécie de absurdismo brilhante onde você sabe que o mundo é regido por fascistas insignificantes mas você não pode parar de rir. Ache uma cópia para o menino que você mais ama. Então embrulhe-a rápido, não a leia você mesmo, ou ela terminará na sua estante o o menino terá algum seguro, domado e domesticado livro ao invés. — Trad. R. S. Causo

Pamela Sargent, *Alien Child* (Harper and Row, 1988, encadernação em pano, 246 pags)

Eu sou um enfadonho, pai moralmente conservador que não aprova ficção jovem adulta onde os meninos descobrem que está OK sair se deitando contando que você esteja realmente apaixonado e use uma camisinha. Nem penso que ficção seja o lugar para ensinar os fatos da vida. Então acredite-me quando lhe digo que o romance de Jardim-do-Eden *Alien Child* de Pamela Sargent lida inteligentemente com sexo, e o faz com tal bom gosto e restri-

ção que eu tenho uns poucos instantes de tentação sobre dá-lo a um menino de dez anos. Mas você deverá ter mais instantes assim do que eu, então fique avisado.

Nita é uma criança humana sendo criada por alienígenas. Ela não vê outros humanos exceto as personalidades de computador que respondem cada questão exceto aquelas que importam mais. Então um dia ela vê uma outra criança humana, e aprende que ela tem vivido todos estes anos no mesmo lugar. Por que seus "pais" alienígenas não lhe contaram? Como ela nasceu? Há outros sobreviventes humanos em algum lugar na Terra?

Achar as respostas para estas questões faz de *Alien Child* uma fascinante história de mistério e aventura, mas o coração do livro é a exploração do que significa ser humano. Pois Nita sempre experimentara a si mesma através dos olhos de uma espécie de irremediável mente alienígena, e descobrir Sven significa redescobrir a si mesma, e juntos reinventar a raça humana.

O romance adulto mais recente de Sargent, *The Shore of Women*, foi essa rara criatura, um livro perfeito. Sargent não baixa seus padrões quando escreve ficção jovem adulta. Como o melhor dos escritores de jovem adulto, seus padrões artísticos permanecem tão altos quanto sempre, enquanto seus padrões de clareza e concisão realmente crescem. Algumas vezes eu desejei que ela pudesse se dispor a estender-se mais; ao final eu desejei que a história houvesse sido mais longa. Mas a inteligência e o desembarrado que ela demonstrou em *Shore of Women* não estão diminuídos em *Alien Child*. — Trad. R. S. Causo.

Peter Dickinson, *The Changes; vol 1, The Devil's Children; vol 2, Heartsease; vol 3, The Weathermonger* (Dell, Laurel-Leaf Fantasy, brochura, 1988, reedição de trabalho datado dos 1960s e 1970s, brochura, 187, 235 e 190 pag)

Escolhi estes livros por causa da magnífica arte de capa de Dillon e porque eu pensava que a história "Flight" de Peter Dickinson era não só a melhor coisa na antologia de Robin McKinley, *Imaginary Lands* (Ace, 1985), mas uma das mais intelectualmente poderosas histórias que eu já li.

Uma súbita e terrível mudança sobreviu à Inglaterra contemporânea, empurrando as pessoas de volta às eras escuras. Todas as suas máquinas ainda funcionam — mas agora, ao som de um motor correndo ou à visão de um veículo se movendo, as pessoas são dominadas por terror e ira. Qualquer um apanhado usando uma máquina é morto.

Todavia muitos refugiados britânicos descobrem que se eles puderem somente cruzar o canal, sua repugnância por máquinas desaparece, e eles podem ter vidas normais novamente. E não-nativos da Inglaterra não são afetados pela loucura que controlou os outros.

*The Devil's Children* conta de uma garota que se envolve com um grupo de sikhs, que correm um grave risco de serem massacrados por causa do uso inadvertido de uma máquina; eles usam os encantamentos da loucura dele como um alarme, para avisá-los quando alguma ação perfeitamente normal os põe em perigo.

*Heartsease* é a história de dois meninos cuja humanidade domina sua repugnância por máquinas. Descobrindo que um "bruxo" — um espião de terras normais — não está morto afinal, eles salvam sua vida e arriscam tudo tentando colocá-lo em segurança.

Em *The Weathermonger*, uma expedição é montada para achar a fonte de loucura e extingui-la.

As histórias são aventuras compulsivas. Elas são também uma investigação autêntica de como ambas comunidades boas e más são criadas do caos. Dickinson escreve tão bem, e seu milieu é tão real, que as vezes eu achei estes livros insuperavelmente darks; eu tive que deixá-los de lado um pouco antes que pudesse continuar.

Mas isto não será obstáculo para a maioria dos "jovens adultos". Tragédia e desolação são o estofado da adolescência romântica, e estas histórias são tão ricas com isso que eu acredito que elas tenham o poder para transformar — para ser a espécie de conto seminal que torna uma criança brilhante num leitor perpétuo. — Trad. R. S. Causo.

E. L. Konisburg, *Up from Jericho Tel* (Dell/Yearling, 1986, brochura, 178p)

E. L. Konisburg é uma das grandes escritoras da moderna ficção jovem adulta, e enquanto muitas de suas histórias nos provocam por nos mostrarem

escuras e misteriosas terras fronteiriças de fantasia, Up from Jericho é a primeira vez que ela se atrou direto no sobrenatural.

A única encenação é que quando os dois meninos neste livro encontram-se metidos com um visitante sobrenatural de sepultura, ela termina sendo Tallulah Bankhead. Eu não sou mais exatamente um adolescente, e trabalhei muitos anos em teatro, onde lendas de maravilhosa Tallulah abundam — porém mesmo eu senti que Konigsburg estava invocando seu personagem num modo que sugeriu que ela assumia que sua audiência já conhecia os maneirismos e excentricidades e talento cegante de Tallulah Bankhead, e que os amava. Há algum adolescente na América que já tenha ouvido falar dessa atriz?

Não importa. Pelo fim do livro eles ouvirão falar dela, e talvez isso seja parte do programa de Konigsburg ao escrevê-lo. Atores de palco vivem só em lenda — seus trabalhos não são gravados em impressão ou filme (T. B. teve uma boa performance em Lifeguard, mas eu não penso que ela tenha feito qualquer outro filme). Então Jericho Tel pode dar a lenda dela uma outra geração ou duas de vida.

Muito mais importante é o conto em si. T. B. envia os meninos em loucas procuras, eventualmente conduzindo-os a resolverem o mistério do que aconteceu à Regina Stone, a qual Tallulah sempre tinha com ela, mas que desapareceu após ela ter morrido. Eles resolvem o mistério — e resolvem umas poucas coisas sobre si mesmos ao longo do caminho. Um livro diversão — e um livro que lga as fronteiras de gêneros entre ficção contemporânea JA e FC e fantasia JA. — Trad. R. S. Causo.

Rick Gauger, Charon's Ark (Bellantine/Del Rey, 1987, brochura, 376pags)

Não há nada neste livro para sugerir que é um romance "jovem adulto" — então isso fez dele o presente perfeito para um adolescente que não seria pego lendo um "livro de criança", porém que apreclará uma história na qual adolescentes colagials que são empurrados em situações de mundo real e de vida e morte num outro planeta.

O início é tão altamente concebido que eu posso já ouvir as câmeras rolando: Alguns meninos de um obscuro colégio americano são selecionados para visitar um igualmente obscuro país ilha no pacífico. No caminho, seu voo é agarrado por um OVNI — as asas são tosadas fora e o avião é puxado para a barriga do aparelho alienígena.

De lá, porém, Gauger realmente fica criativo. Os alienígenas não são realmente todo-poderosos. Sua espaçonave está em suas últimas pernas, e se os meninos não se comportarem — e, numa verdadeira moda Rambo, eles não se comportam — correm um risco real de erruñarem a nave toda. Eles terminam numa lua artificial de Plutão, onde são defrontados com uma cultura criminoso alienígena nos últimos espasmos de declínio — e uma personalidade de computador que faz Stalin parecer benigno.

Como você poderia esperar, os panacas de classe salvam o dia — mas de modo algum do jeito que você espera, assim Gauger de uma vez executa clichês e os subverte. A história dança entre o engraçado e o trágico, mas o resultado é um espantosamente bom primeiro romance. Como o melhor dos romances jovem adultos de Heinlein, esta história não apenas reflete as vidas de adolescentes, ela mostra como crescer saindo da loucura e fazer um lugar para eles mesmos no mundo dos adultos. Vigie o nome de Gauger em futuros livros. Este é um contador de histórias que liberte. — Trad. R. S. Causo.

Charles de Lint, Greenmantle (Ace, 1988, brochura, 327 pags)

Este não é um livro que você dá a um menininho. É sexualmente explícito, e é recheado com conceitos e situações que serão intelectualmente e socialmente além de compreensão de uma criança. Mas um brilhante e maduro estudante de colegial achará que Greenmantle não só um thriller de segurar, mas também uma introdução para os mais profundos temas filosóficos em literatura — para o que são as histórias e como elas nos criam.

Charles de Lint acanha-se com o título que eu lhe apliquei — o profeta da fantasia contemporânea — e de fato há autores como Peter Beagle e Robert Holdstock que têm cortado suas próprias estradas nos bosques inexplorados da fantasia contemporânea. Mas de Lint mostra uma consciência do que ele está fazendo que faz de sua ficção não apenas uma danada de boa leitura, mas também um mapa claro da estrada que a fantasia seguiu através da mente humana.

Greenmantle é um milagre de combinação costurada. Um pistoleiro padrão da média direta do mundo de O Poderoso Chefão e A Honra dos Prizzi termina vivendo nos bosques canadenses vizinhos a uma excêntrica garota adolescente saída direto da literatura jovem adulta, com uma mão divorciada que caberia muito bem em romances sociais contemporâneos. E embora todos eles relacionem-se juntos, preenchem um ao outro, mesmo quando suas vidas são perturbadas, deformadas, refeitas, salvas pela estranha música e inimaginável poder de um deus-gamo que está interminavelmente escapando da caçada.

Mesmo quando o romance discute urgências humanas primitivas, ele as provoca e satisfaz nos personagens e, para mim ao menos, no leitor. De Lint é perfeitamente capaz de escrever fantasias comuns como seu recente WolfMoon; mas com Greenmantle ele mostra que, longe de ser mero escapismo, fantasia contemporânea pode ser a profunda literatura mítica de nosso tempo. — Trad. R. S. Causo.

Norman Spinrad, Other Americas (Bantam/Spectra, outubro 1988, brochura, 288 pags)

Esta coleção de quatro histórias seria notável apenas por juntar na forma de livro várias histórias que ganharam aclamação para Spinrad em sua publicação original. Mas os ensaios introdutórios cercando as histórias fazem disto uma coerente, poderosa, e altamente ácida vista da América. Quero dizer, o fator pH tornaria até o cabelo de Reagan branco.

Como todos os bons satiristas, Spinrad fala de uma plataforma moral de absoluta retidão. Ele não só sabe o que está errado, ele o odeia e quer destruí-lo. Sátira não é uma forma de arte para pessoas moderadas que estão determinadas sempre a entender e perdoar o outro cara. Spinrad procura entender só o bastante para subverter, o porquê de mesmo quando a ficção tropeça e morre, você sabe que ela tinha fogo em suas veias.

A mais perturbadora história é a última, "La Vie Continue", a qual aparece impressa pela primeira vez em Other Americas. Como uma história de um escritor americano expatriado que heroicamente logra os camisa-marrons de uma América fascista e os estúpidos da KGB da União Soviética, é sátira de matar e uma terrificante leitura de sci-fi.

Mas Spinrad escolheu fazer esse escritor um Norman Spinrad de 60 anos de idade. Por um lado, eu tenho que aplaudir sua coragem em fazer explícito o que todos os escritores secretamente fazem: atuar os papéis principais em nossas histórias. Por outro lado, é vagamente repulso ler uma história na qual o autor descreve-se como tendo cabelos "provocadoramente despenteados" e olhos "de aparência perigosa"; na qual o autor declara seu próprio texto como sendo tão efetivo e poderoso que governos poderosos gastariam milhões de dólares para silenciá-lo; e no qual o herói-autor termina no puleiro, tendo batido todo mundo em esperteza.

Porém vamos ser honestos sobre isto. Os romances de Heinlein trabalhavam exatamente do mesmo modo — ele apenas tinha o bom gosto para não nomear realmente seus heróis "Robert A. Heinlein". Se Spinrad tivesse tal bom gosto e autodomínio ela não seria Spinrad. É preciso um arrogante, convencido filho da mãe para escrever sátira que realmente pegue embaixo da sua pele.

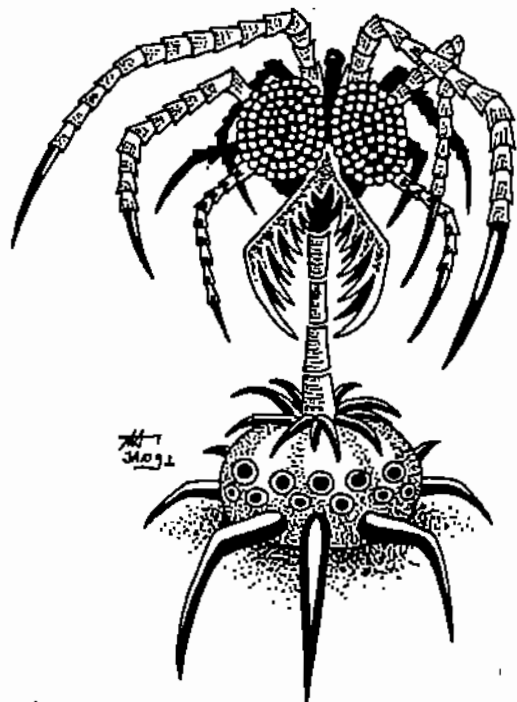
Esta história pegará embaixo da sua pele. — Trad. R. S. Causo.

Kristine Kathryn Rusch, ed., Pulphouse: The Hardback Magazine (Pulphouse Publishing, Box 1227, Eugene OR 97440 USA; 1988, encadernação em pano, 267 pags)

Dean Wesley Smith tem sido o santo patrono dos novos escritores nos últimos anos, com edições frequentes de Pulphouse Reports, um fanzine informativo para escritores. Mas nenhum daqueles despreziosos e de aparência de fanzine alcança esta nova publicação, Pulphouse: The Hardback Magazine. E ditado por Kris Rusch, esta é uma antologia de histórias quadrimestral, publicada em capa-dura com uma fita costurada.

Mas você não pode julgar um livro pela capa, certo? Então de uma boa olhada no índice. Ficção por Harlan Ellison, Kate Wilhelm, Charles de Lint, Edward Bryant, Steve Rasnic Tem, Michael Bishop, J. N. Williamson, William F. Wu, Nina Kiriki Hoffman — eu mencionarei alguns nomes que você não reconhece? Se não, em que planeta você vive?

Eu ainda não terminei de ler a primeira edição, mas até aqui posso atestar que estas não são "histórias de baú" — os autores estão entregando trabalho sólido. Você procura por boa ficção curta, ou você não assinaria esta revista (ou fanzine). Então se o preço não derruba você de saída, dê uma chance a este livro. Como toda revista, é uma bolsa misturada — você não gostará de tudo nela. Mas se esta primeira edição é um sinal das coisas por vir, eu penso que você gostará o bastante das histórias em Pulphouse para pô-lo lá na estante com as revistas e antologias indispensáveis no nosso campo. — R. S. Causo.



# CLASSICS

## O Segundo Rosto

por GILBERTO SCHOEREDER

Um homem de meia idade anda pelo meio da multidão no metrô de uma grande cidade. Empurrado de um lado para outro, ele apresenta todos os sinais de alguém nos estágios finais do desespero e terror. Procura algo. Alguém lhe entrega um cartão, e depois disso sua vida muda completamente.

O Segundo Rosto começa assim, num clima de muita tensão, construído com a capacidade do grande diretor John Frankenheimer e do fotógrafo premiadíssimo James Wong Howe. Tudo isso e mais o roteiro de Lewis John Carline transformaram o filme num momento único no cinema de suspense e ficção, e deu ao super-astro Rock Hudson a melhor interpretação de sua carreira.

O homem de meia idade - John Randolph - está cansado de sua vida. O cartão que recebeu leva-o a uma organização especializada em fornecer novas identidades às pessoas frustradas como ele. É um trabalho completo, ilegal e altamente elaborado tecnicamente. O homem ganha um novo rosto - o de Rock Hudson - e uma vida nova. A organização se encarrega de fazer com que ele seja dado como morto, para poder surgir como outra pessoa. Escolhe a vida que sempre quis ter, mas não conseguiu ou não teve coragem de seguir. É jovem mais uma vez. Só que a oportunidade para fazer o que bem entende não é exatamente o que ele estava imaginando, e Rock Hudson vive um verdadeiro pesadelo. Ele é levado para uma casa na praia, e tem um mordomo que deve lhe dar todas as indicações do que deve fazer e como se comportar em sua nova vida. E as coisas até que parecem em ordem, até que ele descobre que todas as pessoas nas redondezas passaram pelo mesmo processo, e que eles devem formar uma sociedade fechada, como se o resto do mundo não existisse mais para eles. Daí para o arrependimento e o

desejo impossível de retornar ao que era, é um passo.

O que talvez mais impressione em Seconds é que ele mantém o clima e ritmo de loucura e estranheza do começo ao fim. Praticamente não existem os momentos de alívio da tensão da pressão exercida sobre o personagem e, conseqüentemente, sobre os espectadores. Estamos acostumados à preparação para os instantes mais importantes, para o susto ou para o clímax. O ritmo cai um pouco, dá a impressão de segurança, para logo em seguida armar nova armadilha. Em O Segundo Rosto isso não acontece. A pessoa cai na armadilha quando começa a assistir e a tensão não afrouxa até acabar. A colocação de câmera de Wong Howe não permite que o espectador acredite na felicidade de Rock Hudson, por mais que tente demonstrá-la. A interpretação de Hudson nesses momentos, quando está na casa de praia e encontra um novo amor, amigos e emoções, é sensacional. Seu rosto transmite uma espécie de felicidade artificial, de um homem que tenta desesperadamente acreditar que tudo aquilo é real, mas não consegue. A festa em sua casa, quando ele descobre que existem assuntos sobre os quais não pode falar é aterradora, com as imagens distorcidas e closes de rostos que tentam ser verdadeiros mas não conseguem esconder o medo constante.

As únicas pessoas relamente tranquilas e sem problemas na história são os membros da organização. Totalmente frios e sem escrúpulos, refletindo uma visão que alguns críticos atribuem ao diretor Frankenheimer, que vivia um período de desilusão crescente com a tecnologia e o poder que ela possibilita (uma visão que ele também explorou nos excelentes Sob o Domínio do Mal, em 62, e Sete Dias em Maio, em 64). O final reforça esse ponto de vista. É o único momento de serenidade no

filme, a única fuga possível para o pesadelo, e é a morte do personagem.

O SEGUNDO ROSTO (Seconds). EUA, 1966, Paramount. Direção: John Frankenheimer; Produção: Edward Lewis; Roteiro: Lewis John Carlino; Fotografia: James Wong Howe; Com Rock Hudson, Salome Jens, John Randolph, Will Geer, Richard Anderson, Murray Hamilton, Wesley Addy. 106 minutos P&B.

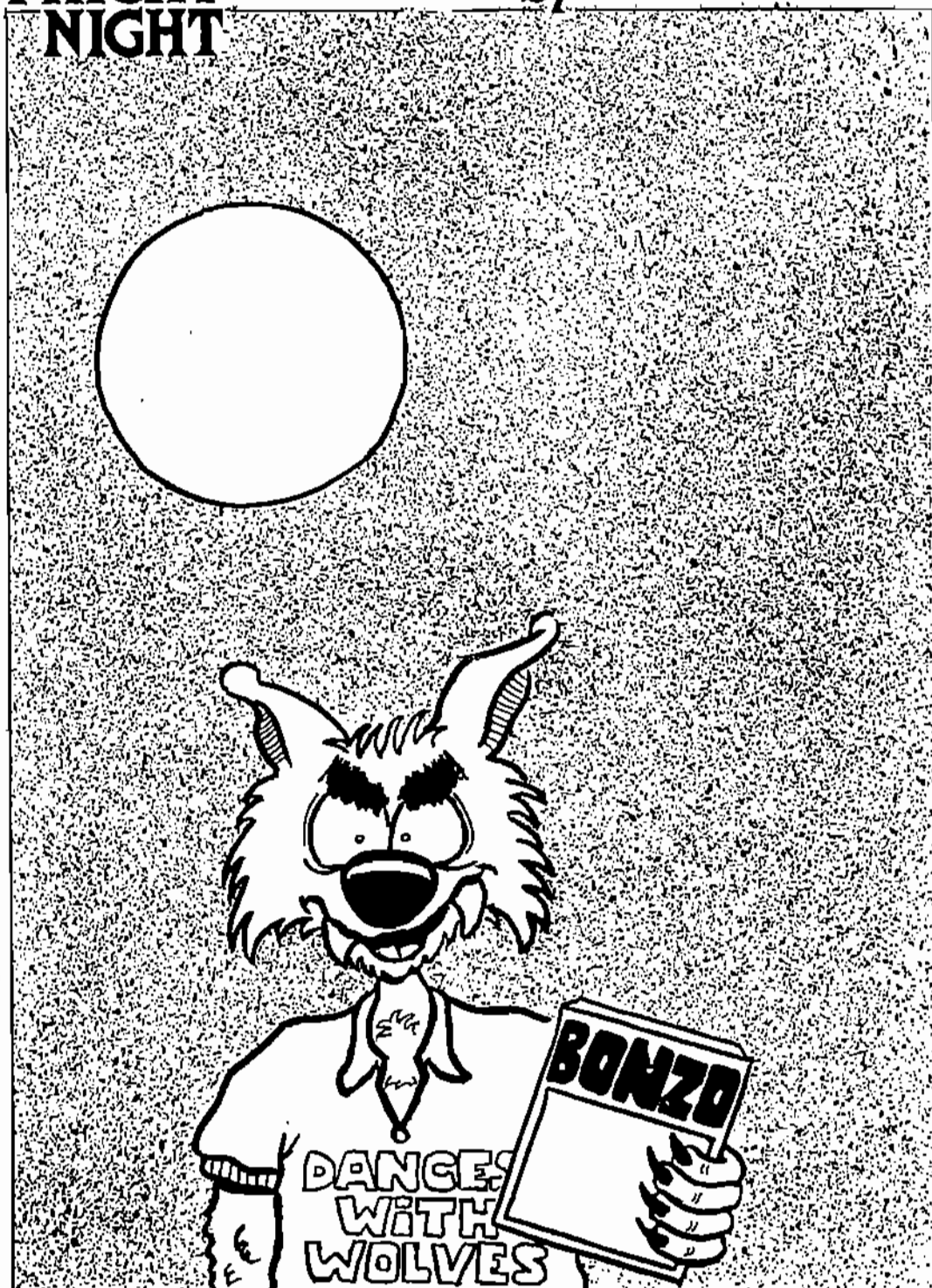
GALERIA DO TEMPO - por Miguel Carqueija - continuação da página 36.

Essas objeções não impedem que o romance seja interessantíssimo até o dia de hoje, quando a sua presciência - e de sua continuação, A Roda da Lua - impôs-se à evidência. Mas Verne é um escritor que conduz a narrativa passo a passo, com meticulosidade de arqueólogo - por isso deve ser lido com calma para ser bem apreciado.

Julio Verne (1828-1905), romancista francês, deu o grande impulso à FC assinando dezenas de obras marcantes do gênero, nas quais previu muitas das maravilhas modernas. Autor de O Eterno Adão, Vinte Mil Léguas Submarinas, Viagem ao Centro da Terra, O Capitão Hátteras e Cinco Semanas em um Balão.

## FRIGHT NIGHT

by RODDY PERKINS



MEGALON

MAR/ABR

91

- Levam balas de prata, ainda val. Mas, ficar sem Bonzo, o negócio já engrossa.

40



# CARTAS

- Venho uma vez mais a essas páginas para comunicar que infelizmente a publicação de Vortex está temporariamente suspensa por tempo indeterminado devido à falta de apoio e total desinteresse do fandom nacional pelo fanzine. As publicações alternativas não tem fins lucrativos, pelo contrário, o prejuízo financeiro é cada vez mais crescente principalmente se vivemos num país de economia instável, como é o nosso caso. Essas publicações tem como único objetivo a divulgação de alguma coisa, que no caso do Vortex é o cinema fantástico. No Brasil, o espaço para fanzines na área de FC e horror (cinema e literatura) é grande na teoria, pois há pouquíssimas publicações em vigor, porém o que vemos na prática é a difícil sobrevivência dessas publicações devido à falta de interesse das pessoas que dizem gostar dos gêneros. Para esses fãs, a existência ou não de fanzines é a mesma coisa. A impressão que se tem é que eles estão fazendo um favor ao assinar um fanzine ou ao enviar um artigo, quando na verdade é o Editor dessas publicações que está fazendo um grande favor ao colocar um veículo informativo à disposição deles e é o Editor que dá espaço para que eles possam divulgar seus trabalhos. A mentalidade do fandom nacional em relação aos fanzines está totalmente atrasada em comparação com os países de primeiro escalão na área da FC e horror. Enquanto não houver uma valorização das publicações alternativas e não-profissionais, o progresso e desenvolvimento desses gêneros em nosso país continuará caminhando lentamente. Por fim, eu gostaria de agradecer aos pouquíssimos assinantes e desculpar-me pela interrupção na publicação Vortex pelos motivos já explicitados. Aproveito também para desejar vida longa e próspera ao MEGALON, uma das mais autênticas publicações não-profissionais do universo fantástico. -- Renato Rosatti, São Paulo - SP.

R: Faço às suas palavras e idéias emitidas nesta carta-desabafo, as mi-

nhas próprias. É lamentável a falta de interesse e apoio por parte do fandom tupiniquim. E é um paradoxo na medida em que a FC nacional vive um ótimo momento, que haja tão poucas publicações voltadas ao gênero. Nos EUA existem seis revistas profissionais, fora os semi-prozines. Nem por isso as publicações amadoras perdem o carinho e importância, existem centenas de fanzines por lá. É necessário colaborar e sustentar o Somni-um, Papêra Uirandê, ENPE, MEGALON; além de estimular e permitir a criação de mais fanzines. Quanto mais zines, mais portas se abrem a trabalhos inéditos de autores conhecidos (sem lugar para publicar) e novos (onde um veículo amador é o local ideal para um primeiro contato de seu trabalho junto aos leitores), e em consequência a própria qualidade destes trabalhos subirá pelo crescente exercício de criação. Este nosso fandom é muito acomodado e mal acostumado, apenas uma dezena de teimosos e abnegados tocam o barco, senão ele já tinha naufragado há muito tempo. Como não creio que sua carta (e minha resposta) altere esta situação ambígua, fica o registro e o protesto, seu, meu e de quem produz a FC no Brasil, seja escrevendo, desenhando, editando e organizando o meio nos bastidores.

NOTA: esta carta, é na verdade o editorial da última edição do Vortex. Como pouquíssimas pessoas possuem este exemplar, Rosatti enviou para este zine, para que boa parte do fandom tomasse conhecimento da situação.



- Existe uma fraternidade entre fanzines, por isso venho pedir para divulgar um outro, no qual colabore, mesmo pertencendo a outra área. Trata-se do Rita per noi, editado pela Doris Mello Matos de Castro e dedicado à cantora-atriz italiana Rita Pavone. Eu sou o nº 87017 do Fã-Clube Mundial de Rita, a quem conheço pessoalmente, e adianto que o fanzine em questão é confeccionado com muito carinho. Os interessados escrevam para a Doris, pela Caixa Postal 20014 CEP 02598, S. Paulo, SP. -- Miguel Carqueija, Rio de Janeiro, RJ.

R: Ok, Miguel, está dado o toque. Fãs da Rita, vamos prestigiar!-----

- Recebi o MEGALON 14, que está cada vez melhor mesmo, e espero que minha carta surta o efeito pretendido. E como você me "intimou" a mandar o artigo sobre os 10 nºs iniciais da IAM e as técnicas de escrever Ficção, para o MEGALON, o faço agora, enviando o mesmo já datilografado, revisado e em duas colunas seguindo a paginação adotada pelo fanzine justamente com o intuito de colaborar com o editor - e também visando que o artigo seja publicado o mais rápido possível, uma vez que como trata dos 10 nºs iniciais da IAM, ele pode ficar ultrapassado logo, logo. Portanto não encare eu mandar o artigo já dessa maneira como uma ingerência em seu trabalho, ok? Acho que você deverá recortar as colunas e montá-las novamente sobre outra folha, para compor as páginas originais, uma vez que da forma que fiz, está faltando as vinhetas, o título em tipo maior e até mesmo um pouco de margem do lado onde será grampeado. O artigo é de amador, bem simplório, escrito em tempo mais curto do que eu pretendia, mas espero que sirva de alguma forma para levantar a questão sobre o formalismo do escrever ficção e assim todos nós viérmos a aprender mais um pouco. Aguardo teus comentários a respeito. Segue ainda mais duas ilustrações inéditas e outra que já enviei ao Somnium, mas segundo o Marcos, poderá não ser utilizada, já que está em tamanho ofício e, na cópia que enviei a ele, estava um pouco apagada. Mando também um conto inédito meu, bem curtinho, intitulado

do Os Grings, para avaliação e publicação se possível. E ainda, minha cédula de votação em seu Concurso MEGALON "Os Melhores da FC". Fiquei na expectativa do resultado. Anexo também meu cheque no valor de US\$ 7,00 (em cruzeiros, of course, cópia do paralelo do Jornal da Manchete de meio-dia de hoje (10/04), para renovação de minha assinatura. O fereço-lhe ainda, se quiser, traduções de entrevistas excelentes que tenho nas revistas Questar, Future Life e RBCC, com Van Vogt, Vonda McIntyre, John Varley, Larry Niven e Harlan Ellison, algumas justamente falando sobre o processo utilizado por estes escritores em suas criações (a Vonda cita inclusive sua participação em diversas vezes na oficina na Clarion). Como estou com o tempo exíguo e quero te enviar esta carta ainda hoje, comento apenas que a capa do MEGALON 14 está ótima (o Steven Fox é um verdadeiro profissional) e você faz bem em revesar os gringos com os artistas brasileiros, pois assim há uma chance de comparação e aprendizado; no editorial há um erro de português (é "necessário" e não "nesessário"); no conto do Calife, pg 10, faltou um "s" em "perfeito" (na 23ª linha) e se não me engano, a palavra "não", antes da palavra "fomos" também na 23ª linha; o Schima me surpreendeu com seu conto Vovó e as Bolotas e embora não o conheça pessoalmente, aqui seguem meus cumprimentos de público pela vitória no "Jerônimo Monteiro" (e também ao nosso amigo Casuso, claro!, pelo honroso 3º lugar). Schima tem criado um estilo todo próprio e característico em sua arte, e agora se destaca em literatura, unindo um grande senso poético à FC. A HQ Transmutações Biográficas eu já conhecia e tem um ótimo roteiro, enquadramentos, narrativa, etc, e só mesmo a arte é que tem algumas falhas, principalmente na finalização. No artigo do Mr. Quadrinhos sobre o Fantasma, ele menciona o livro Shazan como de autoria do Jô Soares, mas na verdade quem escreveu o livro foi Álvaro de Moya e apenas um capítulo foi escrito pelo Jô. O Book to Look For é uma das minhas prediletas colunas, como já tive oportunidade de dizer, mas peço apenas pelo tamanho miúdo das letras (que sei, se fossem maior teria

de ser mais curta - a coluna; o que não desejo) e pela tradução meio "embolada" e às vezes de não tão fácil compreensão (como uma tradução "ao pé da letra" e não em versão; como se traduzir ao vivo aquelas piadinhas que só americano entende, na abertura do "Oscar", saca?). Acho que é só amigo, bola pra frente e que la Force soi avec toi! -- José Carlos Neves, Montes Claros - MG.

R: Seu entusiasmo é contagiante, e transparece nas linhas que você escreveu acima. Sobre o debate, até o momento ninguém se manifestou, vamos aguardar. Seu artigo sobre os dez nº da IAM não é nada "simplório". É muito interessante e dá margem a muita discussão sobre o assunto e o processo de criação dos escritores de lá e os daqui. Sai na próxima edição. Vou tentar publicar como você me mandou, mas está um pouco difícil. Desde que a colaboração enviada esteja dentro do padrão do zine e caiba na página, não faço nenhuma objeção que seja produzido pelo próprio colaborador. Se eu quero as traduções das entrevistas com escritores? É claro! Pode mandar! Desde já agradeço muito. Seu conto e ilustrações sairão em breve, aguarde. No mais, um abraço e vamos em frente.

## NO PRÓXIMO MEGALON

--:O Maravilhoso conto Luiz Abbondanza Vianna, de Roberto Schima o grande vencedor do concurso de contos da Isaac Asimov Magazine.

- Com exclusividade no Brasil, a novela A Moeda de Cobre, uma absorvente mistura de mistério e ficção científica, do norte-americano Richard Stoker.

- Análise de José Carlos Neves sobre a literatura escrita nos dez primeiros números da Isaac Asimov Magazine

- Resultados finais e vencedores do I Concurso MEGALON "Os Melhores da FC".

- E as já tradicionais participações de Calife, Causo, Carqueija, Schoerder e Scott Card, além de ilustrações de Roberto Schima, Cesar R. T. Silva, Steven Fox...

- Assine agora e garanta seu exemplar!!!



